



**Universidade De Brasília**  
**Faculdade De Comunicação**  
**Departamento De Jornalismo**

**PRISCILA RAQUEL CRISPI VIEGAS**

**AMOR SEM RESERVAS:**  
**Blog sobre personagens e ações da compaixão**  
**[www.amorsemreservas.com.br](http://www.amorsemreservas.com.br)**

**BRASÍLIA - DF**  
**Julho 2011**

**PRISCILA RAQUEL CRISPI VIEGAS**

**AMOR SEM RESERVAS:  
BLOG SOBRE PERSONAGENS E AÇÕES DA COMPAIXÃO  
[www.amorsemreservas.com.br](http://www.amorsemreservas.com.br)**

Produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para a graduação em Comunicação Social – habilitação Jornalismo, sob a orientação da professora doutora Nelia Del Bianco.

Brasília  
2011

Dedico ao meu maior guia e conselheiro, o Espírito Santo,  
e àqueles que mais desejaram que eu chegasse até aqui -  
meus pais, Grisel e Silas, que amo com todo meu coração.

## **AGRADECIMENTOS**

Minha profunda gratidão ao meu melhor amigo, inspirador e dono deste trabalho e de toda a minha vida, meu Senhor Jesus Cristo. Com Ele tenho aprendido como viver um amor sem reservas. Obrigada por ser a vida em mim. Tudo isso é por causa dEle e para Ele é toda glória.

À minha mãe, Grisel, por me ensinar o valor das pessoas, da doçura, de uma fé sensível e da esperança em um mundo melhor. Ao meu pai, Silas, por ter me ensinado que tudo é possível ao que crê e que o amor sempre encontra um caminho. Obrigada por nunca terem me deixado desistir e terem amavelmente carregado comigo todos os pesos e alegrias dessa graduação e desses últimos 22 anos. Essa é pra vocês! Espero que estejam orgulhosos.

Ao meu irmão Rafael e minha nova irmã Thaise. Obrigada por serem os companheiros de todas as horas, inclusive nesse projeto. Rafa, valeu pelo empenho para botar o blog no ar, com navegabilidade e um design bonito, em meio a toda correria do casamento. Amo vocês!

À minha orientadora Nelia, que passei a considerar uma amiga. Muito obrigada pelos conselhos para o jornalismo e para a vida e por acreditar em mim, às vezes, mais do que eu mesma.

À Débora, por ter gentilmente e voluntariamente, fotografado algumas pautas. É muito surpreendente encontrar profissionais que trabalhem por amor.

À toda a minha família, sem exceções, porque sei que todos torcem muito por mim. Especialmente à minha pequena sobrinha, Manu, por me ensinar a simplicidade do amor.

Aos meus pastores e líderes da Comunidade Atos dos Apóstolos pelas orações, conselhos e todo cuidado que recebo de Deus através de cada um.

Aos meus irmãos em Cristo, principalmente, minha célula de jovens e meus pequenos discípulos, por me darem a oportunidade de colocar o amor em prática todos os dias.

À Gelli e à Glenda. Vocês têm uma pedrinha a mais na coroa por me suportarem (em todos os sentidos) nesse tempo. Muito obrigada, irmãs.

Às minhas amigas Alessandra Watanabe, Ana Carolina Seica, Bruna Sousa, Mariana de Paula, Mariana Niederauer e Vanessa Vieira, que foram a melhor coisa que cultivei durante a UnB. Relacionamentos valem mais que qualquer conhecimento.

À cada professor e servidor da Faculdade de Comunicação da UnB. Tenho muito orgulho de ter passado pelas mãos desses grandes profissionais.

Aos meus amigos de trabalho na Assessoria de Comunicação do MPDFT, especialmente meus chefes Gabriel Reis e Jun Tomikawa. Obrigada pela imensa compreensão, folgas e apoio para a realização desse projeto.

À cada personagem e instituição, relatados nesse trabalho, que admiro mais a cada dia. Na verdade, eu só contei histórias, vocês fazem o mais importante todos os dias. Obrigada pelas entrevistas, fotos cedidas e tanta paciência e atenção. Parabéns!

Aos amigos que fizeram o perfil do projeto no facebook bombar. Valeu por cada comentário.

## RESUMO

Temas como justiça e igualdade social estão sempre presentes em discussões sobre o objetivo de organizações e sistemas de sociedade. Esse projeto experimental registra iniciativas da sociedade civil que tenham o bem-estar coletivo como propósito de ação e intervenção social, sob a perspectiva da ajuda através do voluntariado e da militância pela causa de minorias e setores vulneráveis da sociedade. Pretende-se entender se motivações como solidariedade e compaixão são a força motriz dessas ações. Toda pesquisa e apuração desses temas são feitos através de um blog jornalístico, que funciona como espaço de participação junto ao público. O blog foi inaugurado por quatro grandes reportagens, que destacam trabalhos com crianças, excluídos sociais, povos estrangeiros e ajuda através da internet.

**Palavras-chave:** Igualdade. Intervenção social. Voluntariado. Amor ao próximo. Compaixão.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	1
INTRODUÇÃO .....	7
1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	10
2 JUSTIFICATIVA .....	12
3 OBJETIVO .....	13
4 REFERENCIAIS TEÓRICOS .....	14
4.1 CONTEÚDO.....	14
4.2 BLOG JORNALÍSTICO .....	22
5 METODOLOGIA .....	26
5.1 REPORTAGENS .....	26
5.2 BLOG.....	33
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
GLOSSÁRIO.....	40
APÊNDICE A – Roteiro de perguntas para os entrevistados .....	45
APÊNDICE B – Teste de logos.....	47
APÊNDICE C – Imagem da capa do blog .....	48
APÊNDICE D – Matérias publicadas no blog .....	49
CRONOGRAMA .....	1036

## INTRODUÇÃO

Segundo relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil tem o 3º pior índice de desigualdade do mundo e é o país mais desigual da América Latina, sendo que 50,6% da renda está concentrada com os 10% mais ricos<sup>1</sup>. Isso significa dizer que grande parte da população vive em condições precárias de moradia, educação, saúde e lazer.

Em nosso país existem 8,9 milhões de pessoas que vivem com uma renda domiciliar inferior a US\$ 1,25 por dia<sup>2</sup>. Uma pesquisa<sup>3</sup> da Universidade de Brasília concluiu que, só no Distrito Federal, 2,5 mil pessoas moram na rua.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou que quase um milhão de adultos comete suicídio todos os anos. Isso é mais do que o número de mortos em assassinatos ou vítimas de guerra no mundo<sup>4</sup>. Em estimativa calculada pelo Instituto Nacional de Câncer, crianças de cinco a nove anos perdem cerca de 40 anos potenciais de vida por adquirirem a doença<sup>5</sup>. A estimativa era que no Brasil, no ano de 2010, ocorreriam 9.386 casos novos de câncer em crianças e adolescentes até os 18 anos<sup>6</sup>.

Dados como esses comprovam a necessidade urgente de uma intervenção na realidade social. A atuação governamental no apoio e acompanhamento aos indivíduos que necessitam de atenção especial, por serem de alguma forma vulneráveis, é chamada de políticas públicas sociais. Aumentar o acesso a educação, cultura, saúde e prevenção, trabalho digno, moradia e os demais direitos garantidos à pessoa humana em nossa Constituição Federal apesar de ser responsabilidade primordial do Estado, também diz respeito a toda sociedade porque muitas das variáveis que estão envolvidas no acesso a oportunidades não estão sob o controle do Estado, como valores familiares, motivações e toda conscientização do que seria uma vida digna, que é construída socialmente.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://www.pnud.org.br/arquivos/ODM\\_CEPAL\\_1.doc](http://www.pnud.org.br/arquivos/ODM_CEPAL_1.doc). Acessado em 15/06/2011.

<sup>2</sup> Dados do PNUD de 2008. Disponível em: [http://www.pnud.org.br/odm/objetivo\\_1/](http://www.pnud.org.br/odm/objetivo_1/). Acessado em 15/06/2011.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.unb.br/noticias/unbagenda/unbagenda.php?id=5183>. Acessado em 15/06/2011.

<sup>4</sup> Dados da OMS (Organização Mundial da Saúde). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u35062.shtml>. Acessado em 15/06/2011.

<sup>5</sup> Número médio de anos potenciais de vida perdidos por câncer de todas as neoplasias malignas, por 1.000 habitantes, no Brasil, em 2008, partindo da premissa que o limite superior é 70 anos.

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.inca.gov.br/estimativa/2010/index.asp?link=conteudo\\_view.asp&ID=5](http://www.inca.gov.br/estimativa/2010/index.asp?link=conteudo_view.asp&ID=5). Acessado em 15/06/2011.



Nesse contexto, surge o questionamento de qual seria o papel de cada cidadão na construção de uma sociedade igualitária e na garantia do bem-estar coletivo. A sociedade civil tem demonstrado, por meio do aumento de associações, ONGs e ações pessoais de voluntariado, que entende como responsabilidade sua não só a cobrança para que o Poder Público atue nessas questões, mas também a intervenção pessoal nos grandes problemas sociais.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou, em 2005, mais de 300 mil Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos (FASFIL), que representavam 5,6% do total de entidades públicas e privadas de todo o país<sup>7</sup>. Segundo a pesquisa, pelas atividades desenvolvidas por essas instituições, sua vocação não é assumir funções típicas de Estado e sim defender direitos e interesses dos cidadãos e difundir preceitos religiosos.

Isso demonstra que, ainda que todos os direitos civis, políticos e sociais fossem garantidos pelo Estado, a expressão de valores como solidariedade, empatia, compaixão e amor estão ligados à necessidade de socialização e parecem ser tidos em alta estima pelas pessoas. Dessa forma, ações de ajuda que envolvam sacrifício pessoal em prol do outro podem ser reconhecidas, historicamente, antes mesmo que o Estado e a sociedade civil, organizados tal qual o conhecemos, fossem inaugurados.

O Brasil, inserido na cultura cristã ocidental, ainda é um país predominantemente católico. O censo de 2000 revelou que 89% da população professa o Cristianismo (entre católicos e evangélicos)<sup>8</sup>. O imperativo bíblico de *amar ao próximo como a si mesmo* é, assim, assimilado e interpretado por grande parte da população, acrescentando aos fiéis a responsabilidade de se importar com o sofrimento e as condições de vida daqueles que estão ao seu redor.

As contradições da prática desses valores em uma sociedade capitalista, que visa o lucro e a garantia da propriedade e interesses pessoais, é alvo da análise do blog *Amor Sem Reservas*. Além de ser um suporte para a produção independente, multimídia e coletiva de conteúdo, o blog também é um meio de compreensão desses conceitos, que podem ser construídos por meio do livre debate com a sociedade.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/fasfil/2005/fasfil.pdf>. Acessado em 22/05/2011.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/religiao/brasil.html>. Acessado em 25/06/2011.

Por isso, o projeto não se resume à sua produção atual, mas abre grandes possibilidades de continuidade como um espaço para a veiculação jornalística de informações sobre causas sociais e engajamento pessoal.

O blog não faz qualquer apologia a práticas religiosas ou bandeiras partidárias. O uso do relato humanizado e da reportagem em profundidade coloca em primeiro plano as pessoas que recebem e oferecem as ações, usando os valores jornalísticos de noticiabilidade e objetividade para despertar o interesse do leitor para um assunto cotidiano, que o afeta em sua individualidade.

Além de perfis, que contam histórias pessoais de atores que intervêm na realidade social, textos sobre organizações trazem minha impressão, vivenciada pela observação participante das ações. Outras duas sessões editoriais contam com a contribuição de textos de articulistas e leitores e indicações de bibliografia e material multimídia sobre o tema. O blog traz também ferramentas de participação como espaços de comentário e links para o perfil do projeto nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*.

Quatro grandes reportagens inauguram o blog partindo dos seguintes eixos de trabalho: com crianças e adolescentes, com minorias excluídas socialmente, com povos estrangeiros e através da internet.

## 1 PROBLEMATIZAÇÃO

Este projeto nasceu da inquietação pessoal de pensar qual a responsabilidade que eu tenho, e dessa forma que cada indivíduo tem, para com o sofrimento alheio. Entender o que leva algumas pessoas a dedicarem suas vidas para ajudar a outras, em oposição à natural indiferença que muitos apresentam, era o principal problema de pesquisa desse produto. O que essas pessoas têm de especiais?

Partindo disso, algumas perguntas centrais nortearam as entrevistas realizadas: o que cada um entende por amor ao próximo e de que forma isso está ligado às atividades que realizam, o que sentimentos como compaixão tem a ver com a melhoria de condições sociais e quais experiência vivenciadas estão por trás desses valores construídos.

Durante o processo de apuração, pude constatar que muitas pessoas envolvidas em ações de ajuda o fazem por motivações religiosas, o que me levou a novos questionamentos de ordem teológica e filosófica. Qual o papel das religiões na mudança da realidade social? Qual a natureza do amor? É um sentimento, uma decisão? É natural ao ser humano, é motivado pela culpa, é ensinado socialmente? O amor por desconhecidos em necessidade tem uma natureza diferente daquele vivenciado entre familiares, parceiros amorosos e amigos? De onde viria essa consciência natural de amar, caso exista? De Deus? Todas essas perguntas foram exploradas nos textos produzidos.

Além disso, a pressão de se fazer o bem, que tem crescido no contorno social, também foi alvo de investigação. As pessoas fazem o que fazem para se sentirem socialmente aceitas e até mesmo, profissionalmente mais preparadas? Como as empresas têm aproveitado esse valor humano para criar uma cultura de solidariedade e melhorar sua imagem perante a sociedade? Até que ponto o voluntariado é apenas uma forma um marketing pessoal? A importância do trabalho para a aparência social e o valor mercadológico das ações também nortearam esse trabalho acadêmico.

Visto que o jornalismo é o campo do contraditório e que a premissa de se contrapor visões garante a objetividade jornalística, uma questão primordial surgiu: como abordar um assunto que é aparentemente inquestionável? Fazer o bem é um valor assumido pela sociedade, portanto as reportagens dificilmente trariam opiniões contrárias. A decisão, nesse sentido, foi por uma proposta diferenciada de fazer jornalismo. Em vez de trabalhar com o jornalismo tradicional e seus paradigmas e valores notícias, a proposta do blog seria exercitar o jornalismo público.

Silva, em seu livro “Jornalismo Público”, defende que essa nova modalidade tende a não pautar assuntos sociais, simplesmente, mas tratá-los de maneira diferente. O jornalismo público, ou cidadão, agrega novos valores notícia para análise e orientação do público quanto a problemas sociais. Nesse sentido, a questão não é mais a objetividade somente, pois esse tipo de produção não tem o propósito simplesmente de informar e agendar, mas de orientar o público para a solução de problemas. Seria um jornalismo vocacionado para a mudança e o avanço social, para a tomada de consciência da responsabilidade de todos, “em contraposição ao velho paradigma do jornalismo que tão somente fatura em cima dos dramas do ser humano e da humanidade” (SILVA, 2006, p. 8-9).

O blog trata o tema do amor de maneira muito diferenciada daquela que habitualmente não só a mídia, mas as artes e outros campos do conhecimento tratam – o amor romântico. O amor traz para ações de solidariedade o elemento do incerto, o campo do impalpável e talvez esse seja o motivo pelo qual o jornalismo o separou das ações humanitárias. Essa ligação foi proposta como valor notícia por esse produto na tentativa de abrir novos caminhos na cobertura de assuntos sociais, levando o assunto para mais próximo da consciência do público. Além disso, outro valor notícia evidenciado é o do extraordinário. A ideia era destacar no meio da sociedade pessoas que fazem do amor uma prática diária, a partir de suas histórias, que são notáveis por serem incomuns.

A apuração em si trouxe problemas sobre técnicas de entrevista. Até onde ir com os personagens quando se percebe que o assunto tornou-se pessoalmente desconfortável? Como discernir pela auto-descrição as verdadeiras motivações de um voluntário? Quais fontes secundárias poderiam validar as informações colhidas com os personagens?

No processo de produção surgiram questionamentos sobre qual a melhor abordagem para as matérias. Qual o foco que os textos deveriam apresentar – discussões políticas e teológicas ou experiências pessoais? Uma vez assumido que os personagens seriam os condutores da narrativa, foi preciso decidir entre os vários estilos jornalísticos para a descrição das histórias dos personagens, qual seria o mais adequado e de que maneira o texto se adaptaria mais à linguagem do meio digital.

No que diz respeito à apresentação e publicação do conteúdo, apareceram questões como qual a melhor maneira de incentivar a participação dos internautas na discussão pelas redes sociais, como esquentar os debates surgidos nos comentários dos textos e qual formato e aparência tornaria o produto mais acessível e dotaria o blog de maior navegabilidade.

## 2 JUSTIFICATIVA

O amor já mereceu muitas páginas, mas esse trabalho se mostra relevante, pois enquanto o amor influenciar a experiência humana e for importante dentro das relações sociais, continuará sendo alvo de investigações. Além disso, pautas de interesse humano e que envolvam melhoria social sempre são um bom exemplo de casamento entre interesse público e interesse do público.

Ensinar e inquietar a partir de exemplos é um serviço essencial do jornalismo à sociedade. Na medida em que leva o leitor a pensar sobre sua contribuição para a coletividade e seu papel no mundo, o blog *Amor Sem Reservas* é de grande valia para a produção acadêmica.

A abordagem sobre as pessoas que estão por trás do voluntariado e como essas atitudes persistentes de solidariedade contrastam com a visão de autores como Zygmunt Bauman sobre mundo moderno, de relacionamentos superficiais e individualismo, traz um novo olhar sobre as ações da sociedade civil organizada. Além disso, o trabalho inova quando questiona a forma como essa mesma modernidade tenta padronizar o amor em um imperativo de responsabilidade cidadã.

Este blog não se confunde com outros sites de incentivo ao voluntariado ou com um banco de informações sobre instituições que precisam de ajuda. São histórias contadas do ponto de vista jornalístico que serão exemplos de um estilo de vida diferenciado.

A escolha de um blog como meio baseou-se em seu formato versátil, que permite criar diferentes tipos de conteúdo, com um baixo custo de manutenção e um alcance incalculável. Para debater assuntos em nível pessoal e divulgar histórias de vida, nada mais apropriado do que essa mídia que tem a característica inicial de ser um espaço democrático e íntimo, deixando o leitor mais próximo do que em meios impressos.

Ao longo de 2009, o número de pessoas com acesso à internet em algum ambiente cresceu 8,2% no Brasil, segundo um levantamento feito pelo Ibope<sup>9</sup>. Isso corresponde a 67,5 milhões de brasileiros acima de 16 anos. Em fevereiro de 2010, o instituto revelou que o acesso a redes sociais, blogs, bate-papos, fóruns e outros sites de relacionamento, teve alcance de 86,3% na população. Isso faz do Brasil um recordista mundial no ramo: 31,7 milhões de pessoas navegaram por sites do gênero naquele mês.

---

<sup>9</sup> Fonte: <http://info.abril.com.br/noticias/internet/acesso-a-internet-cresce-8-2-no-brasil-31032010-19.shl>. Acessado em 10/07/11.

### **3 OBJETIVO**

Produzir um blog jornalístico para divulgar histórias e ações de pessoas ou entidades que trabalhem pelo bem-estar coletivo, criando um espaço para que o leitor repense e divulgue seus conceitos sobre o amor e a compaixão. Com isso, participar da construção de uma consciência solidária, que venha despertar as pessoas para sua responsabilidade com o outro, os problemas e desigualdades ao seu redor, levando a sociedade do sentimento à ação de ajuda.

## 4 REFERENCIAIS TEÓRICOS

### 4.1 CONTEÚDO

O amor tem sido objeto de reflexão ao longo dos séculos, nos mais variados campos do conhecimento, alcançando das artes até a produção científica. Schoepflin (2006) em sua obra “O amor segundo os filósofos”, afirma:

Pensadores de todas as épocas, defensores das concepções mais diversas do mundo e da vida perceberam o fascínio do amor, debatendo com grande dedicação suas idéias a respeito, tanto assim que as suas teorias acabaram constituindo um autêntico grande mosaico extremamente sugestivo (SCHOEPFLIN, 2006, p. 9).

Nomes importantes refletiram sobre o tema, como Platão, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Jean-Jacques Rousseau, Arthur Schopenhauer, Soeren Kierkegaard, Jean-Paul Sartre, entre tantos outros.

Segundo Schoepflin, podemos classificar os estudiosos do amor entre um grupo majoritário que aceita a possibilidade de vivência deste, e outro que o considera uma realidade inexistente e inalcançável. Dos primeiros, surge o grupo dos filósofos que tributam ao divino a existência e o valor positivo do amor, divergindo daqueles que consideram o amor como uma dimensão exclusivamente humana.

Na obra de Schoepflin ações como a ajuda, o doar-se, o enxergar o *outro*, estão presentes nas reflexões de vários autores a respeito desse sentimento. O amor pode não ser a única motivação que leva as pessoas a fazerem intervenções na realidade social, mas o objetivo deste trabalho é entender como e quando essas duas coisas se aproximam. Alguns teóricos acreditam no amor como uma realidade única, em todas as suas manifestações. Outros, porém, destacam vários tipos de amor, e entre eles um que se aproxima muito de conceitos como compaixão e solidariedade, que levariam o indivíduo a uma comoção por outras pessoas em estados de necessidade e a uma conseqüente ação de intervenção.

A alcunha *amor ao próximo* aparece nos escritos com inspiração cristã de várias maneiras. Notadamente diverso de um amor erótico ou responsivo, se dirige a humanidade de maneira geral. No pensamento de Santo Agostinho a justiça está ligada ao amor e somente este pode estabelecer uma ordem igualitária entre os homens (SCHOEPFLIN, 2004, p. 17). Paralelamente, o francês Emmanuel Levinas defende que o valor que há no *outro*, em todo ser humano; a responsabilidade que cada indivíduo tem uns para com os outros; e a mesma justiça de Agostinho, seriam a base tripla do amor (SCHOEPFLIN, 2004, p. 49).

A natureza e fonte desse amor foram alvo das investigações de Jean-Jaques Rousseau, que defendia que o amor encontra-se em sua dimensão mais autêntica incutido no *estado de natureza* em que o ser humano se encontra antes de sua contaminação com a sociedade e o progresso. O querer o bem está na origem do homem, porém a vida social o converte em um ser egoísta e violento. (SCHOEPFLIN, 2004, p. 27).

São Tomás de Aquino também sustentava que existe em toda pessoa a predisposição natural para amar, estabelecida por Deus no momento da criação. Sua dimensão unitária do amor quebra a barreira de diferenciação entre o amor humano e o amor provindo do criador. (SCHOEPFLIN, 2004, p. 20-21).

É nesse aspecto que, como já citado, se difere de outros autores como Arthur Schopenhauer. Este enxerga dimensões diversas desse sentimento. O amor estaria baseado na vontade de viver e se reproduzir e seria totalmente negativo, centrado no instinto sexual. De maneira oposta, ele admite a existência do sentimento de compaixão, que seria a capacidade de participar da dor do outro, em solidariedade e partilha. É um amor puro, semelhante ao amor cristão, isto é, um amor-caridade que, no entanto, não desperta satisfação, mas apenas piedade para com a condição própria e alheia, incuravelmente dolorosa (SCHOEPFLIN, 2004, p. 32).

Em oposição a autores como Ludwig Feuerbach, que descrevia o amor como característica puramente humana, estão Antonio Rosmini, Soeren Kierkegaard e Jacques Maritain. O primeiro negava completamente a existência de um Deus motriz do amor e debitava à corporeidade, à paixão e ao instinto sexual a origem do sentimento amor. Ele defendia que o ateísmo era um dever moral do cidadão, pois somente entendendo o amor como algo material poderia inaugurar-se uma filantropia universal entre os homens, sem imposições de um mandamento divino (SCHOEPFLIN, 2004, p. 35-36).

Os demais citados devotam totalmente à graça divina a possibilidade do amor. Para Rosmini, é impossível amar sem a operação da graça, pois o amor verdadeiro é a expressão de Cristo amando através do ser humano e por isso ele seria ilimitado (SCHOEPFLIN, 2004, p. 33). Kierkegaard defende que o ser humano precisa da ajuda de Deus para viver o amor. Para ele, existe uma dimensão humana do amor, mas sua forma mais elevada revela-se a partir dos cristãos.

O amor divino derruba qualquer outra ideia a respeito deste sentimento e faz com que todas as outras formas de amor pareçam, na realidade, formas de egoísmo mais ou menos camuflado. De fato, somente o amor de Deus e por



Deus eleva as relações interpessoais acima dos sentimentos puramente humanos para projetá-los na esfera da caridade verdadeira. Somente nesse contexto estritamente evangélico é possível realizar a perfeita circularidade do amor, que liga de forma inseparável Deus e os irmãos (SCHOEPFLIN, 2004, p. 38).

Esse mesmo amor diferenciado é chamado por Mauritian de pleno, ou louco, e leva a doação total de si mesmo. É encontrado tipicamente no relacionamento entre o homem e Deus e baseia-se na gratuidade (SCHOEPFLIN, 2004, p. 43).

O conceito de amor sacrificial, altruísta e sem reservas, que dá o nome a este trabalho, surge, dessa forma, nos escritos de pensadores de inspiração cristã. Valls (2010), quando escreveu a respeito das ideias de Kierkegaard, disse que esse tipo de amor

é um amor cristão, e por consequência precisa ser, na expressão paulina, ‘escândalo para os judeus e loucura para os pagãos’. Loucura ou insensatez para os pagãos significa, se não estamos enganados, algo assim como ‘ilógico para os gregos e para todos aqueles que se formaram segundo a filosofia’. Pois assim terá de ser o amor cristão, como tudo que é cristão, pensem o que quiserem os nossos filósofos (VALLS, 2010).

Partindo dessa premissa, é possível investigar na literatura cristã muitas reflexões a respeito da manifestação do amor ao próximo, que é estudado aqui apenas por se apresentar como um tipo de amor diferenciado, que ultrapassaria as fronteiras naturais das empatias sanguíneas e de proximidade para se estender a toda humanidade, em especial para aqueles que estão próximos e em necessidade. A validade da pesquisa justifica-se aqui pela influência que esse mandamento cristão pode oferecer para a nossa sociedade brasileira, como já citado, que notadamente se professa cristã. O trabalho pretendia investigar como esse conceito de amor diferencial apresenta-se como ingrediente motivacional para pessoas que se engajam em causas sociais.

Nem todos os personagens identificados para a produção deste blog confessaram viver uma experiência cristã que os levou a fazerem o que fazem e este não foi o critério de avaliação utilizado para a escolha dos entrevistados. Porém, o estudo do amor cristão, denominado *amor ao próximo*, se fez válido nessa bibliografia justamente por atribuir aos fiéis um sentimento exclusivo e também irrestrito pelo ser-humano de maneira geral.

O livro “Louco Amor”, do pastor canadense Francis Chan e Danae Yankoski, sugere que a experimentação do amor de Deus para com o ser-humano naturalmente levará o ser amado à amar outros homens. Para ele, também, essa dimensão do amor sacrificial só pode ser experimentada pelos cristãos. Nesse ponto, ele faz uma ressalva de que não podem ser

chamados de cristãos todos aqueles que o assumem dentro dos padrões e limites estabelecidos socialmente para um bom cidadão que *crê em Deus*.

A igreja é um lugar difícil para se sentir a vontade quando uma pessoa deseja colocar o cristianismo do Novo Testamento em prática. Os objetivos desse cristianismo costumam ser um bom casamento, filhos muito comportados e uma boa frequência na igreja. Levar as palavras de Cristo a sério é coisa rara. Isso é para os “radicais” que estão “fora de sintonia” e “passam dos limites”. A maioria de nós deseja uma vida segura, equilibrada para que possa ser controlada e que não envolva sofrimento (CHAN; YANKOSKI 2009, p. 64).

Ele contrapõe o perfil de pessoas que não vivenciam esse amor, a despeito de serem chamados cristãos, com aqueles que manifestam um amor *sobrenatural*. Ao primeiro grupo, os chama de *mornos*, segundo a tipologia bíblica, e ao segundo, *obsecados*. Para o pastor, a ideia de haver um verdadeiro cristão, alguém salvo por Cristo, que não manifesta esse amor, é inconcebível.

Um cristão morno é uma contradição; na verdade, esse conceito não existe. Sendo bem objetivo, o que quero dizer é: as pessoas que frequentam a igreja, mas são mornas, não podem ser consideradas cristãs. Não as veremos quando chegarmos ao céu (CHAN; YANKOSKI, 2009, p. 79).

Essa capacidade de doar tudo e liberalmente seria possível apenas para alguém que, verdadeiramente, passou pela experiência espiritual de se tornar um cristão porque exige do ser-humano *um coração novo*, que é concedido mediante a fé em Cristo como sendo Deus. “É exatamente esse tipo de amor que o mundo considera uma loucura: o amor verdadeiro, um tipo de amor que não se pode encontrar em lugar algum. Só em Cristo” (CHAN; YANKOSKI, 2009, p. 126).

Esse seria o motivo pelo qual os cristãos se envolveriam com o próximo e a implicação principal de sua decisão por abraçar essa fé. A interação amorosa entre os seres humanos, em decorrência de uma interação amorosa com Deus, figura como a principal razão de suas existências, oferecendo real satisfação pessoal.

Em seu livro, “Amor Líquido”, o sociólogo Zygmunt Bauman defende que os critérios que elevam uma experiência ao padrão do que consideramos amor, abaixou consideravelmente com a modernidade. Para ele conceitos como compromisso e fidelidade: até que a morte os separe estão “fora de moda”. O amor baseado na afinidade, que se refere a relacionamentos amorosos, com a responsabilidade pelo outro, tem se desfeito em um movimento de unir-se e deixar-se.

A menos que a escolha seja reafirmada diariamente e novas ações continuem a ser empreendidas para confirmá-la, a afinidade vai definhando, murchando e se deteriorando até se desintegrar. A intenção de manter a afinidade viva e saudável prevê uma luta diária e não promete sossego à vigilância. Para nós, os habitantes desse líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha (BAUMAN, 2004, p.46).

Para ele, a necessidade inata do ser humano de ser amado, se sentir seguro e pertencente a algo, não o deixa se isolar completamente, mas o medo de se ver preso a uma única experiência o tem levado a experiências interpessoais voláteis. A sociedade moderna tem trocado o amor e o desejo profundo pelo impulso, a satisfação instantânea. Isso tem influenciado, inclusive, as relações de parentesco. A estabilidade imutável dos laços familiares tem se enfraquecido e transportado sua durabilidade para a base do merecimento, as dotando de maior preciosidade. Dessa forma, as pessoas se apegam com muito mais cuidado ao único reduto de alguma segurança emocional que tenha restado.

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu 'valor monetário' (BAUMAN, 2004, p. 96).

Para ele, o único companheirismo possível, nascente deste tipo de relação, é a parceira nas atividades de consumo. Nesse processo, o valor intrínseco de cada ser humano quase desapareceram de vista, sendo a solidariedade a primeira perda causada pela mentalidade de consumidor.

É nesse contexto que o autor destaca a não naturalidade de se amar o próximo. Em nossa cultura, é absurdo amar qualquer pessoa sem que essa tenha qualquer merecimento ou devolva algum reconhecimento por essa ação.

Eles o merecem se são tão parecidos comigo de tantas maneiras importantes que neles posso amar a mim mesmo (...) Mas, se ele é um estranho para mim e se não pode me atrair por qualquer valor próprio ou significação que possa ter adquirido para minha vida emocional, será difícil amá-lo (BAUMAN, 2004, p.97).

Por ir frontalmente contrário a natureza humana justifica-se como mandamento, visto que na visão de Bauman, a obrigação de se amar ao próximo talvez seja a mais difícil de ser cumprida de todas as normas a serem obedecidas.

Aceitar esse preceito é um ato de fé; um ato decisivo, pelo qual o ser humano rompe a couraça dos impulsos, ímpetos e predileções 'naturais', assume uma posição que se afasta da natureza, que é contrária a esta, e se

torna o ser ‘não-natural’ que, diferentemente das feras (e, na realidade, dos anjos como apontou Aristóteles), os seres humanos são (BAUMAN, 2004, p. 98).

A aceitação desse preceito, para ele, é o ato fundador da humanidade e a passagem decisiva do instinto para a moralidade, é de onde procedem todas as outras regras de convivência humana. Dado que o amor a si mesmo é um pressuposto para Bauman, um fato indiscutível, uma questão de sobrevivência, o amor ao próximo torna a sobrevivência humana diferente de todas as outras.

Isso porque ele acredita que o amor próprio é construído segundo os padrões do amor que recebemos e da consciência de que somos especiais, passíveis de sermos amados e portadores de um valor singular. Isso transformaria a experiência do amor em algo cíclico, que leva o autor a concluir que “amar ao próximo como a nós mesmos significaria então respeitar a singularidade de cada um” (BAUMAN, 2004. p. 101).

Diversa desse ideal, o autor defende que vivemos uma realidade em que as pessoas são expoliadas de sua dignidade e apredem a desrespeitar a dignidade do outro, levando os seres humanos a uma sobrevivência cruel, que pretende se manter a despeito de qualquer degradação pessoal ou do outro. “O valor, o mais precioso dos valores humanos, o atributo *sine qua non* de humanidade, é uma vida de dignidade, não a sobrevivência a qualquer custo” (BAUMAN, 2004. p. 106).

A mentalidade darwiniana de que sempre se deve sobreviver o mais adaptável, produz o que ele chama de *descartabilidade* do ser humano. A nova geração de crianças e jovens, segundo o autor, facilmente aceitaria a ideia de que um relacionamento se baseia na conveniência, no que cada um pode ganhar, e perpetua-se apenas enquanto as duas partes se sintam suficientemente satisfeitas para permanecerem, o menos possível, envolvidas. Ele diz: “o compromisso com outra pessoa ou com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional (...) parece cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo” (BAUMAN, 2004, p. 111).

Para Bauman, investir sentimentos fortes e votos de fidelidade em um relacionamento interpessoal significa tornar-se dependente da outra pessoa, no sentido em que Levinas cunhou o termo: como uma responsabilidade moral pelo Outro. (BAUMAN, 2004, p. 112).

É em Emmanuel Levinas que ele também reflete sobre a espontaneidade do amor manifesto enquanto compaixão. A simples pergunta do por que ser ético, qual o propósito, e consequente ganho da moral, já a torna amoral.

A moral nada mais é que uma manifestação de humanidade inatamente estimulada – não ‘serve’ a propósito algum e com toda certeza não é guiada pela expectativa de lucro, conforto, glória ou auto-engrandecimento. É verdade que ações objetivamente boas – proveitosas e úteis – têm sido muitas vezes realizadas em função do cálculo de lucro do agente (...). Esses atos, porém, não podem ser classificados como genuinamente morais precisamente por terem sido motivados (BAUMAN, 2004, p. 114-115).

A expressão espontânea da compaixão acontece, não por determinação, mas pela proximidade de outro ser humano em vulnerabilidade, que precisa de ajuda: “somos desafiados pelo que vemos. E desafiados a agir – a ajudar, defender, trazer alívio, curar ou salvar” (BAUMAN, 2004, 114-116).

Esse desejo de ajudar tem elevado as escolhas morais a níveis muito altos devido a outro fenômeno da modernidade (ver Glossário): o deslocamento dos conflitos do local para o global. O sofrimento alheio, que antes tínhamos acesso somente pela observação local, é agora trazido de longe, mediado pela comunicação. As elites, que podem circular em uma realidade global, se veem desligadas do *populus* local, que permanece preso ao espaço da cidade. Esse seria, segundo Bauman, o maior dos afastamentos sociais, culturais e políticos da nossa *líquida* sociedade moderna. O conflito de encontrar soluções locais para problemas globais deixa as pessoas, ainda que dispostas a exercerem sua justiça social, a mercê do furacão global de contradições.

Para resolver essa insegurança, o remédio encontrado tem sido isolar as realidades diversas e segregar tudo que for diferente. Essas medidas não resolveriam o problema, porque a verdadeira insegurança não tem suas raízes no medo da violência ou das diferenças de classes, mas de uma incerteza existencial, vinda da fluidez dos mercados de trabalho, da vulnerabilidade dos vínculos humanos e da precariedade dos compromissos.

Paolo Cugini, doutor em Filosofia e pároco de Tapiramutá (BA), em seu texto “Identidade, Afetividade e as Mudanças Relacionais na Modernidade Líquida na Teoria de Zygmunt Bauman”, afirma que

Na análise de Bauman, duas características fazem da modernidade líquida algo de novo e diferente, comparado ao modelo cultural anterior. A primeira é o desmoronamento da antiga ilusão moderna, ou seja: Da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um télos alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa...da ordem perfeita em que tudo é colocado no lugar certo [...] do completo domínio sobre o futuro (BAUMAN, 2005 *apud* CUGINI, 2008).

Para o autor ainda não se pode medir as consequências econômicas e culturais que a globalização está produzindo no cotidiano dos indivíduos modernos. O fenômeno está considerando tarefas que antes eram responsabilidade da coletividade como dever do indivíduo. Ele explica que “de agora em diante, vale somente aquilo que interessa para o indivíduo. Ninguém quer gastar mais o seu tempo para que os valores sociais sejam alcançados e realizados: vale somente o interesse individual” (CUGINI, 2008).

Cugini demonstra que a produção de Bauman em “Amor líquido” de 2004, aprofunda a reflexão sobre o abandono de valores antigo como a acolhida, o respeito ao estrangeiro e o mandamento evangélico de amar o próximo, devido ao imperativo de não se fidelizar a nada duradouro.

Tudo aquilo que foi inculcado nos séculos passados, seja para instituições religiosas, seja para entidades filantrópicas ou até ideológicas, ou seja, estruturar a própria existência sobre alguns valores considerados eternos e fundamentadas pelos costumes e pela cultura de uma particular sociedade, na modernidade líquida é considerado negativo. Se o problema, neste mundo fluido das rápidas mudanças, é sobreviver, então ninguém pode se permitir o luxo de ficar fixo a vida toda no mesmo esquema de valores (CUGINI, 2008).

O isolamento provocado pela incapacidade de se produzir vínculos profundos e a conseqüente troca destes por um grande volume de rápidos e superficiais contatos, também expressam a lógica de produção capitalista e seria o responsável indireto por problemas como desigualdade social e exclusão.

É um marco típico da cultura Ocidental olhar o mundo para transformá-lo, acreditando que a idéia elaborada racionalmente na mente não apenas é melhor que a mesma realidade, mas pode até ser reproduzida na realidade. É a presunção do homem que se considera melhor do que mesmo o Criador, pois quer recriar o mundo a partir dos seus sonhos, dos seus projetos. (...) É claro que isso produz restos, lixo, algo que deve ser descartado, pois, onde há projetos, há refugos. O lixo ao qual Bauman se refere não é apenas no sentido material, mas, sobretudo, humano. São milhões de pessoas que o mundo Ocidental evoluído trata como lixo, como algo indesejável, que deve ser descartado. A modernidade está elaborando um mundo para poucos. Numa sociedade de consumidores quem não tem dinheiro para adquirir a mercadoria, está fora, atrapalha. Existe, então, toda uma população “excedente”, “supérflua”, que nunca terá chance de fazer parte do mundo pensado, projetado da modernidade. A presença dos refugos nas lindas cidades ocidentais é constante motivo de preocupação e de medo e é prontamente explorada pelos políticos, que, sem tantos escrúpulos, prometem aos eleitores limpar as cidades dos “refugos” indesejado (CUGINI, 2008).

O blog se propõe inicialmente a investigar o conceito de amor dentro de nossa cultura brasileira. Novas pautas sobre o amor em outras culturas estão previstas para a continuidade

do produto. Dessa forma, novas referências bibliográficas se farão necessárias, não somente para reposicionar a visão das práticas amorosas dentro de outras culturas, como para problematizar o amor como valor absoluto. A ideia desse produto de comunicação não é lançar sobre o tema uma visão etnocêntrica, mas apresentar a produção atual como ponto de partida para a investigação acadêmica.

Além disso, expandir a visão de amor e suas manifestações pode abrir caminhos para que o assunto não chegue à exaustão e continue sendo fonte para novas pautas jornalísticas. A expansão do recorte da pesquisa é uma reflexão que não encontrou conclusão durante a produção deste trabalho. Repensar a linha editorial do blog, seu público-alvo e arcabouço teórico é algo que farei sempre e gradualmente, mesmo após a apresentação do projeto experimental, a medida que puder sentir a repercussão das matérias e o amadurecimento das novas ideias de pauta.

Para conduzir esses novos olhares, a banca avaliadora do produto sugeriu que os seguintes autores fossem consultados: André Comte-Sponville, Anthony Giddens e Roland Barthes, além da coletânea organizada por docentes e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, “Comunicação e Cidadania: Conceitos e Processos”, da Editora Francis (2011).

#### 4.2 BLOG JORNALÍSTICO

Pereira Junior (2006), em “*A apuração da notícia*” acredita que na observação participante das experiências sociais se produz um relato humanizante das fontes. Para ele, o tipo de cobertura atrelada ao uso de aspas e confissões declaratórias geram juízos de valor que substituem as significações das histórias humanas. Dessa forma, vivenciar o que está sendo relatado em vez de cobrir a reportagem de fontes oficiais é humanizar a informação. A proposta é ir além das declarações e acompanhar atitudes, olhares, cheiros e cores e sentir o clima de toda ação envolvida na apuração.

Ele afirma que humanizar o relato é mais do que descobrir personagens peculiares para ilustrar uma matéria, até mesmo mais do que a encher de perfis que relatem apenas a opinião do personagem a respeito de si mesmo. Humanizar, para Luiz Costa, é não limitar a interpretação, não reduzir os significados, não tratar as pessoas com a previsibilidade de dados estatísticos. Foi isso que procurei fazer em toda produção do blog. Mais do que encontrar boas histórias e relatar o que foi escutado, o esforço era no sentido de abrir os conceitos e

experiências de cada perfilado para as discussões maiores do blog, que são a natureza e as consequências do amor.

Histórias ‘humanas’ fazem mais sentido quando lançam luz sobre situações coletivas, quando relatam o que há de universal no caso. O que implica ampliação do relato para além da situação particular (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 98).

Para universalizar a narrativa, meios alternativos de construção participativa do conteúdo podem ser muito efetivos. Blogs e sites de notícia diferenciam-se na medida em que

com o uso adequado do hipertexto como forma de redação, o artigo de jornal digital pode superar uma limitação e ganhar alguma coisa que lhe falta. Por um lado pode se livrar da redundância e previsibilidade que carrega a pirâmide invertida, e pode adquirir, pelo contrário, o desenvolvimento e a informação estrutural que em grande parte carece a imprensa de papel (SALAVERRÍA, 1999, p. 12-15)

Salaverría (1999) acredita que o hipertexto é o primeiro a colocar nas mãos do leitor, e não do repórter, a possibilidade de expandir para onde quer a contextualização de cada informação. Seguindo esse método, os repórteres devem usar o recurso de hiperlinks para diferenciar informações mais recentes e o contexto das informações documentais.

Além disso, o hiperlink serve para fazer separação entre a explicação dos dados, a descrição dos lugares e da história dos acontecimentos, seguindo as instruções de Salaverría sobre o uso dos modelos básicos de enunciação: narração, descrição de exposição e argumentação, para dividir o conteúdo da reportagem. Na seleção do material, deve-se fazer a identificação de qual dos meios de comunicação (textual, gráfico ou audiovisual) melhor se encaixa em cada um dos aspectos da notícia.

É importante ressaltar que o hipertexto não foi o responsável pela quebra da verticalização da leitura. As pessoas nunca leram uma notícia por inteiro, mesmo antes da internet. A grande contribuição do hipertexto talvez seja a de acompanhar essa leitura aleatória e, como ressalta o autor, dar ao leitor mais ferramentas que facilitam sua mobilidade no conteúdo.

Além da forma narrativa, o blog traz uma novidade em relação às mídias tradicionais: opera em uma dimensão de tempo real.

O tempo presente, construção social que fundamenta o jornalismo, torna-se balizado por novas estruturas e práticas. Se as mídias tradicionais têm sido atores privilegiados para a constituição de uma temporalidade social, as redes de comunicação, com aparatos tecnológicos e interacionais, vêm gerando mudanças de padrões, procedimentos e concepções existentes até as últimas décadas (FRANCISCATO, 2007).



Franciscato (2007) defende que a internet desloca o tempo social do repórter, para o leitor, pois este se torna o centro das construções de sentido da informação, selecionando e construindo seu próprio conteúdo.

A produção jornalística utilizando a rede como suporte, ambiente ou plataforma tem criado novas possibilidades para se compreender a experiência social do tempo executada pelo jornalismo (O'REILLY, 2005 *apud* FRANCISCATO, 2007).

Isso acontece porque a instantaneidade da internet força a produção jornalística a mudar seus esquemas de periodicidade, diminuindo cada vez mais os intervalos de transmissão, privilegiando o *ao vivo* e o fluxo contínuo de informações. A prática, porém, não inviabiliza ou acaba com os fatores temporais tradicionais do jornalismo.

A participação do usuário na produção dos conteúdos de blogs, servindo como relator da atualidade, vem transformando inclusive os modelos de jornalismo vigentes na Internet.

Identifica-se quatro tipos de jornalismo online: 1) principais sites noticiosos, das grandes corporações, que produzem o denominado “jornalismo de referência”; 2) sites de indexação e categoria, que auxiliam no estabelecimento de links com outros conteúdos; 3) sites de comentários e meta-sites, destinados a atuar na avaliação e acompanhamento da produção jornalística, podendo produzir crítica de mídia; e 4) sites de partilha e discussão, em que os sites jornalísticos facilitariam plataformas para troca de idéias e relatos. Os blogs jornalísticos formariam, para Deuze, um tipo de “jornalismo individual” que se localizaria na fronteira entre os sites de indexação e os de comentário (DEUZE, 2003, *apud* FRANCISCATO, 2007).

Tal interação construtiva entre produtor e consumidor da mensagem pela internet é a chamada *web 2.0*. Nesse novo modelo, a incorporação de usuários gera uma melhoria automática no sistema informativo, dando credibilidade e maior alcance à informação.

A demarcação do tempo jornalístico depende da circulação das notícias, da *revelação pública* destas. A expressão caracteriza o conhecimento de algo que estava fora do âmbito público e que foi disponibilizado ao leitor por meio do jornalismo. Essa circulação vem sofrendo mudanças devido à presença do usuário na construção do evento jornalístico. O repórter-cidadão é personagem presente na ascensão dos blogs e sua escrita coletiva.

Além de terem surgido com uma característica dominante de um “diário pessoal”, dando ao indivíduo acesso simplificado à produção de conteúdos, os blogs se popularizaram por terem ferramentas de fácil uso, tanto para inserir blocos de textos quanto comentários, permitindo uma atualização contínua sem que o usuário necessite ter domínio ou controle sobre o sistema de publicação. O blog possibilita também ferramentas de link a outros blogs, criando uma dimensão de “blogosfera”, uma rede voluntária de usuários que possibilita a referência recíproca, em que esse mecanismo amplia a

repercussão dos conteúdos em uma comunidade ampla e dispersa (FRANCISCATO,2007).

O que determina se esse meio é ou não um canal de informação jornalística é o processo de produção e apuração do conteúdo, assim como em qualquer outro meio de comunicação. Para Caputo (2006), em “Sobre Entrevistas”, a validade de qualquer texto jornalístico, independente do meio ou suporte utilizado, depende de sua capacidade de se adequar às necessidades do leitor.

O jornalismo, sendo uma função social, um serviço ao público, à sociedade, ao cidadão, requer de seus praticantes que, antes de escrever, pautar, editar, apurar ou veicular um texto jornalístico, pensem nos direitos, nas necessidades e no interesse do leitor, do ouvinte, do telespectador, do internauta, o único destinatário da notícia (CAPUTO, 2006).

Para a autora, isso não significa dizer que o repórter se tornará absolutamente imparcial em suas preferências ou áreas de domínio, pois seu olhar sempre as demandas sociais também será construído socialmente. O que se deve achar, então, é um equilíbrio, um ponto comum entre as convicções pessoais do jornalista e o nível de objetividade requerido pelo público. É justamente desse equilíbrio que surge a credibilidade experimentada pela mídia. Sempre mantendo como alvo o interesse público, o entrevistador realiza uma construção ativa da matéria.

## 5 METODOLOGIA

### 5.1 REPORTAGENS

A ideia inicial de criar um blog que falasse sobre amor ao próximo e ações de voluntariado foi de duas colegas de curso, Vanessa Vieira e Ana Carolina Seïça. Fui convidada para integrar a equipe de produção, porém, mais tarde, elas decidiram por outros projetos e eu encarei a missão de levar em frente a produção do blog.

Para começar, fiz um levantamento da bibliografia disponível sobre os conceitos a serem estudados. O tema do amor seria lido pela visão de um filósofo, um teólogo e um sociólogo da atualidade. Textos voltados ao relato humanizado e o retrato de personagens foram escolhidos, além de bibliografia específica sobre a produção de notícias em blogs.

Pude perceber que o tema escolhido abria margem para profundas reflexões e que uma bibliografia muito extensa o contemplava. Possíveis lacunas nos referenciais teóricos desse trabalho podem ser sanadas com a constante atualiza o de leituras, que o blog exigirá para sua continuidade depois da apresenta o deste como produto da disciplina de projeto experimental de Jornalismo.

O conhecimento   sempre uma constru o e no processo de produ o de informa o para um meio como este a pesquisa nunca termina. As novas pautas tr o novos problemas de pesquisa e a necessidade de um aprofundamento cada vez maior no arcabouço teórico dos campos da sociologia, filosofia, teologia, história e comunica o.

Também realizei uma pesquisa prévia em vários sites e blogs de temas afins para entender como os usuários da internet estavam produzindo informa es sobre o amor e a solidariedade. Alguns dos sites consultados foram o <http://www.voluntariosonline.org.br/>, <http://amoreummovimento.com/aeum/>, <http://www.iheartrevolution.com/> e <http://www.invisiblechildren.com/>. Cataloguei modelos e estratégias de organiza o de conteúdos e ferramentas de navegabilidade de blogs de referência para conhecer melhor as possibilidades de uso da ferramenta. Alguns dos blogs pesquisados foram o <http://tecendooamanha.com.br/> e o <http://www.facadiferente.sebrae.com.br/>.

Depois disso, decidi o nome do blog. Deveria ter certo apelo emocional, pois não se pode falar de amor sem emo o, porém teria que fugir do lugar comum que remetesse o leitor ao amor romântico ou erótico. Comecei a pensar no que diferenciaria a compaixão das demais

expressões de bem-querer humanas e, durante um período de oração, cheguei à conclusão de que amar verdadeiramente, segundo o Espírito da bíblia, é não guardar reservas quanto a si mesmo, é doar-se completamente. Essa era a definição perfeita que procurava: amor sem reservas. Após uma busca pela internet, vi que o nome era inédito e ele se tornou um norte para toda a produção das matérias.

A princípio, o recorte de como esse conteúdo seria apresentado e quem seriam os personagens das matérias ainda não estava claro. De fato, só pude entender bem o foco do trabalho enquanto apurava as reportagens. O que tinha eram perguntas, e muitas (detalhadas no item 1 dessa memória), que determinaram não só o tom das entrevistas, mas a escolha dos personagens: o amor é natural a todos os seres humanos? Todos têm a capacidade de se compadecer com o sofrimento do outro? Se sim, porque apenas alguns agem em favor dele? Partindo dessas inquietações, cheguei à conclusão que o blog deveria se focar em pessoas que apresentavam uma conduta social diferenciada de doação em favor do próximo.

Como é impossível medir exatamente a motivação que leva as pessoas à ação, fiz o caminho inverso: comecei a selecionar, por indicação da orientadora, de minha rede de contatos e pela vivência que tinha por ser filha de uma socióloga e de um pastor evangélico, instituições e pessoas que prestavam um serviço de ajuda, socorro e militância social que perdurasse algum tempo e tivesse alcançado resultados. Uma vez encontrados esses personagens passaria a investigar os motivos que estavam por trás dessa persistência, a história que os havia conduzido até ali.

Mais do que divulgar boas práticas, bons exemplos a serem seguidos, meu desafio como repórter era entrar em cada história, mergulhar nos sentimentos que levavam às ações e achar o ponto diferencial que definiria esse conceito tão falado e ainda tão desconhecido que é o amor. Para isso, foi necessário além de conversar com cada personagem acompanhá-los em sua ação e entrevistar os recebedores dela, quando possível.

Todas as entrevistas para as matérias inaugurais foram feitas presencialmente, exceto as da matéria sobre a internet como meio de ação, que foram realizadas por *skype*, *MSN*, *e-mail* e telefone. Acredito que a observação dos espaços e das expressões corporais e emocionais que envolviam a ação voluntária foi tão importante quanto os depoimentos colhidos. No caso da internet, preferi fazer as entrevistas por meio eletrônico primeiramente porque quase todos os entrevistados moravam fora de Brasília e do Brasil, mas também porque entender como eles se comunicavam pela internet era de grande importância para a matéria.

Os primeiros trabalhos destacados, por mim e pela minha orientadora, para apuração e acompanhamento de seu cotidiano foram os do Centro de Valorização da Vida, alguma organização que trabalhasse com doentes no Hospital de Base, algum voluntário tradicional – ligado a uma ONG, um abrigo para crianças ou adultos moradores de rua, alguém que tivesse trabalhado em ajuda em situações de catástrofes naturais e um dos famosos grupos de distribuição de sopa na rodoviária de Brasília e áreas próximas.

Após vários contatos telefônicos com as assessorias de comunicação do Hospital de Base e da Secretaria de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda, pesquisas na internet por instituições do DF e emails recebidos por amigos que foram informados do projeto, pude perceber que poderia agrupar as iniciativas em quatro eixos básicos de atuação: atendimento à crianças, atendimento à minorias excluídas, atendimento à povos estrangeiros e ajuda pela internet.

O primeiro eixo, que fala sobre o amor por crianças, foca o trabalho de pessoas e entidades que militam pela prevenção e promoção dos variados direitos das crianças e adolescentes. Foram escolhidas as seguintes ações: a Ampare, que atende crianças e jovens com deficiência mental, a Abrace que trabalha com crianças portadores de câncer, o projeto Ame uma Criança, que promove a prevenção ao abuso sexual e violência doméstica, a casa de passagem Giração, que acolhe crianças moradoras de rua, e a rede solidária do TJDF Anjos do Amanhã, que interliga voluntários, ONGS e crianças e adolescentes atendidos pela Vara da Infância.

Os personagens entrevistados foram a Gláucia Gomes, mãe de uma moça com deficiência mental e presidente da Ampare; Vanessa Melo, voluntária da Abrace; Mariane Moreira, criadora do Ame uma Criança; Eliena de Barros, militante e coordenadora do projeto Giração; Gelson Leite, editor de uma revista sobre responsabilidade social e servidor da rede solidária e Giuliano Ferreira, ex-menino de rua resgatado pelo Giração e hoje educador do projeto. Para acessar o abre da reportagem, visite a página <http://migre.me/57MJE>.

O segundo eixo trata do amor por excluídos sociais e tem o objetivo de divulgar a luta de pessoas pela prevenção e promoção dos variados direitos humanos, igualdade e dignidade, partindo de interações sociais inusitadas que ultrapassem preconceitos e barreiras de classe e ressaltem a importância da convivência para o bem-estar geral. Para isso, foram selecionados as seguintes atuações: Missão Mãos na Obra, que distribui sopa para frequentadores do Setor Comercial Sul, Missão Vida, casa de recuperação para usuários de álcool e drogas, Rede

Feminina de Combate ao Câncer, que atende pacientes com câncer de mama e útero do Hospital de Base e o Centro de Valorização da Vida (CVV), que trabalha com a prevenção ao suicídio e atenção psicológica e emocional.

Os personagens perfilados foram o pastor Bernardo Fusco, idealizador e coordenador da distribuição da sopa; Bernadette Moura, também voluntária da Missão Mãos na Obra; Domingos Alves, pastor e diretor do centro de triagem da Missão Vida em Brasília; Jucimar Batista, ex-dependente químico recuperado pelo mesmo centro de recuperação e hoje obreiro da instituição; Giuliano Ferreira, o mesmo do eixo das crianças, mas que também passou pela casa da Missão Vida; Vera Bezerra, coordenadora da Rede Feminina de Combate ao Câncer; Conceição Mafra, voluntária também no trabalho do Hospital de Base; e Eduardo Ossege, voluntário e palestrante do CVV. Para acessar o abre da reportagem, visite a página <http://migre.me/57MMv>.

O amor por outros povo foi abordado no terceiro eixo por meio das histórias de jovens que trabalharam na prevenção e promoção dos variados direitos humanos em ajuda internacional e socorro a desastres, focando o sentimento universal de ajuda humanitária. A reportagem contou com as entrevistas de dois missionários, Olavo Bandeira e Fabrício Marra, da Mobilização Mundial, que atua no resgate e prevenção de crianças em situações de risco por fome, doenças, abandono, tráfico sexual ou guerras; e da voluntária Maiara Dornelles, colaboradora de uma ONG de reconstrução de Pisco, cidade do Peru desolada por desastres naturais. Para acessar o abre da reportagem, visite a página <http://migre.me/57MNo>.

O último eixo trabalha questões ligadas ao amor na modernidade: ativismo na internet e voluntariado online. Focou o trabalho de pessoas e entidades que militam por causas sociais com a mediação da internet. O Portal Voluntário Online, que mobiliza uma rede de voluntários e instituições pela rede, foi selecionado para as entrevistas, além da Daniela Santos, voluntária do portal e, da Juliana Mendes, jornalista que participou de movimentos políticos através de mobilizações pelas mídias sociais. Para acessar o abre da reportagem, visite a página <http://migre.me/57MOn>.

O roteiro de perguntas (Apêndice A) foi adaptado dentro de cada realidade de atuação. Depois de todas as entrevistas feitas, redigi a primeira versão da matéria sobre os projetos que trabalham com crianças. Acabei por me perder na narrativa em uma discussão que estava muito presente nas entrevistas: a legitimidade ou não da sociedade civil em intervir nos problemas causados pela ausência de responsabilidade do Estado. Após a correção da

orientadora Nelia, retornei ao ponto de partida e refiz o texto focando a proposta inicial de dar mais destaque aos personagens e suas histórias.

Porém, a primeira reformulação trazia um texto mais adaptável a meios impressos do que à internet. Partindo da recomendação de Salaverría (1999), repartí as informações no abre para cada eixo, que apresentaria os perfis dos personagens, que, por sua vez, conduziram o leitor, por meio de links, a outros textos explicativos sobre a instituição ao qual estavam ligados e ao trabalho que realizavam. Dessa vez, tudo foi feito pensando nos recursos multimídia (fotos, vídeos e áudios feitos durante as entrevistas e observações participativas das ações), que seriam incluídos durante a narrativa como forma de complementar a informação textual.

Nos textos produzidos sobre as instituições fiz uso da primeira pessoa e incluí impressões pessoais sobre o trabalho. A ideia era deixar os textos menos institucionais e aproveitar a característica de pessoalidade inerente da linguagem dos blogs. Isso aconteceu apenas nos textos das instituições, para não comprometer a preferência à visão dos próprios personagens nos perfis.

No total, foram redigidos 33 textos organizados segundo o seguinte modelo (esquema de links para páginas internas):

**Quadro 1** - Esquema de links para páginas internas do blog

ABRE	PERFIS	INSTITUIÇÕES	OUTROS LINKS
Abre da reportagem sobre trabalho com crianças	Perfil Vanessa	Abrace	-
		Vídeo	
	Perfil Mariane	Ame uma criança	Perfil Mariane
	Perfil Eliena	Giração	Eliena
		Perfil Giuliano	Giração
			Eliena
			Missão vida
		Missão vida	Missão mãos na obra
			Artigo Wildo Gomes
	Perfil Glaucia	Ampare	Perfil Glaucia
Abre da	Rede anjos do	Áudio	-

reportagem sobre trabalho com minorias excluídas	amanhã		
	Perfil Bernardo	Missão mãos na obra	Perfil Bernardo
		Perfil Bernadette	Missão mãos na obra
			Áudio
		Vídeo	-
	Perfil Domingos	Perfil Giuliano	Giração
			Eliena
			Missão vida
		Perfil Jucimar	CVV
			Missão vida
			Perfil Domingos
		Missão vida	Missão mãos na obra
			Artigo Wildo Gomes
	Perfil Eduardo	CVV	Perfil Eduardo
	Perfil Vera	Rede Feminina	Perfil Vera
		Perfil Conceição	Rede Feminina
Abre da reportagem sobre trabalho com povos estrangeiros	Perfil Fabrício	MCM	-
		Ame uma criança	Perfil Mariane
		Perfil Olavo	MCM
	Perfil Olavo	MCM	-
	Perfil Maiara	Pisco sin fronteras	-
Abre da reportagem sobre ajuda pela internet	Perfil Daniela	Voluntários Online	Vídeo
	Perfil Juliana	-	-

Essa divisão pode ser acessada partindo dos abres que estão disponibilizados em um banner rotativo, na página inicial do blog. Para que o leitor tivesse acesso direto aos perfis ou textos de instituições que quisesse ler, separei o conteúdo em cinco editorias:



- “Atores”, que disponibiliza os 17 perfis dos atores sociais que realizam as ações de ajuda.
- “Ações”, que disponibiliza os 12 textos explicativos sobre as instituições apoiadas e o trabalho que realizam.
- “Palpites”, que é um espaço reservado para artigos opinativos meus e de convidados e textos enviados pelos internautas (a proposta é melhor explicada abaixo). Para inauguração do blog contou com um editorial meu e três textos de colaboradores.
- “Multimídia”, onde o leitor tem acesso ao banco de fotos, vídeos e áudios produzidos por mim durante a apuração. São trechos editados das gravações de voz das entrevistas que não foram usados em aspas, vídeos e fotos das ações e dos ambientes. A maioria dos materiais multimídia já está distribuída dentro das matérias, mas todo conteúdo foi agrupado nessa editoria. Foram dois áudios de entrevista, cinco vídeos e 82 fotos, disponibilizados por meio de canais nos sites 4shared, Vimeo e Flickr, respectivamente.
- “#ficaadica”, que é uma sessão destinada as minhas indicações de conteúdos online e offline sobre o tema. (Essa editoria também será explicada logo abaixo). Para inauguração do blog contou com seis posts.

A divisão dos perfis e textos sobre os projetos em editorias diferentes foi pensada depois da redação, para simplificar o acesso e a navegabilidade. Seus nomes fazem referência aos conceitos de Parsons (1937), em seu livro “A estrutura da ação social”, sobre ação e atores sociais.

A editoria “palpites”, já estava prevista desde o início do processo de produção. A ideia surgiu quando recebi, voluntariamente, trechos de um dos livros escritos pelo presidente da Missão vida, Wildo Gomes.

Eu havia disparado um email para todos os meus contatos à procura de personagens e ele me respondeu com a autorização para publicar sua produção. A partir daí, comecei a incentivar todos os meus contatos a produzirem e enviarem textos opinativos, histórias de vida e até mesmo matérias, para construir uma editoria colaborativa e ampliar a possibilidade de participação do leitor. Para essa editoria, escrevi um artigo jornalístico, baseado também em apuração e leituras prévias, que traz meu ponto de vista sobre as discussões levantadas pelo blog e serve como uma apresentação a todo conteúdo.

A editoria “#ficaadica” foi pensada dentro da proposta de uso dos recursos de compartilhamento da web 2.0. A disseminação de conteúdos que gerem um buzz, um burburinho digital, transformou-se na ferramenta mais eficiente para o marketing viral. A linguagem das redes sociais baseia-se muito no uso de links e indicações de conteúdos multimídia e informações ligadas ao universo jovem. Sendo assim, a sessão é composta por rápidas atualizações que trazem dicas de bibliografias, sites, músicas, campanhas, notícias, vídeos e qualquer outro conteúdo que possa ou não, mas de preferência que possa, ser encontrado na internet sobre o tema. O termo pensado inicialmente foi “eu indico”, mas aproveitando a gíria surgida nas redes, que já foi incorporada nas conversações offline, achei que o termo se adequaria mais à proposta. O jogo da velha, no twitter, indica uma *hashtag*, palavra usada para buscas de citações.

O uso das redes sociais foi, inclusive, pensado durante o processo de produção do blog. Para permitir que o potencial leitor participasse da escolha de pautas, e todas as dificuldades do processo de apuração e redação das notícias, despertando o interesse e criando um sentimento de acompanhamento do making off da produção, foram criados perfis para o projeto nas redes facebook e twitter. Até o término dessa memória, o perfil do “Amor Sem Reservas” no facebook tinha 109 amigos, sua página tinha sido curtida por 28 usuários e seu perfil no twitter contava com 17 seguidores e 60 tweets. Atentando à característica de cada rede, o perfil no facebook era atualizado com informações pessoais, minhas ideias e observações sobre cada etapa da produção, enquanto o perfil no twitter priorizava a publicação de notícias e links relacionados ao tema, além de frases dos autores usados na bibliografia do projeto e chamadas para as matérias no blog.

## 5.2 BLOG

O desenvolvedor contratado tanto para a programação quanto para o visual do blog foi o meu irmão, designer gráfico, Rafael Viegas. A necessidade de se contratar um designer surgiu da ideia de alterar o template básico oferecido pela ferramenta. A plataforma de blog escolhida foi o Blogspot, sobre o qual o programador tinha mais domínio e, por isso, maior liberdade de personalização, conferindo uma aparência mais profissional ao trabalho.

Para o layout do blog foram testadas, primeiramente, várias logomarcas que dessem o pontapé inicial no projeto gráfico do projeto (APÊNDICE B e C). Aqui, mais uma vez, o cuidado era não remeter o leitor a uma ideia de amor romântico, por isso, a utilização da

imagem de um coração tradicional foi logo descartada. Porém, a identificação com o tema “amor” deveria ser imediata. O design de um coração estilizado e vermelho em meio ao nome remetia a ideia de algo moderno, porém ainda ligado a sentimentos.

A necessidade de apresentar algo moderno e ligado às tendências do design para blogs era para afastar do tema “compaixão” a imagem da caridade, algo sério e frio, que não tem nada a ver com o universo da maioria das pessoas. Por isso, inicialmente, a ilustração de fundo trazia uma cidade moderna de onde saiam balões ilustrados com corações brancos, que indicavam as ações de solidariedade que surgiam cidade a fora. A orientadora Nelia, porém, acreditou que faltava no fundo o elemento principal do qual se trata o projeto: pessoas. A sombra dos prédios foi, então, trocada pela sombra de pessoas interligadas.

As cores deveriam ser neutras, para que não retirassem a atenção do leitor das notícias. Para isso, foram escolhidas as cores azul e branca, além da já citada vermelha. O blog deveria transmitir um ar de pessoalidade, pois fala de histórias de vida, sem abrir mão da credibilidade jornalística. O equilíbrio entre texto e layout foi essencial para alcançar esse fim. Há uma tendência atual de projetar blogs em tamanho grande. Essas características dão ar personalizado à página e destacam o blog dos outros mais antigos e amadores. Por isso, o blog traz a faixa superior grande, com um banner rotativo, porém, que destaca fotos, títulos e sutis das matérias.

Os *plugins* para as redes sociais, RSS, nuvem de tags, últimos comentários e busca, também fazem parte do esforço para deixar o blog com maior navegabilidade e possibilidades de participação. A noção de novidade é dada com a atualização dos posts que ficam logo abaixo do banner.

Para colocar o blog no ar, compramos o domínio amorsemreservas.com.br. Isso faz com que ele tenha maior credibilidade e exclusividade no nome. Além disso, “.com.br” faz o blog subir no ranking de busca do Google. Em seguida, contratamos o serviço de hospedagem do Blogger, plataforma onde este foi desenvolvido. Isso garantiu uma aparência mais sofisticada à página, sem aquela tradicional “tripa” de informações, característica dos blogs antigos.

Depois de colocá-lo no ar, foi a hora de subir o conteúdo. As matérias foram colocadas no blog seguindo uma estratégia de divulgação, de menor importância para a de maior, segundo critérios de noticiabilidade como notoriedade, atualidade e proximidade, destacados no livro “Manual do foca”, de Jorge (2008).

Por estar hospedado em um servidor gratuito, o blog apresentou certa instabilidade de acesso. A sugestão da banca, acatada, é que fosse contratado um serviço de hospedagem pago e que a página fosse habilitada para o acesso em celulares, apresentando uma versão mobile. Além disso, o design, a logo e o nome do blog serão repensadas conforme novas posições editoriais e novos recortes da pesquisa, que serão analisados para a continuidade do blog, conforme abordado anteriormente.

O Apêndice C dessa memória traz uma imagem da capa do blog. Para conferir mais, acesse <http://www.amorsemreservas.com.br>

## CONCLUSÃO

O jornalismo serve para servir, dizia T. T. Catalão<sup>10</sup> em um dos textos mais curtos e marcantes que li durante a graduação. Para mim, sempre pareceu uma contradição a máxima de que a ciência não tem um caráter utilitarista e não trabalha para o bem da humanidade, enquanto toda a humanidade aguarda esperançosa que a ciência resolva seus maiores problemas. Encontrar no ofício do jornalista um resquício do conhecimento para e pelas pessoas foi um alívio e o motivo de continuar estudando.

É por isso que acredito que esse projeto alcançou os resultados que esperava para um curso de graduação, para minha atuação como repórter e para minha vida enquanto cidadã: serviu a outras pessoas, ultrapassou as barreiras do meu próprio interesse, acrescentou valor à humanidade, ou uma pequena parte dela.

Inspirar, motivar e espalhar o bem é algo que sempre vale à pena. Durante a produção desse projeto de conclusão de curso descobri que isso pode ser feito pelo Jornalismo de várias formas. O simples fato de escutar com atenção as pessoas, dando a elas a oportunidade de arrancarem suas experiências pessoais do ordinário e as elevarem a algo que valha a pena ser publicado e lido por outros, já significa muito. Um bom repórter é aquele que descobre nos sentimentos mais primários, nos assuntos mais antigos e nas práticas mais rotineiras, a grande notícia do ano. O amor sempre será a grande notícia da vida, em minha opinião.

Sair da correria das *hard news* e se aprofundar em pesquisas, detalhes, cores e cheiros é o sonho de muitos jornalistas, que poucas vezes pode ser realizado. A produção de grandes reportagens que disseminem valores contrários àqueles que vendemos todos os dias (nada de escândalos, mortes, bizarrices. Em seu lugar, boas práticas e reflexão) é outro importante serviço dessa profissão. É sempre um prazer descobrir que assuntos de grande interesse público, como a igualdade social, são também de interesse do público, que muitas vezes é mais engajado do que supomos.

O blog teve 1552 visualizações desde sua publicação até o fim da redação dessa memória. A postagem mais acessada foi a de Giuliano Ferreira, o perfil mais divulgado e escolhido para encabeçar a sessão “Atores”. A página mais acessada foi “Sobre a autora”, que traz um resumo sobre mim e o web designer. O Brasil teve o maior número de acessos, porém, 23 pessoas dos Estados Unidos acessaram o blog, três da Alemanha, uma do Canadá,

---

<sup>10</sup> Editorial publicado na capa do *Correio Braziliense* de 19/7/99, Brasília (DF). Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp1903200392.htm>. Acessado em 25/06/2011.

uma de Israel e uma de Portugal. Dados como esse comprovam que o assunto possui relevância e noticiabilidade, e merecia uma apuração aprofundada. Com o Amor Sem Reservas tive a oportunidade de experimentar uma apuração aprofundada. Voltei a conversar com algumas fontes mais de cinco vezes. Fui a alguns lugares só pra observar as ações, o ambiente. Redirecionei entrevistas, revi valores notícia, sai do *hard news* e encarei sério a missão de servir a sociedade com grandes reportagens que refletissem valores e práticas.

Encontrar a melhor maneira de transformar histórias em notícias se apresentou como uma de minhas maiores aprendizagens durante o processo de produção do blog. Transportar discursos, cheios de influências das mais diversas, para a linguagem jornalística exige muito feeling para perceber onde está o fator generalizador dentro da individualidade.

Entrar no mundo particular de outros indivíduos é tarefa muito complicada e também um privilégio. Durante esse trabalho descobri minhas limitações como repórter em insistir nas perguntas, driblar a vergonha, ir a fundo nas emoções alheias. Me sentia meio intrusa, meio insensível. O grande desafio era estabelecer cumplicidade, confiança, diálogo de alma com alguém com quem eu nunca havia conversado.

Do outro lado, o grande perigo era evitar olhar os personagens ingenuamente como super-heróis do mundo moderno. Tive que treinar um olhar maduro para entender ganhos e perdas, dores e amores, histórias reais. Todo jornalista sabe bem como podemos forçar entrevistas, dados e palavras para expressarem nossas próprias opiniões. Todo jornalista sabe a diferença entre uma matéria conduzida pela apuração e uma apuração conduzida pela ideia do que deveria ser a matéria. E é claro que eu me vi tentada a cometer o maior pecado do jornalismo muitas vezes – enviesar, forçar interpretações, distorcer, seguir o trilho do sensacionalismo. Não sei se consegui resistir todas as vezes.

Entender a linguagem web e a maneira de construção de um conteúdo multimídia foi também um grande aprendizado. Recortar o texto, enxugar, pensar o melhor estilo, o melhor gênero e cada hiperlink que faria do conteúdo mais navegável e atrativo foi difícil. Fui formatada para pensar em jornalismo impresso e as possibilidades incontáveis que o mundo online me oferecia eram muitas, tantas que me fizeram perder no meio do caminho. Não sabia escrever pensando no texto, na foto, nos vídeos, em informações complementares que entrariam nos hiperlinks, tudo junto. As primeiras versões dos textos eram grandes blocos de informação, no final dos quais incluiria outras mídias. Com a correção da orientadora, passei a pensar em cada recurso multimídia como um elemento na construção do nexa narrativo.

Além disso, os blogs trazem a possibilidade maravilhosa da construção participativa do conteúdo, que explorei de maneira mais intensiva por meio das redes sociais. Para a captação de pautas disparei emails para meus contatos: familiares, amigos, colegas de faculdade, professores, outros jornalistas. Os emails correram e recebi alguns feedbacks com indicações de trabalhos voluntários e entidades de ajuda social. Fiz uma seleção e usei algumas indicações, outras pautas consegui pelos meios de busca tradicionais: assessorias, sites e releases. Depois disso, passei a postar nos perfis do projeto todas as etapas da produção.

Em cada pauta fazia comentários, compartilhava dúvidas e impressões sobre a apuração, o tema e a redação. Nas redes sociais contei com muitos seguidores que não faziam parte da minha rede de contatos, mas haviam encontrado o blog livremente, além de fontes que passaram a me seguir na web para acompanhar a produção. Recebi algumas indicações, ideias e manifestações de interesse por parte dos amigos do projeto no facebook e twitter, que me ajudaram a sentir previamente a receptividade do público. Na hora da publicação detectei problemas na visualização e recebi comentários do trabalho também pelas redes.

No final de tudo, percebi que as pessoas com quem convivi e conversei conduziram muito mais esse trabalho do que eu mesma. O Amor Sem Reservas é hoje um mosaico de várias impressões, várias visões de mundo e várias práticas que envolvam o amor, de alguma forma.

Não só pelo conteúdo veiculado, mas a própria ferramenta em si se apresentou como um importante serviço à sociedade e um meio legítimo de se produzir notícias. Esse blog funciona como um suporte para a publicação de informações sobre o amor, mas também como um meio de expressão, como um espaço permanente de informação e mobilização. Ele inaugura novos meios de se praticar o jornalismo cidadão, trazendo ao debate público temas que não são pautados ou que apresentam enfoques diferentes nos grandes veículos de comunicação. Também contribui para a construção participativa do conhecimento, onde as hierarquias de produção e consumo de conteúdo são repensadas. Hoje, posso dizer que o blog *Amor Sem Reservas* serve para servir, como todo bom jornalismo deve ser.

Servir a mim mesma, para me transformar em uma pessoa menos teórica e intransigente; servir aos que lêem, para motivá-los a pensarem no que devem se transformar para serem pessoas que amam mais; servir aos que são descritos nessas histórias, para os fazerem refletir sobre o porquê de tanto ativismo. Servir, ainda, à sociedade como um todo, para demonstrar que o conhecimento e o amor estão muito mais ligados do que imaginamos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 2007.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas**. São Paulo: Vozes, 2006. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/10059988/Stela-Guedes-Caputo-Sobre-Entrevistas>>. Acesso em: 03 mai. 2011.
- CHAN, Francis; YANKOSKI Danae. **Louco amor**: maravilhado com um Deus que nunca muda.. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- CUGINI, Paolo. Identidade, Afetividade e a Mudanças Relacionais na Modernidade Líquida na Teoria de Zygmunt Bauman. **Diálogos Possíveis**. Jan./jun., 2008. Disponível em: <[http://www.faculdaDESocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo\\_10.pdf](http://www.faculdaDESocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_10.pdf)>. Acesso em 05 mai. 2011.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A participação dos leitores na construção de experiências temporais no jornalismo online. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30. **Paper...** Santos: Intercom, 2007.
- JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca, guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- SALAVERRÍA, Ramón. De la pirámide invertida al hipertexto: hacia nuevos estándares de redacción para la prensa digital. **Novática - Revista de la Asociación de Técnicos de Informática**. v. 142, nov./dez.,1999, p. 12-15.
- SCHOEPFLIN, Maurizio. **O amor segundo os filósofos**. São Paulo: EDUSC, 2004.
- SILVA, Luiz Martins da. **Jornalismo público**. Brasília: Casa das Musas, 2006.
- VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. **Entre Sócrates e Cristo**: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.



## GLOSSÁRIO

**Ação coletiva:** entre os diversos tipos de grupos sociais destacados pela Sociologia encontram-se aqueles que têm a capacidade de decisão coletiva, os grupos organizados, que tem um número tão restrito a ponto de a participação de cada um ser notada e precisa, e os semi-organizados, que são representados por organizações que supostamente defenderiam os interesses de seus representados. A ação coletiva acontece quando esses grupos são capazes de empreender uma ação visando atender ao interesse e promover o bem comum de seus membros. Primariamente acreditava-se que a tomada de consciência de quais seriam seus interesses levaria o grupo a empreender uma ação coletiva, naturalmente. Porém, sabe-se que o protesto, a luta, por uma causa tem custos elevados e isso pode incitar as pessoas a uma inação ao invés de uma ação, mesmo quando seus interesses estão prejudicados. Isso explica porque as ações coletivas não aconteçam sempre onde se espera que elas se desenvolvam. (BOUDON; BOURRICAUD, 2007, p. 8, 9).

**Bem-estar social:** a expressão refere-se à medida de bem-estar da sociedade como um todo. Dessa forma, presume a possibilidade de cálculo do bem-estar pessoal e seu estabelecimento em escalas comparáveis que possam ser somadas de maneira a refletir a totalidade das preferências individuais. O cálculo que buscava definir esse conceito com uma função de alocação de recursos ficou conhecido como função de bem-estar social. A ideia foi criticada por autores que acreditavam que o estabelecimento de uma única escala de valores e preferências só era possível através da força ditatorial. Partindo disso, a moderna teoria da escolha social tentou encontrar possibilidades para decisões sociais que visem o bem geral em comunidades democráticas, em que os indivíduos possuem preferências diferentes quanto ao uso dos recursos disponíveis. A teoria não apresentou, porém, soluções quanto à agregação (se por interesses, preferências ou mesmo conceitos de bem-estar) nem ao uso desses dados, não determinando se deveriam ser vistos como simples mensurações ou exigiriam uma alteração ativa, como, por exemplo, no sentido de uma igualdade de bem-estar. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996. p. 43). Nesse contexto, o estado de bem-estar social seria aquele em que o governo assume a responsabilidade primeira de prover aos seus cidadãos o bem-estar, definido como o acesso a recursos básicos como habitação, saúde, educação e emprego. A teoria marxista critica o estado de bem-estar como um apaziguador dos conflitos potenciais de classes, enfraquecendo a consciência da classe operária e desarmando a ação revolucionária (JOHNSON, 1997, p. 92).

**Cidadania:** o conceito pode ser definido em duas instâncias: cidadania formal e substantiva. Por cidadania formal entende-se a condição natural de membro de um estado-nação. A cidadania substantiva, por outro lado, é uma situação social que inclui três tipos distintos de direitos: civis, políticos e socioeconômicos. O aumento dos direitos sociais na Europa Ocidental depois de 1945 produziu a ideia de estado de bem-estar, que estabeleceu princípios mais coletivos e igualitários e políticas que amenizavam as tendências não igualitárias da economia capitalista. Na Europa Oriental, os regimes comunistas proporcionaram um acesso ainda mais amplo a esses direitos, restringindo, todavia, direitos civis e políticos. Por isso, os movimentos que contestavam o socialismo se baseavam fortemente no tripé de direitos cidadãos para questionar essas ditaduras. Recentemente, a noção de cidadania tem acrescentado aos direitos que o cidadão usufrui a responsabilidade e o dever cívico para com a sociedade. Retomando valores da cidadania romana, a ideia de patriotismo tem sido transportada para o imperativo de maior participação popular nos assuntos governamentais. Isso dependeria, contudo, do aumento da satisfação e do bem-estar gerado pela garantia dos direitos sociais, retomando o tripé inicial da cidadania substantiva. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996. p. 73).

**Direitos civis, políticos e sociais:** os direitos civis incluem o direito de livre expressão, de acesso à informação, de receber tratamento igualitário perante a lei, de reunir-se, organizar-se e locomover-se livremente. O direito civil regula as relações sociais e assume numerosas formas como comercial, constitucional, da família e processual. Os direitos políticos dizem respeito ao direito de votar e disputar cargos em eleições livres. Os direitos socioeconômicos estão ligados ao bem-estar e segurança social, como o direito de se alimentar, ter uma moradia, à educação e saúde além do direito de sindicalizar-se e participar de negociações e debates coletivos. (JOHNSON, 1997, p. 34 e p. 135).

**Igualdade:** a ideia de que todos os seres humanos são iguais entre si é muito antiga, encontrando suas bases nas tradições religiosas de que todos são iguais aos olhos de Deus. Porém, o ideal de que as sociedades deveriam tratar seus indivíduos de maneira igualitária só tomou força no pensamento do século XX, reforçando principalmente a exigência de igualdade social, que está ligada a todas as esferas que afetam as oportunidades de vida de uma pessoa: educação, trabalho, consumo, acesso aos serviços sociais e outros. Ser tratado com igualdade baseia-se em duas proposições básicas, igualdade de oportunidades e igualdade de resultados. A igualdade de oportunidades seria a possibilidade de todos alcançarem os mesmos benefícios e recompensas disponíveis, sem qualquer predileção ou

vantagem injusta, dependendo somente da capacidade e livre escolha de cada um. Mais do que isso, ela garantiria um ponto de partida igual a todos, especialmente através de um sistema educacional comum e que possibilite o desenvolvimento pleno de todas as crianças. A igualdade de resultados, por sua vez, volta-se para discussões de mérito do bem-estar e da renda de renda, essa sempre mais contraditória que a igualdade de oportunidades. Críticos conservadores acreditam que a igualdade de renda vai contra a liberdade e endossam a ideia de um nível mínimo de provisão. Somente dentro da tradição socialista que a igualdade de renda se tornou um valor fundamental, ainda que nem todos os seus teóricos defendam a igualdade completa de renda, mas sim uma menor desigualdade, restringindo a distribuição de riquezas. Essa defesa está baseada em valores como justiça e a não exploração. Muitos socialistas acreditam que o capitalismo promove uma desigualdade que não pode ser justificada em termos dos esforços em aproveitar as oportunidades ou capacidades das pessoas. Visto que o controle dessa desigualdade em sociedades industriais, onde o mercado desempenha papel central na distribuição de renda, até mesmo ideias moderadas de igualdade são vistas como inviáveis. Pensadores modernos acreditam que outros valores que não a renda poderiam recompensar essa desigualdade contrabalanceando posições sociais, de forma que ninguém seja absolutamente superior que outros. Isso traz um problema prático, pois, a influência econômica ainda tem primazia sobre outras posições em nossa sociedade. Dessa forma, instituições públicas e privadas que trabalhem para alocação de bens em bases diferentes podem ser muito eficientes na luta pela igualdade social. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996. p. 372-375).

**Justiça social:** justiça, de maneira geral, se refere à equidade e merecimento. A justiça social está ligada a conceitos de distribuição adequada de recursos e recompensas, segundo merecimento, necessidade e escolha. (JOHNSON, 1997, p. 34, 133). Por muitos considerada um valor prioritário, acima da utilidade, a justiça social está muito ligada a discussões sobre a legitimidade ou não da igualdade de renda. Enquanto alguns teóricos defendem que a distribuição segundo um padrão fere a liberdade individual, outros consideram que as posses devem ser resultado de um comportamento legítimo e sua aquisição errônea deve ser consertada. A teoria contemporânea mais aceita acredita que uma sociedade justa baseia-se no direito igual de liberdades básicas para todos e também que desigualdades sociais e econômicas sejam dispostas para o maior benefício dos desprivilegiados e que haja justa igualdade de oportunidades para cargos e posições abertos a todos. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996. p. 407).

**Modernidade:** é um termo que abrange vários conceitos. Foi usado como a inauguração da era cristã, em contraposição do paganismo; no Renascimento, como a fusão com o cristianismo que fez a distinção entre estados e sociedades antigos e modernos; no Iluminismo simbolizou a era posterior ao tempo antigo e medieval e também ganhou a significação de tempo presente. A partir daí modernidade passou a designar a sociedade em que vivemos. A sociedade ocidental, na medida em que se diferia das outras existentes e das já passadas, tornou-se o emblema da modernidade. As bases da sociedade ocidental podem, então, definir os marcos da modernidade: industrial, científica, tendo o estado-nação como forma política legitimado por alguma espécie de soberania popular, com as filosofias de trabalho fundadas sobre o racionalismo e o utilitarismo e, principalmente, baseada na tradição do novo. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996. p. 473).

**Modernidade líquida:** termo cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman, utilizado para explicar o sentido da pós-modernidade. A crise das ideologias fortes e sólidas, típicas da modernidade produziu, do ponto de vista cultural, um clima fluido, líquido, caracterizado pela precariedade, incerteza, rapidez de movimento. Se, na modernidade, as ideologias elaboradas tinham a pretensão de serem abrangentes, exaustivas e, sobretudo orientativas, não é assim pela cultura elaborada na pós-modernidade, na qual tudo flui de um jeito extremamente rápido, de uma forma que, aquilo que era certo ontem, hoje não é mais. Algumas características são notadamente marcantes no pensamento do autor para a passagem da modernidade para a pós-modernidade líquida: a passagem de uma vida segura para uma vida precária, ausente de ideologias fortes que garantam às pessoas segurança existencial; a passagem de uma sociedade que acredita na eternidade para uma que vive a infinitude, ou seja, que vive somente o presente em seu máximo aproveitamento; e, por fim e principalmente, o desmoronamento do ideal de um Estado de perfeição a ser atingido no futuro. (CUGINI, 2008, p. 161 a 163).

**Movimentos sociais:** esforço coletivo, contínuo e organizado que se objetiva em algum aspecto a mudança social. Pode ser um movimento de reforma, que não busca alterar o caráter fundamental de um sistema social, mas somente melhorá-lo em oposição a um movimento revolucionário, que visa alterar as características estruturais ou culturais básicas de um sistema. Um movimento social também pode ser de resistência, que é organizado para combater possíveis mudanças sociais (JOHNSON, 1997, p. 155).

**Mudança social:** é qualquer alteração nas características culturais, estruturais, demográficas ou ecológicas de uma sociedade. Sistemas sociais se mantêm e funcionam, na verdade, segundo um complexo processo de constante mudança.

**Problema social:** para que qualquer coisa tornar-se social é preciso que envolva sistemas sociais e a participação das pessoas neste mesmo sistema, à medida que interfere ou viola valores culturais do que é bom e desejável para todos. Isso incluiria problemas causados pelas próprias condições sociais ou de qualquer outra natureza que afete as dinâmicas sociais e o cotidiano das pessoas. A identificação de algo como problema social está ligada a interesses de grupos dominantes e ao processo de construção da opinião pública. (JOHNSON, 1997, p. 182).

**Sociedade civil:** segundo a tradição grega e romana o termo é sinônimo de estado ou o domínio do político, espaço onde atuava o cidadão politicamente ativo. Sua ligação com o exercício da cidadania e civilização nunca se perdeu, embora durante o século XVIII a natureza comum entre estado e sociedade civil tenha se partido. O pensamento estava baseado no conceito da liberdade econômica, amplamente divulgada naquela época, e foi posteriormente reposicionado como a esfera média entre a família e o estado, preenchida por instituições sociais e cívicas que regulam essa vida econômica. O termo caiu em desuso com o pensamento marxista, que estabeleceu a oposição estado-sociedade somente, sendo mais tarde recuperado para significar uma parte do estado que se preocupa com o consentimento social ao invés da coerção. Seria uma esfera “político cultural”, caracterizada por organizações da classe dominante que exercem sua hegemonia sobre a sociedade. Seria também o lugar onde essa hegemonia pode ser contestada. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996. p. 717-719).

## **APÊNDICE A – Roteiro de perguntas para os entrevistados**

1. Nome, idade, formação, cargo na instituição?
2. Como surgiu o projeto?
3. O que vocês fazem, qual é o trabalho?
4. Quais os valores (visão; missão)?
5. Quantas pessoas hoje fazem parte do projeto?
6. São voluntários ou funcionários?
7. Quantas pessoas são atendidas?
8. De onde vem o dinheiro que financia as ações?
9. Qual é o propósito do projeto?
10. Existe alguma doutrina religiosa por trás do projeto?
11. Qual a importância dele para a sociedade?
12. Quais resultados vocês tem percebido?
13. O que faz do seu público alvo dos cuidados da sociedade?
14. O que você entende por justiça social? Esse trabalho se inclui nisso?
15. Você acredita que valores sociais como igualdade, direitos humanos e justiça estariam fundamentados no amor e solidariedade?
16. Quanto tempo você se dedica a esse trabalho?
17. Que sentimento você tem ao fazer isso?
18. Aconteceu algo na sua vida, algum sofrimento, que a levou a querer ajudar os que sofrem?
19. Seu trabalho aqui tem a ver com sua atuação profissional? Ajuda na sua carreira?
20. Você já pensou em parar?
21. Alguma vez foi difícil, doloroso ou inconveniente o trabalho? Porque você continuou?
22. Há resistência de alguma pessoa ou grupo ao trabalho realizado?
23. Já teve que deixar alguma coisa ou alguém por causa desse trabalho?
24. Você se sente uma pessoa melhor ao fazer o que faz?
25. A opinião das pessoas ao seu respeito melhorou com esse trabalho? Isso é importante pra você?
26. O que você doa de você, quais são os seus limites?
27. O que é mais importante: sua satisfação pessoal ou a necessidade da pessoa ajudada?
28. O que você entende por amor ao próximo?

29. Qual a diferença do amor que você sente pela sua família, pra alguém desconhecido?
30. Você acredita que o amor é algo natural ao ser-humano?
31. É possível fazer o bem mesmo sem amor? Qual a diferença na prática dessas ações nesse caso?
32. Você acredita em Deus? Acredita que existe um Deus por trás do amor?
33. Qual a responsabilidade de alguém que crê em Deus com a realidade social? Porque? E de alguém que não crê?
34. Porque, você acha, que algumas pessoas naturalmente se envolvem em causas dos outros e outras não?
35. O que despertar as pessoas para a consciência de ajuda social?
36. Dá pra ser feliz sem ajudar os outros?

**Você acha que a modernidade deixou as pessoas menos capazes de amar?**

## APÊNDICE B – Teste de logos



amor  
.sem reservas.



amor  
.sem reservas.



amor  
.sem reservas.



## APÊNDICE C – Imagem da capa do blog



## APÊNDICE D – Matérias publicadas no blog

### Abrace

Os brinquedos deixados pelo caminho indicam que tem criança morando no lugar. Logo aparece Julia<sup>11</sup>, cabeça carequinha, pés no chão, com uma joaninha no dedo, e me pergunta: “Tia, você veio pra brincar com a gente? Você gosta de joaninha?”. Eu tinha ido para fazer a entrevista com os voluntários e diretores da instituição, mas as melhores informações sobre a Associação Brasileira de Assistência às Crianças Portadoras de Câncer e Hemopatias (Abrace) consegui com as crianças moradoras da casa de apoio.

Com seus recursos vindos integralmente de doações da sociedade, a instituição brasiliense é um caso de sucesso. Em 25 anos de atuação, ajudou a aumentar o índice de cura do câncer infantil no DF em 20% e a reverter o abandono de tratamento de 28% para zero. Atualmente, eles contam com a ajuda de 476 voluntários envolvidos em algum projeto.

A casa acolhe gratuitamente uma média de 19 meninos e meninas de outros estados e seus familiares, que foram encaminhados para o tratamento no Hospital de Apoio ou Hospital de Base do Distrito Federal. Ali eles recebem acompanhamento de psicólogos, dentistas, assistentes sociais e outros profissionais, além de benefícios como alimentação, transporte e medicamentos. O lugar tenta parecer o mais aconchegante e animador possível, mas para crianças que perderam a energia, seus cabelos e até tiveram membros amputados por causa da doença, continua sendo só um lugar onde ficar até que tudo tenha passado.

Mas o abrigo não é a única atuação da Abrace. Há um acompanhamento de famílias do DF assistidas na rede pública de saúde (SUS), que identifica e supre necessidades para que o tratamento ocorra em condições ideais. Também são realizados projetos de acolhimento e encontros periódicos para esclarecer familiares sobre o diagnóstico e prognóstico da doença. A instituição já atendeu mais de três mil famílias em toda sua história. Para isso, conta com 104 funcionários e 476 voluntários. Desses, 232 tem participação presencial nas atividades da Abrace.

A instituição trabalha, inclusive, com pacientes que tem impossibilidade de cura. Através do projeto “Willian” eles preparam a criança para o enfrentamento da morte, proporcionando dias felizes e realizando o sonho de muitos pequenos pacientes. O “Travessia” é outro desses

---

<sup>11</sup> Os nomes das crianças foram trocados para preservar suas identidades, conforme orientação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

projetos, que compartilha com os pais a experiência de pós-morte e o sentimento de luto. Mas a grande aposta da Abrace é inaugurar, efetivamente, o Hospital da Criança de Brasília, que atenderá crianças e adolescentes em todas as especialidades médicas. A obra foi iniciada em 2005, mas aguarda recursos para entrar em funcionamento.

### Serviço

Se você deseja ajudar financeiramente a instituição, pode entrar em contato pelo telefone (61) 3212-6000. Para conversar sobre a possibilidade de desenvolver um trabalho voluntário, ligue (61) 3381-7265. Os voluntários atuam em suas áreas profissionais, eventos, passeios com as crianças, artesanato, organização de espaços, diretoria administrativa ou outras atividades, que inclusive, podem ser propostas.

### **Ame uma criança**

“Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade” (1 João 3:18). O versículo bíblico foi o ponto de partida do projeto de Mariane Moreira. Sua equipe de trabalho está dividida em três estados, Belo Horizonte, Fortaleza e Goiânia, conta com 44 colaboradores que estão juntos há cinco anos. Apenas no ano passado atendeu mais de seis mil crianças e adultos.

O mais surpreendente sobre o projeto para mim foi justamente como a iniciativa que partiu despreziosa, de uma só pessoa, tomou corpo e contagiou tanta gente, que veste a camisa do Ame, literalmente.

Todo o dinheiro usado nas ações vem de doações, dos integrantes e outros fiéis, além de arrecadações conseguidas em vendas feitas por eles. “Não temos ajuda de ninguém, corremos atrás. Vendemos bombom, cachorro-quente, tudo”.

O Ame uma criança, realiza todo ano conferências e reuniões voltadas para crianças cristãs, com o objetivo de falar a elas aquilo que em muitos lugares é ministrado somente em uma linguagem adulta. Para animar líderes que trabalham com esse público dentro das igrejas, eles também percorrem Brasil afora com um curso de capacitação.

Além disso, em outubro, em comemoração ao dia das crianças, as equipes sobem os morros das cidades sede para preparar uma grande festa chamada “O melhor dia do ano”, que costuma reunir 500 meninos e meninas. Ali as crianças brincam com a ajuda de monitores, comem guloseimas e recebem presentes e carinho. “Queremos mostrar que elas são amadas

por Deus. Acima de levar alguma coisa, queremos marcar seus corações”. Durante o ano, o Ame visita crianças doentes e suas famílias em hospitais e mantém um grupo de discipulado (acompanhamento cristão que envolve todas as esferas do ser-humano – espiritual, emocional e intelectual – a partir do cotidiano da pessoa) com um grupo de crianças, que está em expansão. Eles também se encontram semanalmente para tratar de assuntos administrativos e orarem uns pelos outros.

O projeto da vez é a apresentação da peça teatral “Segredo? Não!”. O objetivo é abordar temas como o abuso sexual, violência doméstica e bullying com crianças e adultos. O espetáculo já atendeu a convites de escolas, igrejas e municípios de vários estados. “Queremos alcançar adultos e crianças que foram abusados e fazer com que essas crianças se levantem para abrir a boca. Levamos a mensagem para prevenir e curar”, explica Mariane, que pensou no projeto após descobrir a história de duas amigas próximas que sofreram abuso durante a infância. “Depois do teatro, muitos adultos vêm nos procurar chorando, para contar do abuso que nunca tiveram coragem de denunciar”, lembra.

#### Serviço

Para entrar em contato com eles, acesse o perfil do grupo no facebook ou twitter.

### **Ampare**

A frase estampada em quase todos os murais e paredes da escola me tocou enquanto eu esperava a entrevista. “Se Deus deixou em seu lar uma criança diferente das outras, é porque Ele confia em você”. O ideia do amor como aceitação incondicional está muito presente na filosofia da Associação de Mães, Pais, Amigos e Reabilitadores de Excepcionais (Ampare).

A preocupação principal da instituição é ajudar famílias a acompanhar crianças que irão exigir cuidados permanentes e prepará-las para viverem o mais feliz e autonomamente possível, dentro de suas limitações.

O sentimento de justiça social e a indignação em relação à ausência de responsabilidade do Estado povoam a luta da Ampare. Na década de 1970, Brasília ainda estava engatinhando e o atendimento na rede pública de saúde (SUS) para crianças com deficiência era precário, mais do que hoje.

Foi então que pais e mães que não encontravam ajuda se reuniram para incentivar que o Governo do Distrito Federal (GDF) criasse algum órgão que defendesse o direito dessas

pessoas. “A Secretaria de Educação começou a adotar critérios para o atendimento, alguns podiam e outros não. A família era nosso foco principal e em 1972, criamos a Ampare”, conta Glaucia Gomes, 56, presidente da instituição.

Na escola da Ampare, 49 funcionários e quatro voluntários recebem toda semana uma turminha animada de 125 alunos para atividades de fisioterapia, fonoaudiologia, hidroestimulação e terapia ocupacional. Adolescentes e adultos fazem oficinas de papel reciclado, lavagem de carros, bijuterias, pintura e decupagem enquanto crianças de três a seis anos são preparadas pedagogicamente para a inclusão escolar.

Alguns chegam ali sem nunca ter tido atendimento especializado, outros vem encaminhados por escolas regulares, que já não podem mais oferecer nada a eles. Tem também os alunos que fazem atividades complementares no contra turno da educação básica.

Mas a menina dos olhos da Associação é trabalhar a estimulação precoce com crianças recém-nascidas e suas famílias. “Alguns ficam o resto da vida, mas com os pequenos temos a expectativa de que até os quatro anos tenham a possibilidade de ir para uma escola regular”, explica a presidente Gláucia Gomes. A prioridade é para os bebês, visto que as vagas são limitadas. Hoje, existem mais de 60 crianças e jovens na lista de espera da Ampare.

O trabalho de acolhimento e seleção passa pela triagem de um assistente social e uma psicóloga. “Fazemos um estudo de caso e montamos um plano individual de atendimento. A família é orientada para participar de todas as atividades”, conta Glaucia. Famílias mais pobres têm prioridade na hora de conseguir a vaga, mas mesmo aquelas que não são atendidas recebem acompanhamento e orientação para procurarem outras instâncias e lugares de apoio.

Além da escola, a Ampare fundou uma casa lar para acolher crianças com deficiência em situação de orfandade ou que foram privadas da convivência familiar por abandono ou negligência da família. “Em 1994, tomei conhecimento de crianças que eram abandonadas em hospitais por conta de sua deficiência. Peguei esses meninos junto à Vara da Infância e planejamos o primeiro abrigo para crianças com deficiência do Brasil”, diz a presidente da instituição.

O número fixo de dez crianças garante que os cuidadores dêem atenção para cada necessidade das crianças. O funcionamento é de uma casa comum – para cada três meninos e meninas, um cuidador é responsável por toda sua rotina e desenvolvimento. Todas as crianças, que são enviadas pela Vara da Infância e pelos Conselhos Tutelares, ficam sob a guarda de Gláucia.

“Lutamos pela inclusão de crianças com deficiência nos abrigos comuns, mas elas requerem muito mais atenção. Por isso, também trabalhamos com a família, porque nosso objetivo é fazer com que essas famílias retomem os filhos”.

Depois de muitos anos se sustentando apenas com o apoio de doadores, hoje a associação tem um convênio com a Secretaria de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda, a Sedest. O recurso que vem do governo custeia 70% dos gastos da escola, e na casa lar da instituição, a verba do GDF paga apenas 40% das despesas. “O resto, corremos atrás”, explica Gláucia.

#### Serviço

Para falar com a Ampare, você pode ligar 3273-6964, 3274-9561 ou mandar um email para [ampare@brturbo.com.br](mailto:ampare@brturbo.com.br). A escola fica no endereço SHCGN 709, Área Especial Escola Classe, Brasília – DF. O abrigo fica na Vila Planalto, Conjunto Fazendinha Pacheco Fernandes, casa 03, também no DF.

#### **Anjos do Amanhã**

Antes deles, o nome “Vara da Infância” automaticamente me remetia à punição de adolescentes infratores. Quebrando todo preconceito, a Rede Solidária Anjos do Amanhã, me mostrou um Judiciário ativo e preventivo. No meio da grande estrutura da 1ª Vara da Infância e da Juventude do DF está uma salinha simpática e muito visitada. Além de servidores com sacolas de doação, assistentes sociais de ONGs e adolescentes entravam e saíam enquanto a entrevista era feita.

A Rede é um programa de voluntariado que funciona dentro da estrutura organizacional do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT). Foi criada em 2006 com o objetivo de intermediar o contato entre instituições, doadores, voluntários e público alvo. Hoje conta com mais de 65 instituições cadastradas e já alcançou mais de três mil crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

“Toda a sociedade civil está se mobilizando em torno de movimentos da responsabilidade social, desenvolvimento sustentável, do voluntariado, porque finalmente chegamos ao consenso de que o Estado sozinho não é suficiente pra solucionar os grandes problemas sociais”, conta Gelson Leite, servidor da Rede.

Além dos cinco servidores do quadro do TJDF e um estagiário, a Rede conta com a atuação de 145 voluntários que trabalham em instituições de acolhimento, executoras de medidas socioeducativas e em meio aberto, projetos sociais, creches além de programas como o de profissionalização e inserção de adolescentes no mercado de trabalho.

### Serviço

Quem tiver interesse em ser um voluntário ou simplesmente fazer uma doação pode se inscrever em um de seus eixos de atuação pelo site da Rede ou entrar em contato pelos telefones: (61) 3348-6782 e 3348-6686. Organizações também podem se cadastrar para receber ajuda voluntária e doações.

Escute aqui um trecho da orientação de Gelson Leite, um dos servidores do Anjos do Amanhã, a um adolescente que cumpre medidas socioeducativas e conseguiu um estágio por meio da Rede.

### **Custe o que custar**

Maria Bernadette Moura, 53, é cozinheira de mão cheia. Trabalha vendendo caldos em frente a faculdades de Brasília, cuida de crianças e, de vez em quando, realiza trabalhos temporários. Ela mora sozinha em uma pensão e frequenta a igreja Assembléia de Deus. No início desse ano realizou o sonho de fazer missões evangelísticas no interior da Argentina, com o pagamento de um trabalho de pesquisa de opinião que realizou durante as últimas eleições.

A primeira vez que a senhora ouviu falar do pessoal que distribuía sopa no Setor Comercial Sul foi pela boca de um morador de rua. Anotou horário e local por onde passavam e ficou esperando o grupo da Missão Mãos na Obra chegar para se voluntariar ao trabalho. Foi informada que a carência de mão de obra era na cozinha, que fica na igreja que sedia o projeto, no Lago Sul.

Bernadette mora na Asa Sul e muitas vezes teve que pegar dois ônibus para chegar lá. “Hoje posso contar porque já passei por essa fase, mas na época eu precisava muito desse dinheiro. Tinha que deixar de comprar comida pra casa pra pagar as passagens”. Ela conta que ia despreocupada e feliz da vida, pois acredita que trabalhar com população de rua é um chamado em sua vida.

Mas não foi sempre assim. Antes de vir de São Paulo, Bernadette cozinhou para muita gente famosa – Ana Maria Braga, Antonio Ermírio de Moraes, familiares da Hebe Camargo – e

detestava mendigos. “Sentia nojo deles, do cheiro. Deus fez um milagre em mim. Hoje percebo que o mesmo preconceito que eu tinha contra eles, outros tem contra mim”, explica.

### Tesouros

A cozinheira garante que o trabalho da equipe já gerou muitos frutos e que até a população de rua atendida tem diminuído. “A gente pensa que na rua só tem o que não presta. Engano! Essas pessoas estão na rua não é porque querem, tem muito tesouro lá”. Um de seus vizinhos morou na rua por dois anos e hoje é garçom do Senado Federal.

Bernadette diz que na quinta-feira não marca compromisso com ninguém, porque o trabalho ali “é entre eu e Deus e com Ele eu não posso falhar”. Depois de ficar quatro anos custeando os gastos de ida e volta, hoje recebe uma ajuda financeira do grupo – segundo ela, sempre acreditou que quando se ajuda os outros, Deus cuida de você.

“O amor é isso, é você fazer as coisas, não pra crescer em cima do desespero dos outros, mas pra você deixar a pessoa melhor, pra que depois que você sair de perto dela, ela não se sentir humilhada, mas respeitada”, define.

Escute aqui um trecho da entrevista com Bernadette.

### Como se fosse de casa

“Pastooooor!”, “ora aqui pela minha perna”, “preciso conversar com você”, “quero ir hoje, mas o traficante não vai deixar”, “eu também já fui crente, sabia?”, “tá internado faz três meses”, “me empresta o celular? Preciso ligar pra casa...”, “é o meu marido, a gente não consegue se entender”, “o senhor viu um menino de uns 17 anos por aí, to procurando meu filho...”, “me arruma um cobertor?”, “Amigo! Já to indo pegar minha sopa”, “eu acredito, sim”.

Os donos dessas frases povoam o centro marginal da capital do país. A partir das 20h começam a circular pelo Setor Comercial Sul (SCS) travestis, profissionais do sexo, moradores de rua, usuários de álcool e drogas, pacientes e acompanhantes do Hospital de Base de Brasília. Suzi, travesti, trabalha ali toda a semana, recebendo clientes para programas. “Eu andava louca nesse lugar. Jogava pedra nos carros que passavam, não tinha medo de nada, claro! Vivia drogada. Hoje não uso mais essa desgraça do crack, graças a Deus”, conta.



De longe, avista o causador da mudança e grita: pastoooooor! É ela a dona da frase que acompanha Bernardo Fusco toda quinta-feira à noite. Suzi se aproxima e conversa, não se irrita com o pastor do Ministério Mundial de Unidade Cristã mesmo quando este a chama de ele.

Fusco nunca deixa de pedir aos travestis que deixem a prostituição: “eu chego e falo assim: a minha preocupação aqui é a integridade física de vocês. Porque não está estampado no rosto de ninguém que o cara é bom. Ele pára às vezes em um carrão, mas pode fazer as maiores atrocidades com vocês.” Ele chegou ao SCS distribuindo sopa com o projeto Missão Mãos na Obra, mas acabou desenvolvendo um relacionamento de amizade com os frequentadores.

Colega de Suzi, Leide confirma: “conheço ele há anos. Me falava pra parar de beber e eu lembrei dele quando quase morri por causa da bebida”. Hoje ela está limpa, sóbria há um ano. Afirma atuar como prostituta apenas nas quintas-feiras, dia que a equipe da sopa passa por ali – no resto da semana foi contratada para trabalhar em uma chácara próxima ao DF. “Tudo isso pra nós é lucro, a pessoa que cheirava coca e não cheira mais, que vendia e não vende, já é uma vitória, uma conquista pra gente”, explica Fusco.

Sem preconceitos

Mais fria do que marcam os termômetros, as noites no local amedrontam muitos brasilienses. Porém, as denúncias de um ambiente hostil e violento impressionantemente não se confirmam com ele. O também advogado circula pelo lugar como se fosse de casa. Convida todos em voz alta para tomar a sopa preparada pelo grupo de voluntários (conheça a história de Bernadette Moura), e faz o que acredita fazer de melhor por eles: ora com doentes e dependentes químicos que querem se livrar do vício, aconselha casais que vivem nas ruas, abraça a todos sem medo de se sujar.

Veja aqui vídeo do pastor Bernardo orando por um morador de rua que o procurou em um dos dias de distribuição da sopa.

“Como fazer para olhá-los sem preconceito? É amor mesmo, né? Tem que ter amor. Abundantemente é amor”. Na sua visão, todos são capazes de amar, mas essa capacidade deve ser externada e muitos não a deixam aflorar. “Encontramos pessoas de todos os credos que acham muito bonito o que fazemos e não vêm ajudar. É o amor que faz com que essas pessoas que trabalham comigo saiam de suas casas e venham toda semana”.

Seu desejo de fazer o bem a excluídos sociais veio da ordenação bíblica de confortar o coração do necessitado. O trabalho se tornou tão importante em sua vida que faz parte da visão da igreja que o pastor preside juntamente com sua esposa: “nosso objetivo é salvar vidas para Cristo através das células de multiplicação. Restaurá-las através da Missão Mãos na Obra, reconciliando-as com a sociedade, tirando-as do álcool e das drogas”.

Porém, os resultados do trabalho nem sempre são ideais. “Tem um grupo que não quer ser ajudado, já desistiu. Não temos a pretensão de recuperar todos”, afirma o pastor, “porém minha fé é suficiente para vê-los curados e fora das ruas, se não, não estaria aqui”. Para ele, a boa Palavra e demonstrações de carinho podem mudar uma pessoa.

Pela sua experiência com o trabalho nas ruas, acredita que aproximadamente 80% das pessoas saem de casa por problemas familiares. “Algo na vida dessas pessoas desregulou na engrenagem emocional. Elas precisam de mais chances”.

### **Elos de uma corrente**

Conceição Mafra, 53, psicóloga, recifense, teve câncer de estômago há cinco anos. “Dentro do prazo que eles acreditam que existe a possibilidade de volta, já me deram alta”. Mas antes disso, fez radioterapia e precisou retirar totalmente o órgão. Hoje ela tem uma ligação direta do intestino delgado com o esôfago e toda sua digestão se processa no intestino. “Tenho certas restrições com relação à quantidade de alimentos e fiquei com intolerância a leite e açúcar. Mas é uma coisa que eu convivo bem”, diz.

Era de se esperar que esse fosse o motivo que a levou a se voluntariar na Rede Feminina de Combate ao Câncer, em Brasília. Mas não foi. “Sempre cuidei de doentes sem receber nada por isso, sempre foi uma coisa minha. Eu acho que ser voluntário nasce com a pessoa, talvez tenha sido uma questão de criação”.

Conceição perdeu os pais muito pequena e foi criada pelo seu tio. “Ele era uma pessoa muito boa, gostava muito de se doar. Minha vivência com ele, junto com minha índole, deve ter me ajudado muito a ter essa visão”. Ela diz que também não foi a escolha profissional que a levou a se interessar por pessoas vulneráveis. “Não foi a formação de psicóloga que fez com que eu me tornasse voluntária, foi a vontade que eu tinha de ser voluntária que me fez ser psicóloga”.

A experiência com a doença, porém, ajuda muito no trabalho. “As pessoas que viveram o câncer, passaram pelo choque de receber a notícia, o sofrimento com a família, conseguem passar muito mais tranquilidade quando sobrevivem a isso. Quando chegamos e a paciente vê que a gente tá bem e passou por isso, já é uma esperança pra ela”.

Há um ano e meio as terças-feiras da psicóloga são reservadas para visitas na ala da quimioterapia, radioterapia e no andar de cirurgia da oncologia. Ela também ajuda nos bazares, distribuição de lanches, eventos e o que mais a Rede precisar. “Aqui, temos que ter disciplina, não posso simplesmente dizer que hoje não estou afim e não ir. Isso é um trabalho, só não é remunerado”.

A remuneração de Conceição é o apoio emocional que recebe das colegas. “A gente forma como se fosse uma corrente. Somos elos separados que se juntam aqui dentro e com isso a gente fica forte. Conseguimos brincar, rir, diante de tanta situação ruim. Mas isso não significa que sejamos frios”. O segredo, segundo ela, para suportar a pressão do trabalho é não se envolver muito, para também não acabar adoecendo junto com os pacientes.

Isso nem sempre é possível. “Infelizmente, a gente não consegue ficar totalmente imune. Então, muitas vezes eu chego em casa com uma dor de cabeça... Lá no fundo pensando nas situações que vi. Faço uma comparação com outras pessoas que tem tudo e vivem tão insatisfeitas com a vida. A gente muda os valores, o que antes tinha tanto valor passa a não ter, diante dessa coisa que é mínima, a vida né?”, diz.

#### Consolo

Todos os dias, Conceição aborda pacientes que estão assustados com o diagnóstico e explica que há muitas possibilidades de melhora. Muitos têm medo até do tratamento. Na ala das cirurgias, sempre pergunta como foi a operação, se querem conversar. Sempre oferece esperança.

“As pessoas vão se abrindo. O que eu sinto nas conversas é que quanto mais humildes as pessoas são, maior é a fé delas. Eu digo isso porque já vivi com pacientes ricos e que ficavam se perguntando: ‘Porque eu?’”. No Hospital de Base de Brasília ela quase não escuta essa pergunta e acredita que, por isso mesmo, as pessoas se recuperam mais rápido. “Vejo elas acreditando em Deus, tendo fé na melhora, bem-humoradas na hora da cirurgia, felizes quando retornam. A gente vê muitos poucos casos de pessoas desesperadas”.

Mas o desespero existe. Conceição entrou um dia num quarto de uma senhora que chorava muito. Ao lhe perguntar o motivo da tristeza, ela explicou que estava ali fazendo uma cirurgia no coração, porém o médico não pôde dar continuidade à operação porque descobriu que ela estava com câncer. “Eu disse: você é uma felizarda, porque se não tivessem aberto seu coração pra cirurgia, nunca saberia que está com câncer. Faça o tratamento e depois volte pra cirurgia”. A voluntária acredita que uma oportunidade dessas é uma benção de Deus, que põe as suas mãos em todas as circunstâncias da vida.

Mais do que tudo no mundo a gente precisa ter amor. É o que ela pensa. Ter amor ao próximo seria não ser egoísta, saber dividir a vida. Em nenhum momento pensou que ao ir para o hospital perde suas tardes. “Sinto que ganhei uma tarde. Pra quem lida com o ser-humano, todos os dias são diferentes. Todo dia acontece uma coisa engraçada, que a gente se chateia ou fica triste. No fim do dia, estou cansada, mas gratificada”.

### **Centro de Valorização da Vida**

O CVV existe há 49 anos. Hoje possui 41 postos que funcionam 24 horas e 30 Postos Samaritanos que funcionam menos de 24 horas. Conta com quase dois mil voluntários, que receberam nos últimos cinco anos mais de um milhão de chamadas anuais.

O trabalho é bastante reconhecido e obteve muitos resultados ao longo desses anos, a despeito do meu completo desconhecimento. Confesso que as histórias que escutei durante a entrevista me deixaram pensativa por muitos dias. Admirei aquelas pessoas que se aventuram a explorar universos particulares cheios de dor, só para oferecer alívio.

A iniciativa partiu de um grupo de 17 estudantes espíritas que veiculou em um jornal de São Paulo a campanha Valorizar a vida de quem não a valoriza mais. Eles alugaram uma sala e instalaram uma linha telefônica que começou a receber muitas ligações.

A metodologia é baseada na abordagem da psicologia humanista, apoiada nos ensinamentos de Carl Rogers. Em 1977, o trabalho teve uma explosão de crescimento com a vinda ao Brasil do criador do conceito de trabalho voluntário de prevenção do suicídio, o reverendo anglicano Chad Varah.

Eles acreditavam que o ser-humano possui dentro de si a capacidade de ser feliz e de achar a solução para as questões da vida, é o que chamam de tendência realizadora. Dessa forma, o que os voluntários do CVV fazem é trabalhar para que essa capacidade venha à tona em

momentos de conflitos. Eles não emitem opinião, não dão conselhos e, na verdade, quase não interferem na conversa. A ideia é escutar o desabafo, intermediando e esclarecendo sentimentos de maneira que a pessoa por si mesmo encontre a solução e suas respostas.

“O diálogo é centrado na outra pessoa. Quando alguém quer apresentar soluções próprias está desconfiando da capacidade do outro, tratando-a como criança, não fazemos isso”, explica Eduardo Ossege, voluntário. Ele diz que evitam qualquer tipo de conselho, até mesmo uma sugestão de tratamento psicológico, “porque a pessoa que pede conselhos não quer andar com os próprios pés, ela quer ficar dependente”.

As prerrogativas para se candidatar ao trabalho é ter mais de 18 anos e disponibilidade de quatro horas e meia semanais para fazer plantões de atendimento. Os voluntários recebem um treinamento inicial durante dez finais de semana e participam de reuniões periódicas. Não há como não sentir o peso emocional que há por trás de cada ligação e deixar de admirar cada uma dos 60 moradores do DF que se candidataram ao novo treinamento este ano.

“Nas reuniões os voluntários falam dos atendimentos, fazem treinamento. Para ter firmeza leva tempo. No começo é meio mecânico, mas não deve ser assim”, explica Eduardo. A relação travada entre atendido e voluntário é sempre de ajuda, e não pode virar uma relação social.

O CVV também fundou a Clínica de Repouso Francisca Júlia, para doentes mentais sem recursos e sem contato familiar. A clínica localiza-se no município de São José dos Campos e visa atender doentes psiquiátricos. A ideia surgiu da constatação de que 10% das pessoas que procuram ajuda no CVV com tendências suicidas apresentavam transtornos mentais.

### Serviço

O telefone de atendimento do CVV é o 141, em qualquer área do país. O posto de Brasília fica no SRTVN Quadra 702 Ed. Rádio Center sala 5 e pode ser contatado também pelo telefone (61) 3326-4111.

Interessados em se voluntariar para serem plantonistas e realizarem os atendimentos podem se inscrever pelo site [www.cvv.org.br](http://www.cvv.org.br) ou diretamente em um dos postos. A instituição também conta com a ajuda de profissionais que divulgam o trabalho por meio de espaço para palestras, assessoria de imprensa, produção de campanhas publicitárias, vídeos, áudios, peças gráficas e outras atividades. Para ser um colaborador entre em contato pelo telefone (11) 3107-2152 ou pelo email [central@cvv.org.br](mailto:central@cvv.org.br).

Para conhecer mais do trabalho do CCV veja vídeos de campanhas veiculadas na mídia:

Explicação do trabalho: <http://www.youtube.com/watch?v=Uhj7VLOIyqE&feature=related>

Propaganda do posto de Brasília: <http://www.youtube.com/watch?v=9orsQdPXfs0&NR=1>

Campanhas realizadas pela agência de publicidade Leo Burnett:

<http://www.youtube.com/watch?v=t8uZqYuEVq4&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=4eGUqlLy6pE&feature=related>

[http://www.youtube.com/watch?v=FqfVinY9\\_cE&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=FqfVinY9_cE&feature=related)

<http://www.youtube.com/watch?v=evMDdkJIRQU&feature=related>

### **Via de mão dupla**

Abraçar crianças, visitar velhinhos, colocar a mão na massa. Essa é a ideia corrente sobre voluntariado. Daniela Silva dos Santos, 29, encontrou um meio diferente de ajudar. “De fato, nada substitui o olho no olho, até porque o homem é um ser social, entretanto mesmo por meio da internet, eu desenvolvo afinidades, parceiros – o que também tem um grande valor”.

Ela é voluntária pela internet há dois anos, uma das mais ativas, segundo a coordenação do portal Voluntários Online. A pedagoga atua como pesquisadora, buscando notícias, artigos ou dados que informam boas práticas sobre crianças e adolescentes, saúde, bem-estar, responsabilidade social nas empresas e fontes de recursos para projetos sociais. “Tenho algumas páginas específicas que auxiliam na busca. Existem sites que estão ligados à causa do terceiro setor, sempre procuro por lá”.

O conteúdo pesquisado é enviado por e-mail ao coordenador de voluntários e após sua avaliação é postado no blog da instituição. A partir daí, ONGs parceiras podem ler as novidades e melhorar seus projetos e ações. “Também atuo como disseminadora de campanhas pontuais para meus amigos e outros ativistas de causas sociais”.

Daniela gasta 15 minutos, duas vezes por semana, com o trabalho, mas diz que mesmo durante suas leituras de lazer está sempre ligada para colher e enviar informações que possam ajudar o portal. “É simples, rápido, prático, e tem a maior repercussão para a causa do voluntariado”. Ela conta que nunca trabalhou com pesquisas antes e o que mais a empolga, nesse caso, é a possibilidade de além de fazer buscas, contribuir com novas idéias e sugestões.

O voluntariado online foi uma grande surpresa. Ela nunca havia escutado falar desse jeito de ajudar e quando tropeçou no portal navegando pelo Google, agarrou a oportunidade de fazer o que não conseguia realizar presencialmente. “Aqui em São Paulo, tudo é muito longe. Quase sempre inviável. Visitei uma instituição há pouco tempo, mas não pude iniciar o trabalho, porque a sede de atividades é muito longe da minha casa”.

A experiência também a tem ajudado encontrar caminhos profissionais. Depois da atuação voluntária, Daniela passou a buscar oportunidades que tenham a pesquisa como atividade principal. “Por muito tempo, atuei em áreas que não me davam prazer. Eu estive no lugar errado, na hora certa. Hora certa, porque eu precisava realizar determinada atividade para conseguir me formar. Lugar errado porque meu coração nunca esteve ali.” Descobriu, trabalhando de graça, uma área de grande interesse.

Mas os benefícios que colheu vão além de aprendizados para o trabalho. “Eu me sinto útil, sinto que minha peregrinação nesta terra não é em vão”, diz. Daniela encontra o reconhecimento das ONGs ajudadas toda vez que envia novas pesquisas e diz que pode perceber “um brilho nos olhos” daqueles que escutam sobre sua iniciativa.

Pelo amor ou pela dor

A jovem acredita que o conceito de justiça social está ligado a transmitir duas coisas: tolerância e educação. “Trabalhar pela justiça é educar ações, plantar a solidariedade em um mundo que pode estar fadado ao fracasso pela intolerância, perda de valores e pela violência. O voluntariado ajuda a resgatar isto”.

O desejo insistente em se envolver com o voluntariado foi motivado por experiências pessoais. “Eu acredito que o amor é a base de tudo que faço. Deus é amor. Entretanto, a empatia foi primordial”. Ela diz que por ter passado por dificuldades, acabou aprendendo a sair da sua zona de conforto e superar os desafios. Esse conhecimento de como alcançar vitória deveria ser multiplicado. “Empatia é saber e ter a habilidade de colocar-se no lugar do outro e ajudá-lo, da mesma forma que te ajudaram um dia.”

Acreditar na existência de Deus foi, inevitavelmente, outra consequência das lutas que enfrentou. “Existe um ditado muito citado entre cristãos que diz: ‘ou você irar crer em Deus pelo amor, ou pela dor’. Eu, como a maioria das pessoas, fui pela dor”.

Para ela, a solidariedade e o se aproximar de Deus são caminhos que estão ligados. “Ajudar o próximo é uma responsabilidade não somente de quem crê em Deus, mas de todo aquele que

abre seu coração para o amor. E como Deus é amor, é quase impossível dissociar isso de Deus.”

Daniela diz que o amor é uma via de mão dupla – o bem que vai, volta para quem faz. “Mais do que me sentir bem, quando eu ajudo, aprendo a me sentir. Eu sinto que estou viva”. Fazer trabalho voluntário por fazer, só porque se almeja imprimir uma imagem perante a sociedade ou porque é valorizado no currículo, segundo ela, não trará benefícios. “Você precisa, sim, fazer porque ama, porque crê, porque sabe que pode contribuir.”

### **De igual para igual**

Histórias como as de Giuliano Ferreira ou de Jucimar Batista não são novidade para ele. Domingos Alves de Oliveira, 46, contemplou a transformação de muitas vidas. A dele próprio foi uma delas. “Venho desse mundo. Nunca morei em rua, mas dos 13 aos 22 anos conheci as drogas no Rio de Janeiro. Com a minha conversão, nesses últimos 20 anos, houve uma mudança radical em mim”. O pastor diz que sua alegria é saber que com sua experiência, pode ajudar outras pessoas.

Mas tudo isso tem um preço alto: o sacrifício pessoal. Quando conheceu a Missão Vida, o pastor deixou tudo para trás. “O número de obreiros aqui é bem reduzido porque temos muitas renúncias. Renunciamos casamento, emprego, um monte de coisas, o que for preciso”, diz.

Hoje, são quatro obreiros que servem 30 internos. Uma de suas maiores dificuldades é encontrar voluntários, pois muitos começam trabalhos que não terminam. Ele afirma não esperar elogios, pois sua dedicação ao trabalho de recuperação de usuários de álcool e drogas não é motivada em si mesmo – “foi Deus quem me chamou”.

Domingos mora na chácara que acolhe homens moradores de rua e recebe uma ajuda de custo, vinda das doações voluntárias que sustentam todo o trabalho. No centro há um ano, oito na Missão Vida, é diretor e coordena os trabalhos de terapia ocupacional, acompanha pessoalmente cada interno, busca parceiros e voluntários e cuida da toda parte administrativa e financeira da casa.

### **Paciência no processo**

“O processo de adaptação é variado. Tem pessoas que não conseguem se submeter a normas como banho diário, horário para acordar...”, conta. Ele diz que nas ruas, os moradores não têm



regras e se submeter a elas passa a ser tarefa difícil quando chegam na casa, sendo o fator que mais leva a desistência do programa.

Além de ajudar na auto-estima, a rotina de higiene pessoal visa reintegrá-los socialmente. “Queremos despertar neles o valor do trabalho e por isso todo serviço de limpeza e cozinha também é feito pelos rapazes. Os que conseguem assumir a responsabilidade, se recuperam”. O percentual dos que concluem o programa com êxito, do total que ingressa, é de 20%.

A ONG não recebe internações forçadas, é preciso que a pessoa concorde com o tratamento. A chácara nem tem cercas, apesar dos internos não poderem sair do local nas primeiras semanas do programa. Tudo é trabalhado na base da conscientização. “Uma hora, a pessoa vai estar lá fora e precisa saber que lá também vai ter limites. Eles precisam entender que saindo daqui, terão que se policiar o tempo todo”.

Para ele, o que faz alguém permanecer longe das drogas e da rua depois da conclusão do programa é o seguinte tripé: estar firme com Cristo, voltar para a família e estabelecer uma vida profissional. “Mas Deus é o mais importante, Ele é quem sustenta. Porque, às vezes, a pessoa sai daqui e a família não a recebe de volta, por causa de tudo que já sofreu”.

Domingos se solidariza com a dificuldade dos ex-moradores de rua de reatar os relacionamentos familiares. Ele mesmo faz o contato com as esposas e mães, mas nem sempre é bem recebido. “Já ligue para mães que me falaram: ‘essa desgraça não está morta ainda? Não quero saber, ele não é mais meu filho’. A gente nunca espera rejeição de mãe, né? Como passar uma resposta dessas?”. Nessas horas, lembra os internos de que tudo que fizeram gerou conseqüências, mas que sempre há esperança.

O pastor acredita que a mensagem do evangelho tem o poder de restaurar o caráter dos homens. “O que me fundamenta hoje é a minha fé, aquilo que vivo e prego. Deu certo para a gente, vai dar para eles também!”. O compartilhar de suas experiências pessoais é, inclusive, a base de seu relacionamento com os internos: “trato eles de igual para igual e fazemos diferença um na vida do outro”.

Amar ao próximo, na sua visão, seria parar seus afazeres e interesses pessoais para ajudar. Domingos parou muitas vezes sua vida para escutar as mágoas de homens marcados pela rejeição e pela culpa. “Muitos falam que a mãe e o pai nunca pararam para escutá-los”. Após ouvir pacientemente, Domingos diz a eles que tudo ficou para trás e que eles são novas

criaturas. “Eu creio que se olharmos para o ser-humano apesar de todo pecado, da história de cada um, todos tem a possibilidade de mudar”.

O pastor Domingos está precisando de novos voluntários para trabalhar com os internos ou na chácara. Interessados podem entrar em contato com ele pelo email [mvidabrasilia@gmail.com](mailto:mvidabrasilia@gmail.com) ou pelo telefone 3487-2194.

### **Saindo do centro**

O lugar é pequeno, móveis modestos, dois telefones, um deles toca. A voluntária passa quase uma hora em atendimento; parece já conhecer a pessoa do outro lado da linha. De vez em quando ela faz interferências rápidas para mostrar que está entendendo a situação. O anonimato dos voluntários e de quem liga é sempre preservado. O assunto pode variar muito, mas não se trata de um bate-papo, ali o centro da conversa é um só: quem precisa desabafar.

Um senhor alemão muito solícito e fluente no português, Eduardo Ossege, 75, responde à imprensa pelo posto de trabalho do Centro de Valorização da Vida (CVV) no Distrito Federal. Já passou por todos os cargos na instituição, mas hoje realiza palestras e cursos de treinamento, faz parte da comissão de estudos, edita um jornal interno e também faz atendimentos pela internet.

Ossege está no Brasil há mais de 40 anos. Veio para estudar, trabalhou no consulado e na embaixada da Alemanha, deu aulas, foi tradutor, casou-se com uma brasileira e ficou por aqui. Mas nunca abandonou as raízes: “meus pais nos deram uma educação que incluía o amor ao próximo e ajudar os outros. Meu pai era um exemplo”.

Um dia, ao ver o anúncio sobre o Centro no Jornal de Brasília se interessou muito pela proposta e começou seu primeiro trabalho voluntário, que nunca mais abandonou. “Nunca me cansei do CVV. Às vezes a família reclama de que eu dedico tempo demais a isso. Minha esposa já foi voluntária também, hoje ela não tem mais tempo”, diz ele.

O filósofo tem uma motivação específica e insistente: não se focar em si mesmo. “Você só se realiza se tiver compaixão, tem que se abrir para os outros. Não é necessário ser um voluntário, mas temos uma responsabilidade pelo mundo”, acredita. “Quando você é jovem estuda, casa, tem filhos... Mas o amor nunca pode ser exclusivo, só para sua família, sonhos. Isso é muito pequeno!”

Para ele, existe algo divino por trás de cada pessoa, algo muito valioso por trás da vida e cada um deve decidir por sua tendência ao egoísmo ou a se doar. “O amor é quando você cuida, se importa, se sente responsável. É um sentimento para quem não está centrado no eu. Na verdade, o eu deve desaparecer. O eu julga, avalia, compara, associa, se impõe, exige. Estar centrado no outro é a forma mais pura do amor”, avalia.

#### Peso emocional

Sua firmeza, mesmo diante de tantos problemas alheios, nunca deixou Ossege se sentir culpado pelos suicídios das pessoas que atendeu. “Se alguém fica deprimido com os atendimentos não está apto para o trabalho. Quando resolvem acabar com sua vida a responsabilidades é deles e não do voluntário. A pessoa é livre inclusive para se matar. Porém quem liga, na verdade, quer ser salvo”.

Apesar de trabalhar situações de tensão nos treinamentos, alguns atendimentos são inevitavelmente chocantes. No posto de Brasília, um jovem voluntário fazia plantão quando recebeu a ligação de um homem que já havia cortado os pulsos e queria companhia até morrer. O rapaz tentou descobrir seu endereço para mandar socorro, mas não teve sucesso. Escutou o telefone caindo ao chão depois do último suspiro. Naquele dia, foi ele quem precisou de atendimento.

Eduardo também já presenciou grandes crises. Recebeu a ligação de uma mulher que dizia já ter colocado um copo de veneno em sua frente e resolvido se matar. “Deixei ela desabafar a motivação, a raiva que estava sentindo. Ela foi abandonada pelo companheiro de repente e entrou em parafuso. Depois de meia hora ainda estava decidida a morrer”.

O voluntário disse apenas que gostaria de falar mais com ela e a chamou para ir ao posto. Ela negou e ele se ofereceu para fazer uma visita. Com mais um voluntário experiente, foi até casa da moça e ela não se matou. “Na minha frente, ela jogou o copo fora”.

Segundo ele, o que funciona é a pessoa saber que alguém se importa. “Dizemos: ‘eu estou aqui, pode contar comigo’. Quando estão na síndrome do só, as pessoas só enxergam o suicídio como solução e os familiares e amigos costumam não ouvir, não levam a sério”.

O deprimido fica com vergonha, medo de ser julgado pelos conhecidos. Os voluntários do CVV são treinados para não emitirem julgamentos. O simpático senhor diz que, na verdade, se sente enriquecido com as experiências que escuta. “É um privilégio entrar no mundo das pessoas sem máscaras”.

Assim como a instituição que representa Ossege tem crenças religiosas, mas nunca as usa durante o atendimento. “Deus é uma realidade una, um ser impessoal”, acredita. Ele conta que certo dia, diante do desespero para tentar salvar uma vida ouviu uma voluntária aconselhando: “reza, minha filha! Reza agora! Falei pra ela: o que você está fazendo? Não podemos!”, diverte-se hoje.

### **Pelos filhos dos outros**

Quando foi convidada por dois ex-meninos de rua para coordenar o projeto Giração, Eliena de Barros já militava há muitos anos por direitos da infância – “eles precisavam de alguém que tivesse contato com os meninos de rua, então me chamaram”.

Ela diz que mantêm com eles um vínculo forte de respeito e troca, quase um relacionamento de mãe e filhos. E não é porque eles sejam sempre respeitosos e confiáveis. “Eles sempre são inconvenientes do ponto de vista dos nossos valores. Mas se eu passasse a metade do que eles passam também seria”. Eliena defende que quando a sociedade olha um menino de rua só vê o crack. “Ninguém pára pra ouvir a omissão de todos pra com ele, o quanto ele foi violentado por todos”.

Sua insistência em buscá-los nas ruas e investir no seu futuro está baseada no que Tia Eli, apelido que ganhou entre os meninos de rua, chama de um amor político. “O sangue que corre em nossas veias é o mesmo do deles”. É o seu sentimento de responsabilidade social, o desejo de mudança e o ideal de construir uma sociedade melhor que a impulsionam desde que começou a se envolver com entidades comunitárias na Ceilândia, quando adolescente.

“Às vezes penso que já cumpri meu papel social, que devia ter me dedicado mais aos estudos, à minha família, me culpo por ter falhado com eles. Mas não me arrependo. Quando você vê crianças recuperadas, sabe que vale a pena. Sempre vale à pena investir na vida”. Ela conta que por causa do engajamento social já foi muito cobrada por seus dois filhos, hoje adultos.

“Tem horas que você abre mão dos seus filhos pelos filhos dos outros”, confessa, “mas meus filhos são só dois, se não ganhasse os dois pra minha luta, ganharia muitos”. Os filhos estão sempre por perto, mas detestam tudo que envolve movimentos sociais. “Casa de ferreiro, espeto de pau, né? Me sinto deprê total!”, brinca.

A estudante de serviço social sempre se desdobrou para conciliar tudo, mas o trabalho pelos outros também consumiu seu tempo de lazer e dificultou sua agenda pessoal. “Foi minha

opção. Não me acho plena em tudo por fazer o que faço. Em algumas coisas sim, em outras ainda estou buscando felicidade. Também não me acho maravilhosa, estou apenas fazendo a minha parte”.

Eli acreditou em muitas crianças, perdeu poucas para a Papuda ou para o cemitério. “Acreditar no ser - humano é você se propor a se sacrificar por ele”. Um dos seus frutos, Giuliano Ferreira, hoje trabalha, é educador do projeto e está estudando Direito na Universidade Católica de Brasília. O jovem já foi chefe do tráfico na Rodoviária do Plano Piloto e atrapalhava o trabalho de abordagem dos meninos de rua. De tanta insistência por parte de Eliena, ele a procurou com um pedido de socorro para se tratar da dependência química. Ela correu atrás e conseguiu uma casa que topou o receber, a Missão Vida.

Thais Rodrigues, 17, faz parte de outra dessas histórias da família Giração. Está na quinta série do Ensino Fundamental e pensa em terminar a escola e fazer o curso de Design de Moda. Esse ano, durante as comemorações do dia da mulher, ela discursou no plenário do Senado Federal sobre a condição das meninas de rua e a construção de suas identidades.

Thais saiu de casa a primeira vez aos sete anos, depois de uma discussão com a mãe. Passou nove anos na rua, traficando e usando drogas. Está no Giração desde o início do projeto e reconhece: “se não fosse por eles eu poderia estar morta, drogada na rua. Os educadores me davam conselho, apoiavam, iam atrás mesmo eu aprontando. Isso pra mim já bastou”. Ela conta orgulhosa que se pudesse queria ser igual a Tia Eli, “porque ela é uma pessoa muito guerreira, que eu admiro muito. Quero também mudar a vida dessas pessoas que a sociedade não acredita, não dá valor”.

Veja aqui um trecho da entrevista com Fabrício Oliveira, um dos meninos da Tia Eli.

### **Pagar com a própria vida**

“Já to doido pra voltar pra lá”. A pergunta que fiz durante a entrevista era para saber se Fabrício Marra da Silva, 28, sentiu falta do lugar, mas me referia à cidade grande, aos shoppings, à civilização... Coisas que deixou para trás quando foi fazer seu estágio transcultural no norte da África, após concluir o curso de formação de obreiros da Missão Cristã Mundial (MCM). Ele não entendeu porque na verdade sente saudade mesmo é do Quênia e dos órfãos com quem trabalhou. “Quando você vive aquela realidade, só pensa naquilo”.

Foram oito meses na casa dos Herdeiros de Deus, projeto da MCM. Ali ele cuidava de toda a rotina e assuntos da casa, que recolhe crianças vítimas das guerras civis que desolaram o país por quase 50 anos. “Não é um orfanato, é uma família”, explica.

Além disso, ele participou de um trabalho de profissionalização para costura e plantação de batatas, desenvolvido pela organização com viúvas do local. Nesse tempo, o missionário também ajudou o trabalho dos Herdeiros no Sudão, além de visitar o deserto do Quênia com uma equipe de pastores brasileiros para conhecer uma tribo chamada Turkana. “Esse povo sobrevive pela misericórdia de Deus!”. Os turkanas comem folhas de árvore e bebem água de uma pequena fruta que contém três gotas do líquido. O grupo ficou tão chocado com a situação que decidiu levar água e alimentos para aquele povo. Necessidade avaliadas, começaram a arrecadar fundos para furar dois poços, que atenderiam cinco mil pessoas. O primeiro já está pronto e a meta foi alargada, eles querem muito mais que dois.

“Obras sociais deveriam ser responsabilidade dos filhos de Deus. Não podemos amar de palavras. O amor não é um sentimento que fica de braços cruzados”. Fabrício acredita que o melhor convencimento do Cristianismo não são pregações, mas atitudes de amor. “Nosso papel ao fazer missões é suprir as necessidades por onde chegamos e então dizer àquelas pessoas que foi Deus quem nos mandou. O evangelho sempre vai além, o amor de Deus nos constrange a fazer algo mais, integrar socialmente, dar dignidade”.

O jovem diz que em missões internacionais encontra muitos que vão, mas querem algo em troca. “A diferença da obra feita com amor é que ela perdura, porque o amor é eterno e contagiante”. Viu muitos que desistiram diante das imensas dificuldades de estrutura do país. “No Sudão vemos carros da ONU e Unicef passando o tempo todo, cheios de promessas. Falaram muito bem do trabalho, mas tudo que fizeram foi nos dar cadernos e cobertores e irem embora”.

Ouviu as mesmas críticas direcionadas a todos que decidem ajudar fora da país, mas diz que a pobreza que encontrou na África não se compara com qualquer miséria que viu no Brasil. “A igreja brasileira é muito rica, muito preocupada consigo mesmo. Se investisse em quem tem fome o mundo seria outro, tenho essa esperança de melhora”.

Cabeça a prêmio

Fabrizio acredita em um amor especial, experimentado por aqueles que seguem a Jesus. “Todos nascemos capazes de nos compadecer diante de um desastre, mas existe um amor que aprendemos, desenvolvemos, à medida que amamos a Deus não podemos ficar indiferentes”, afirma. Ele diz ter certeza de que o que faz é muito pouco, “se fosse possível pagaria o preço de resgate por essas crianças com minha própria vida”.

Uma das expressões desse amor ilimitado se manifestou durante seus conflitos com uma cultura tão diferente da sua. Ele lembra que muitos costumes daquele povo divergiam muito dos seus. “Como não era mais eu, mas a prioridade era o outro, suportei. Quando você ama está disposto a colocar a cabeça a prêmio”.

O segredo para a aproximação foi não impor padrões do que seria bom aos seus olhos. “Pensamos que o que é bom pra nós supostamente também será pra eles. Isso pode até matá-los. O que devemos fazer é mostrar algo que vai além de qualquer cultura: o amor, que nunca destrói”.

Visitando o Brasil para rever a família, igrejas e pessoas que o apóiam, tudo que pensa é em voltar rápido – já está com as passagens compradas para o dia 17 de agosto. Não que não seja difícil deixar tudo para trás, mas fazer missões era um sonho antigo. “Já sentia o chamado há algum tempo e quando conheci o trabalho da MCM pelo meu primo Olavo, decidi ir”.

Algumas de suas decisões foram questionadas pela família. Na pressa de ir para escola da instituição, achou que havia se formado em Publicidade e não percebeu que lhe faltava algumas disciplinas para completar o currículo. Ficou sem o diploma e nem sente falta. “Hoje percebo que isso não tem tanto valor”.

Assista aqui vídeo, editado pelo Fabrizio, sobre seu trabalho com os Herdeiros de Deus.

Leia seu diário de bordo no blog: <http://fabriciomarra.wordpress.com/>

Confira seu trabalho fotográfico no flickr: <http://www.flickr.com/photos/fabriciomarra/>

## **Giração**

Superar as dificuldades é palavra de ordem no projeto Giração. “Nosso objetivo era chamar a atenção do Estado e da sociedade para os meninos de rua, que já viraram paisagem pra nós”, explica Eliena de Barros, coordenadora da casa.

Os depoimentos que ouvi, as histórias por trás de cada menino e menina ali, fizeram do Giração uma prazerosa descoberta. Cada vez que voltava ao lugar, conversava com alguém novo, re-escutava as gravações me apaixonava um pouco mais pelo projeto. Não pude segurar só em mim as impressões que o trabalho me causou e saí espalhando histórias entre os amigos. Espero que eles também passem a enxergar mais as crianças invisíveis que povoam nossa cidade.

Nascida da iniciativa do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) em parceria com o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA) e o patrocínio da Petrobrás, a casa de passagem hoje é totalmente custeada pelo GDF, que a integrou à estrutura da Sedest.

Apesar da verba estatal, o lugar continua com portas improvisadas, camas amontoadas, operando em capacidade máxima e fica difícil entender como um lugar com essa estrutura pode ser o melhor lar que alguém já teve. Após algumas conversas, percebe-se que o diferencial do Giração não são banheiros ou quartos confortáveis, mas pessoas que entendem a realidade de meninos e meninas que passaram grande parte de suas vidas nas ruas e os estimule a se incluir socialmente.

O projeto, em sua origem, buscava crianças e adolescentes que moravam nas proximidades da rodoviária do Plano Piloto para recuperá-los em sua saúde, educação, auto-estima e garantir seus direitos de dignidade, sobrevivência e convívio social. Hoje, eles vêm por conta própria ou trazidos pela polícia.

A casa abriga até 45 pessoas e conta com o trabalho de 12 cuidadores, dois psicólogos e mais cinco profissionais administrativos. Além da rotina normal de uma casa, os meninos e meninas tem um tempo reservado para aulas regulares na Escola de Meninos e Meninas do Parque ou no projeto Vira Vida, do Sesc. Muitos já trabalham e todos participam de oficinas de artes, informática e cidadania.

Os educadores batalham para que as crianças e adolescentes tenham acesso a, principalmente, profissionalização, mas também passeios, projetos artísticos e discussões sociais e políticas. “A ideia é que os meninos que saírem daqui já saiam com a vida feita”, explica Eliena.

Há um calendário político pedagógico da instituição, cumprido durante todo ano. Em datas como o carnaval, o dia da mulher ou o 18 de maio, são realizados debates sobre a realidade deles frente a esses temas.



O projeto trabalha muito com a redução do uso de drogas. “Mais de 80% dos meninos de rua são usuários de drogas. A droga representa tudo pra eles, ocupa o lugar da fome, das frustrações, é fonte de renda e cidadania. Quando eles têm a possibilidade de ter outras coisas que substituam isso, a droga perde importância”, diz Eliena de Barros, coordenadora do projeto.

Ela defende que a adolescência e a juventude deles é um tempo curto, porque sua saúde é debilitada pelo uso de entorpecentes, por isso a ação de intervenção por parte do Estado e da sociedade civil organizada deve ser imediata.

#### Serviço

Para entrar em contato com a casa ligue (61) 3344-7599. Profissionais da imprensa devem passar pelo atendimento da assessoria de comunicação da Sedest pelos telefones (61) 3961-4538 ou 3961-4598.

Conheça um pouco das atividades do Giração nos blogs:

<http://projetogiracaoteatro.blogspot.com/>

<http://projetogiracaooficinadetaekwondo.blogspot.com/>

<http://projetogiraocaooficinademoda.blogspot.com/2009/03/gira-folia.html>

<http://projetogiracaopercussao.blogspot.com/>

#### **O que ele queria para a vida**

Os meninos invisíveis estão por toda parte, mas quem consegue vê-los? Giuliano Ferreira Santos, 32, começa avisando: “minha história é bem triste, mas também de superação, sabe?”. O relato – da infância nas ruas, prisões, falta de oportunidades e a posterior virada de vida – inspira crianças e adolescentes que, hoje, ele educa.

Pode parecer apenas mais uma história bonita para ser contada como exemplo de alguém que venceu, teve raça e, como bom brasileiro, nunca desistiu. Mas não se trata disso. O caso aqui é sobre estender as mãos, resgatar, se doar, construir juntos. Felizmente, as pessoas que cruzaram o caminho de Giuliano enxergaram além do filtro social do medo, da discriminação e do egoísmo, que condena meninos de rua à condição de irrecuperáveis.

Os pais se separaram quando ele ainda era pequeno, a mãe trabalhava o dia todo. Deixava os filhos sozinhos, trancados em casa. “Hoje sei que ela não fazia por maldade, mas porque tinha que sustentar a família”. Giuliano logo aprendeu a pular a janela e fugir da escola. A mãe ia buscá-lo na rua e ele apanhava muito por causa das fugas.

Começou, assim, a se criar na companhia dos vizinhos de Taguatinga Sul (DF), que já fumavam e cometiam pequenos furtos. Quando aprendeu a pegar ônibus foi parar em lugares mais perigosos da cidade. “Conheci garotos mais velhos, mais problemáticos, que usavam drogas”. A essa altura, já não queria mais voltar. O conselho tutelar o levava e a mãe foi buscar algumas vezes, batia, mas não teve jeito. Com nove anos, Giuliano virou menino de rua: “descalço, sujo, piolhento, cabelo grande”.

Ele se indigna com a ausência de uma interferência do Estado em sua vida. “O Estado não me tratou como uma criança sujeita de direitos, mas como um usuário. Não se preocuparam em me garantir um futuro”. Começou a roubar para se sustentar na rua e, por isso, dos 14 aos 18 anos ficou internado no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), executor de medidas socioeducativas de Brasília.

“Fui muito maltratado pela equipe que trabalhava lá. Era chamado de lixo, mulambo, irrecuperável... Pela equipe que era paga pra me educar e me devolver pra sociedade! Fiquei muito pior”. Ele conta que no dia que fez 18 anos, ao invés de conselhos para mudar de conduta, recebeu de um educador a piada de que agora sua vida seria a Papuda (penitenciária do DF). Ali, ouvia sempre que custava sete mil reais mensais ao Estado e não conseguia entender porque só tinha uma marmita e um pão por dia.

Maior de idade, Giuliano volta novamente para as ruas. Por causa da reincidência nos furtos, é conduzido agora para o sistema prisional adulto. Depois de sete anos na cadeia, sai com um documento de soltura nas mãos para consertar a vida. Giuliano deixa transparecer a dor das lembranças quando pensa na Papuda. “O sistema prisional adulto é triste, não tenho nem o que comentar”.

Japão, como ficou conhecido nas ruas, não tinha mais para onde ir. Na rua novamente, largou os furtos e começou a traficar. Logo virou gerente do negócio nas redondezas da rodoviária: “a gente que cresce assim pega a malícia das ruas e a confiança dos traficantes”. Começou a fumar o crack que vendia, foram sete anos de uso.

A droga substituiu a cocaína e a merla consumidas nos tempos da adolescência, e debilitou muito sua saúde. “Quando comecei a usar o crack, tive que começar a beber também, pra cortar a paranóia da droga, que é muito forte. Via fantasmas, demônios, a polícia, o inimigo, um monte de ilusões e bebia para isso passar. Não tinha mais controle do meu corpo, que começou a inchar bastante”, conta.

O pai de Giuliano é policial militar em Brasília. Há muito tempo eles não já não se falavam mais e hoje o rapaz dá graças a Deus por não ter sido preso por ele. Não tinha nenhum convívio também com o resto da família, que não o queria mais por perto. “O dependente químico não tem contato com ninguém, vira um animal. Não tem responsabilidade nem compromisso com ninguém. Só aparece se for pra pedir dinheiro”, explica.

### Resgate

E é aqui onde os pequenos ouvintes, alunos de Giuliano, voltam a respirar tranquilos ao ouvir a história. A virada de vida, o começo feliz. A história real ganha cores e entra na parte da superação. O Projeto Giração começa a atuar na rodoviária com meninos e meninas de rua e se depara com o domínio dos traficantes sobre eles. “O projeto queria me tirar do tráfico porque assim derrubava uma pilastra onde estavam presos os garotos. A ideia foi genial”.

Eliena de Barros, a coordenadora incansável do Giração, tanto insistiu que descobriu o desejo do traficante. “No Giração eles mentem tudo: idade, nome... E um belo dia, ninguém mandou ele dizer nada, mas tinha na minha mesa o nome dele, o nome da mãe dele, todos os dados, e escrito assim ‘eu preciso de ajuda’. Fui lá ver qual era a ajuda que ele queria e ele disse: ‘sou dependente químico e preciso de um tratamento’”.

Eliena conseguiu, enfim, uma vaga para o rapaz. Ao ver Giuliano, o pastor evangélico presidente da casa de recuperação disse que ali ele não ficava. “Caracas, maior dificuldade pra me arrumar uma vaga e ele não me aceitou! Fiquei muito triste, chateado, voltei pra rua nesse dia”. Mesmo depois dessa, a educadora não desistiu e conseguiu um lugar que o receberia, a Missão Vida. “Falei: ai pastor, pelo amor de Deus arruma uma vaga pra mim! Tenho um rapaz que se eu não trazer aqui, vou perder ele”, ela lembra.

Tudo acertado, a condição era que ele estivesse na sede do centro de recuperação no outro dia, às 8h. “Só que na noite anterior eu tava vendendo droga. Apanhei muito da polícia porque eles queriam me revistar e mandaram eu tirar a roupa. Eu disse: ‘não vou tirar, não!’ Tava tão louco que por causa da surra tirei a roupa toda e fiquei pelado na rua”. Giuliano apanhou de

novo pra vestir as roupas e foi embora. Naquela mesma noite ainda quebrou o vidro do prédio da Central Única dos Trabalhadores, que fica nas redondezas da rodoviária, e fugiu do guarda que vigiava o local.

“Mais ou menos 7h da manhã comecei a me despedir do pessoal. Falei, ‘ó, vou me tratar’”. Falaram ‘ah, vai nada, Japão’. Eu falei que ia, sim. Fui chorando muito”. Ficou uma semana dentro de um quarto, passando mal, muito debilitado.

Concluiu todo o período de tratamento, nove meses, contando com a perseverança e insistência dos obreiros. “A equipe que trabalha lá, pra mim foi de grande importância. A Missão Vida foi minha segunda mãe. Nunca fiquei sem comida, sem dormir em uma cama limpa”. Japão arrumou muita briga na fazenda da instituição, mas “o pastor Arnaldo me falava, ‘vamos tentar!’”.

Ele diz que é normal o alcoólatra ou dependente químico não reconhecer a repreensão por parte dos cuidadores. “Quando você tá na rua, você é o dono da razão. Mas quando eles te botam uma coleira, um cabresto, pra te guiar, te mostrar o caminho certo, você fica igual um cavalo indomável. Eles falavam: meu irmão, sua vida é essa aqui, agora. E você pula, grita e não quer. Mas com o tempo vê que é o melhor pra você”.

Eliena conta que a religião que Giuliano assumiu durante o tratamento o motivou a muitas mudanças. “A fé num ser superior move as suas angústias. Por exemplo, o Giuliano hoje é evangélico. Essa fé move ele pra tanta coisa! Eu não sei se existe ou não existe, mas eu respeito. Eu acho que faz bem pra vida dele”.

Ao sair do tratamento, sua mãe não o recebeu de volta, com medo que ele ainda estivesse envolvido com o tráfico. O Giração, então, alugou e mobilhou uma casa para Giuliano recomeçar a vida. “Entrei, tinha fogão, boião. Pensei: poxa, que legal, velho! Nunca tive isso, agora tenho...”. Começou a trabalhar no ofício que aprendeu na Missão Vida, ajudante de pedreiro. Voltou a estudar e recebeu o convite para ser monitor no Giração, ganhando uma bolsa.

“Os meninos já me respeitavam por causa do tráfico, mas aí comecei a tomar uma postura de educador mesmo e hoje eu sou educador do projeto e fui chamado pelo governo pra trabalhar na área também”. O ex-menino de rua passou no vestibular e está no 5º semestre do curso de Direito pela Universidade Católica de Brasília. “Agora eu trabalho na recuperação de outros

jovens e já tenho planos pra montar um centro de recuperação que atenda crianças e adolescentes”. Eliena diz que ele é seu melhor educador.

O que tirou o estudante da rua? “O apoio da sociedade civil, das ongs, que construíram comigo. Você não pode pegar uma pessoa na rua e impor aquilo que nem você quer pra sua vida. Eles me ouviam e eu podia opinar o que queria. Você quer viver dentro de um abrigo, trancado num quarto, sem televisão, sem nada? Eu não quero! O Giração foi me tratando como pessoa, me deu o que não tive, respeito e compreensão”.

### **Do luto à luta**

Glaucia Gomes, 56, presidente da Ampare, confessa: “tenho uma motivação de estar aqui, de ter iniciado esse movimento: minha filha. Quando ela chegou senti a necessidade não só de defender os direitos dela, mas também de outras pessoas”.

Ela tinha 21 anos e estava cursando administração quando engravidou de Mariana. Os médicos esconderam dela que a menina tinha uma deficiência. Mais tarde, avisaram por telefone que a criança tinha “mongolismo”, que na época era a terminologia usada para Síndrome de Down. “Eu não sabia o que era isso, vieram as fantasias, imagine! Eu era uma jovem estudante”.

Mesmo os profissionais da saúde, há mais de 30 anos atrás, não conheciam bem a deficiência. Glaucia foi avisada que Mariana não conseguiria falar, andar e nem mesmo mamar. “Eu felizmente não acreditei. Dei o peito pra sugar e amei a minha filha como uma criança, que tinha sentimentos, que era afetiva e que precisava ser estimulada para vencer algumas limitações que lhe eram impostas pelo déficit intelectual. Ao invés de ficar chorando o leite derramado, fui à luta: do luto, à luta”. Glaucia tem mais dois filhos, um mais novo e outro mais velho, mas conta que Mariana foi a única planejada.

Mais tarde, por causa do trabalho com direitos da infância, ela se formou também em pedagogia. Agora aposentada, trabalha voluntariamente na instituição e é também conselheira no Conselho de Assistência Social do Distrito Federal. Super orgulhosa, conta que Mariana, agora com 34 anos, é artesã, bem resolvida, lê, escreve (fez até a quinta série do Ensino Fundamental) e é “feliz da vida”.

Mariana está namorando e pode-se constatar a alegria da moça. Já tinha até ficado noiva de outro rapaz, mas ela mesma terminou o relacionamento. “Ela sonha em casar, mas acho complicado colocar em prática. É uma pessoa que é eternamente dependente. Gostaríamos que fosse diferente, mas acho que ela vai continuar morando conosco sempre e isso não é um problema para a gente”, conta a mãe.

O que Glaucia mais trabalha com os “meninos” da Ampare é a autonomia nas rotinas diárias e nas escolhas. Ela ensina que as mães precisam ter como objetivo simplesmente que seus filhos com deficiência sejam felizes.

Quanto a sua própria satisfação, Glaucia confessa: “o que me deixou mais feliz foi quando meu filho me disse que eu sou um exemplo de alguém que foi a luta. Deixar para os meus filhos bons exemplos é maravilhoso e fazer o bem me deixa muito feliz. Para mim nunca foi sacrifício – é o cumprimento de uma missão de vida”.

Ela explica que a instituição não foi criada baseada em princípios religiosos, mas a fé que tem em Jesus e os ensinamentos dele a motivam a espalhar coisas boas e incentivar que as pessoas também o façam. “Foi isso mesmo que Cristo falou para a gente, amar. O amor ao próximo é quando você deseja que a outra pessoa esteja tão bem quanto você está. Todos nós devemos ter essa responsabilidade. Acho uma hipocrisia as pessoas dizerem que estão indignadas com a realidade a sua volta e não fazerem nada”.

Glaucia pensa que nem todos têm mesmo essa consciência. Tempos atrás descobriu que um abaixo assinado pela retirada da Abrace estava sendo passado entre os moradores da quadra. Foi procurar o autor da reclamação e acabou na casa de um senhor que morava em um prédio de frente à escola.

Ao ser questionado do motivo da insatisfação, ele respondeu que não gostava de “ficar assistindo esses mongolóides andando na frente da minha janela”. Muito indignada ela disse que a vida, até mesmo a dor, iria ensiná-lo a ser uma pessoa mais amorosa. Glaucia conta perplexa que pouco depois esse mesmo senhor sofreu um acidente e se tornou cadeirante. “Acredito que o que podemos fazer é mostrar o exemplo. Isso também pode despertar o outro”.

## **A identidade que perdi**

“Ninguém decide morar na rua da noite pro dia”, defende Jucimar Batista, 39. Ele perdeu a mãe com sete anos de idade e viu o pai trazer para dentro de casa outra família. “Ele foi cuidando das crianças da minha madrasta e esquecendo de mim”. Jucimar sentiu a dor de aos nove anos ouvir do pai que ele só poderia esperar dele um teto onde morar e remédios caso adoecesse, “pra outras coisas não conte comigo, que eu não sou seu pai”, ele disse. “Me tornei uma pessoa muito revoltada”.

Começou cultivar pés de maconha no fundo do quintal ainda criança, também para pagar suas próprias despesas. Esperou apenas completar 18 anos e saiu da cidade onde morava na Bahia, rumo ao Rio de Janeiro. Depois de algum tempo, já era reconhecido como mendigo. “Na rua você não vive sozinho e nessa época eu coleí com um rapaz perto da ponte Rio-Niterói”. E ali ficou por um bom tempo.

Certo dia teve uma surpresa inesperada quando duas jovens pararam para conversar com ele. “Achei aquilo estranho. Ninguém perguntava meu nome, de onde eu era... Depois de algum tempo elas abriram a bolsa e me deram um folheto”. Era um texto evangelístico que trazia a seguinte mensagem: vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei (Mateus 11:28).

Jucimar, oprimido por sua história e cansado da vida, pensou em suicídio naquele momento. “Comecei a entrar em luta. Ouvi a voz do inimigo que me dizia: ‘você quer se encontrar com Deus? Então pula daquela ponte e acaba com isso’”. O companheiro de rua o encontrou indeciso, minutos depois, e disse que havia conseguido uma carona de avião para a base aérea de Anápolis (GO). Eles partiriam naquele mesmo dia.

Chegando lá, ele descobriu que o amigo era mecânico de máquinas pesadas, o que o levou a arrumar um emprego no pólo industrial da cidade. “Ele conseguiu se adaptar e me abandonou, fiquei sozinho”. E foi aí que alguém o enxergou pela primeira vez. Uma senhora o encontrou perambulando pela cidade, percebeu que ele era de fora, e o levou para um albergue onde poderia dormir por sete dias.

Conversando com outro morador de rua, ficou sabendo de um lugar que recebia alcoólatras de graça. Mas foi alertado: “lá só tem doido! Ele tinha passado pela Missão Vida bem na hora da oração”, diverte-se hoje. Mesmo assim, achou que valia a pena tentar. Deixou o albergue e foi recebido no centro de recuperação.

“Eu tinha um temperamento muito esquisito, arrumei um quebra-pau de imediato com o diretor da casa”, lembra. Jucimar conta que sua adaptação foi muito conflituosa até que, durante os períodos de leitura da bíblia que tinha na casa, parou no Salmo 115. “Naquele dia, depois do que li, fui liberto e completei o programa”. Ficou na instituição desde então, trabalhando na recuperação de novos internos. Hoje é obreiro e braço direito do pastor Domingos Alves, no centro de triagem de Brasília. Está limpo há 14 anos.

O ex-morador de rua perdoou o pai e até voltou para visitá-lo. “O ódio que tinha dele foi quebrado, hoje eu ligo pro meu pai, converso com ele”, diz. Ele acredita que o envolvimento de uma pessoa com as drogas sempre vem pelo desejo de fugir e experimentar outra realidade. “Quando alguém procura a pessoa certa, na hora certa, não entra nas drogas”.

O obreiro conta que aos poucos foi refazendo a vida e descobrindo quem é. “Na rua, o cara perde o referencial e a identidade. Aqui eu não posso e não quero me queimar, por isso sou o que sou, na base da confiança que depositaram em mim”. Ele experimentou um amor que chamou de sem ressalvas e sem reservas e tem feito o ciclo continuar. “O que falta para vivermos uma sociedade melhor é cada um pensar como poderia melhorar a vida de um irmão”.

### **Luta pela informação**

“Sempre procurei coisas não tradicionais”. Juliana Soares Mendes é uma militante realmente diferente. Seu interesse maior nas mobilizações não está no resultado que elas geram, mas nas novas formas de manifestação popular e na ampliação do direito de se expressar e ser ouvido. Formada em Publicidade e Jornalismo e mestranda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, seu envolvimento com causas sociais foi muito influenciado pela participação nos projetos da Faculdade de Comunicação da universidade. Em 2009, ela participou de manifestações contra o governo Arruda durante a crise política de Brasília.

A ideia era fazer política de um jeito diferente: realizar intervenções rápidas chamadas de flashmobs, onde os participantes combinam alguma ação coletiva que deverá ser realizada em determinado lugar e hora, com encontro e dispersão instantâneos. “Deveria ser algo que pudesse ampliar a participação na manifestação de pessoas que normalmente não se sentem reconhecidas em ações mais tradicionais, como passeatas”, conta.



Foram dez dias de flashmobs, divulgados por celular, twitter e também pelo site [www.participacao.net](http://www.participacao.net). Além de envolver novas pessoas, o esforço deveria ser no sentido de escutá-las e promover um movimento que fosse viral e pudesse ser repetido por outros pequenos grupos, por toda Brasília. Além do pessoal que já se conhecia dos embates com a polícia, amigos e pessoas que acompanhavam a agenda do grupo pelo twitter, também havia quem se envolvia na hora ou quem participava somente por meios virtuais.

Em uma das atividades, o grupo sugeriu que as pessoas ligassem para a ouvidoria da Câmara Legislativa, registrando suas reclamações quanto ao governo. Naquele dia, os telefones da casa tocaram muito. “Eu acredito que acontecem transformações nos movimentos sociais e nas mobilizações, e há pessoas que criativamente procuram se expressar e fazer política de outra forma, no mundo "offline" inclusive. Porém, não penso que a causa das mudanças sejam as ferramentas virtuais mas, sim mudanças culturais e nas relações sociais”.

O envolvimento de Juliana com movimentos sociais começou na faculdade, através do projeto Dissonante. Apesar de ter se aproximado do movimento estudantil durante uma gestão do centro acadêmico que integrou, seu interesse sempre esteve voltado para a comunicação e o acesso à informação. “Quando você trabalha com isso, começa a acompanhar a luta e acaba entrando numa rede de contatos, o que te leva a participar de ações de mobilização”.

Ela confessa que anda sem tempo para atualizar seus perfis nas redes sociais, que eram mais movimentados enquanto estava envolvida com os flashmobs. Seu interesse nas mídias digitais está mais voltado, agora, a um novo projeto do Dissonante, que vai viabilizar, por meio dessas ferramentas, que pessoas ao redor de todo país possam fazer seus próprios programas de rádio.

### **Do sentir ao fazer**

Maiara Amaral Dornelles, 23, voltou uma super-heroína. Sua mãe contava para todos que a filha estava reconstruindo casas no Peru, os amigos juravam que o trabalho iria pirar sua cabeça e ela nem ia querer voltar, todo mundo achando lindo e maravilhoso. “Ninguém sabe o tanto que eu sofri estando lá, ninguém sabe o tanto que foi difícil pra mim estar lá sozinha, sem ninguém, de ter que ir no hospital sozinha, ficar internada e passar mal sozinha”, conta a estudante de Jornalismo.

Ela passou doze dias fazendo trabalho voluntário em uma cidade chamada Pisco, no Peru, devastada por um terremoto de magnitude 8.0 em 2007. Além de reconstruir casas e realizar projetos sociais com crianças, Mai, como os amigos a chamam, recolheu depoimentos dos sobreviventes para seu trabalho de conclusão de curso.

Ainda nos primeiros dias ficou muito doente por causa da comida, pegou uma infecção intestinal e voltou desnutrida e desidratada. Se sentiu pouco acolhida pela ONG que organiza o trabalho (Pisco Sin Fronteras), que em grande parte é composta por voluntários americanos. “Foi tudo que eu não esperava, para negativo, infelizmente. Tenho limites físicos e senti muito o choque cultural. Os gringos são muito frios”. Os pais, que no começo acharam que o desejo da garota era só conversa, não querem que ela volte. “Eu também acho que não vou mais.”

O contato com a população local, porém, mudou sua vida, ela conta. Se sentia mais em casa nas ruas da cidade do que na ONG, onde tinha acesso à internet, um bom alojamento e certo conforto. Lembra que encontrou um povo guerreiro, porém, muito sofrido. “O Brasil é muito mais desenvolvido. Lá as pessoas não têm a consciência de reclamar por seus direitos, os jovens não tem perspectiva nenhuma. Isso meche com você”.

Ela conta que conseguiu entrar no sofrimento das vítimas e chorava junto com os familiares que perderam pessoas no desastre enquanto filmava as entrevistas. “Valeu a pena porque, com certeza, voltei melhor dessa experiência. Aprendi humilde e compaixão”, acredita. Quando passou pelas dificuldades de adaptação explica que o que a segurou para não pegar o primeiro avião de volta ao Brasil foi seu propósito de ir somente para se doar. “Foi frustrante quando não encontrei tanto retorno, mas fui querendo levar amor e por isso fiquei”.

Nem todos, porém, estavam ali pelo mesmo motivo. Maiara diz que muitos vão para aparentar ser uma pessoa boa, tirar fotos para botar no facebook e dizer aos amigos que ajudou pobres da América Latina. “É fácil ver quem foi pra bonitar porque essas pessoas não trabalham”.

Ela confessa que a opinião que os outros têm ao seu respeito a influencia, mas não ao ponto de determinar uma decisão. “É hipocrisia a gente falar que não se importa com o que os outros pensam. Mas, ainda mais depois dessa experiência, não determina. Na hora de trabalhar, cara, é você que tá lá, entendeu? ”.

Criação

Católica, Mai já havia trabalhado voluntariamente com o grupo jovem da igreja que freqüentava, visitando asilos e creches, doando cestas. Desde cedo aprendeu sobre a compaixão cristã. “Meus pais me criaram com muito amor e uma atitude de amor sempre se multiplica. Mais de 50% das minhas atitudes de solidariedade vem da minha criação. Sempre me senti no dever porque tenho tanto...”, diz.

Para ela a solidariedade tem um lado instintivo. “Todo ser-humano tem como primeira intenção ajudar diante de um desastre, mas não acho que o amor é natural. É preciso desenvolver o instinto de ajudar porque de sentir a fazer, tem muita coisa”. Para a jovem as pessoas são muito egoístas e a luta por uma sociedade melhor passa também pelo desejo de viver melhor.

Maiara não pensa que foi Deus quem a motivou a ir até o Peru, mas encara a atitude como uma decisão pessoal. “Levo pra mim que a primeira coisa que Deus deu pra gente foi o livre arbítrio, mas qualquer tipo de amor Deus tá dentro, tá presente. Então acredito que Ele tava nessa ação”. A estudante cogita a possibilidade de haver um empurrãozinho divino de colocar ao seu lado a amiga Gabriela, que realizou o mesmo trabalho antes e despertou sua curiosidade sobre a ONG.

Confessa que colocou na balança o interesse profissional ao ir. Sabe que um trabalho voluntário é um diferencial no currículo e não considera que isso tenha deixado suas motivações menos dignas, “Na verdade, acho que isso é uma consequência boa de tudo que plantei”.

Hoje, depois de tudo processado, ela admite: a necessidade principal de todos ali, que também foi a sua, era encontrar a si mesmo.”Quando você tá meio desacreditado da vida, tá meio triste, quando sente sua vida um pouco vazia, e quando você se sente até um pouco perdido, quer respostas. Eu tava passando por problemas aqui e queria encontrar respostas lá. A minha primeira motivação foi essa, meio que ser uma válvula de escape, sabe?”.

Porém, não foi como imaginava. Ela diz que encontrou outras coisas maravilhosas, mas não aquilo que foi buscar. “No final das contas é a gente por a gente mesmo. Você tem que cavucar e procurar resposta e não esperar que outras pessoas dêem a resposta pra você”.

Para ela, ajudar ao próximo pode aplacar crises pessoais apenas no momento da ação, por se presenciar a alegria da pessoa que recebe amor. “Mas e aí? Você vai terminar a casa da pessoa e nunca mais vai vê-la. E quando você for dormir e estiver triste?”. Maiara fica feliz que sua

busca tenha resultado em boas ações, mas acha que o melhor é o voluntário partir sempre “bem resolvido, de coração aberto e sem nenhuma pretensão”.

### **Fazer o que ninguém quer**

Mariane Moreira cresceu cuidando de outras crianças. Sua mãe era dona de uma escola infantil em Goiânia e desde os 14 anos ela já trabalhava no ministério infantil da igreja. Começou o curso de Direito, mas após alguns semestres deixou tudo para trás e foi fazer Teologia no Seminário Teológico Carisma, em Belo Horizonte.

A família não entendeu bem no começo, mas ela não se arrepende, porque foi ali que nasceu o projeto Ame uma criança, alcançando resultados muito mais rápidos e diversos do que imaginava sua criadora. O que nasceu da vontade de uma só pessoa cresceu e hoje já está em três estados, com 44 colaboradores. “Ninguém entendeu como eu larguei minha vida para servir sem ter nada em troca. Mas o que importa não é a minha realização e sim a do outro”.

Ela trabalha com crianças de todas as classes sociais, personalidade e criações, mas seu gosto mesmo é por desafios. “Quero ir aonde ninguém quer ir, fazer o que ninguém quer fazer”. Em todo tipo de trabalho social realizado pela equipe, a ideia é mesmo levar o que sugere o nome – amor a crianças, principalmente, excluídas e em vulnerabilidade.

Por causa do Ame, Mariane já ficou presa no quarto quando quebraram a fechadura para aprontar com a “tia”, ouviu muitas palavras de desânimo, levou mordida de um garotinho que precisava de atenção... O menino que a deixou trancada era adotado e estava passando por muitos problemas de comportamento. A mãe adotiva havia prometido devolvê-lo para o juizado.

“Não posso desistir de uma história dessas, tinha que demonstrar o amor de Deus a essa família. Ele se transformou e a mãe até me agradeceu”, lembra. A jovem diz que gosta de acompanhar crianças que são um desafio para todos e saber que pode mudá-las.

Em um Melhor dia do ano, programação que o Ame realiza todo ano próximo ao dia das crianças, Mariane recebeu o maior incentivo. Uma das crianças se aproximou e disse: “Tia Mari, esse não foi o melhor dia do ano, foi o melhor da minha vida!”. Ela conta que no início do projeto, encontrou dificuldades. “Muitas portas se fecharam, muitos não acreditavam. Tinha hora que queria jogar tudo pro alto”. Mas quando vem a vontade de desistir fecha os olhos e se lembra do rosto de todas as crianças que ainda não abraçou.

A primeira vez que pegou no colo uma criança africana chorou de emoção. “Tem muita gente precisando lá fora e eu preciso demonstrar amor não só com palavras. O lema da minha vida é ame de fato, com minha vida, tempo, dinheiro, tudo”.

#### Vaidade superada

Certo dia, em um dos congressos que realiza, um jovem da equipe se empolgou com a bagunça das crianças e encheu de farinha seu cabelo que havia sido cuidadosamente escovado. A chateação passou assim que a estudante se lembrou de um trecho bíblico que vive repetindo: “para entrarmos no Reino dos céus devemos ser como crianças”. Desde aquele dia, ela deixou de lado a vaidade e resolveu colocar em prática o princípio: caiu na brincadeira. “Eu era muito fresca, você não tem noção do quanto mudei”, diverte-se.

A grande persistência fez Mariane vencer outras limitações. Segundo ela, das habilidades que uma pessoa precisa ter para trabalhar com crianças, ela não tem nenhuma: “não sei cantar, recortar, fazer trabalhos manuais. O que tinha era paixão e certeza e as pessoas viram isso. Cada ano vinha alguém novo para participar do projeto”.

Depois de terminar o curso em Minas Gerais, ficou por mais um tempo na cidade administrando o Ame. Neste ano, voltou para Goiânia, recomeçou o Direito e pretende trabalhar com jurisdição sobre adoção e combate à pedofilia, áreas que segundo um de seus professores, ninguém quer porque não dá dinheiro. Mariane, na contramão, sonha em ser juíza da infância.

“Minhas oportunidades me fizeram. O amor pelas crianças veio da escola, do ambiente que fui criada”. Ela explica que não foi algum problema ou necessidade que a levou a querer ajudar os outros, mas sim o entendimento de um chamado para uma vida “maior”. Ela confessa que crianças sempre chamam mais sua atenção, mas “todo tipo de necessidade desperta compaixão em mim. Deus morreu por todos, mas nós como igreja devemos fazer a diferença nessa terra. Quero acordar as pessoas que estão em seu mundinho”.

Confira o vídeo de uma das crianças disciplinada pela Mariane aqui.

#### **Os filhos que não tive**

Porque entregar o coração e a vida pela causa das crianças? Descubra pessoas por trás de projetos que militam pelos direitos da infância e adolescência

Barriga crescendo, expectativa do nascimento, fraldas e mais fraldas, madrugadas em claro fazendo dormir, a primeira palavra, o primeiro dia na escola, beijos e lágrimas, madrugadas em claro vigiando a febre, a primeira bronca, respondendo muitas perguntas, doando sua vida. A ligação entre pais e filhos é o primeiro e mais duradouro vínculo da experiência humana e em nome dele muitos consideram a árdua rotina de cuidar e educar uma criança uma tarefa sublime. A lógica desse amor, porém, às vezes se torna inexplicável quando pessoas decidem dedicar suas vidas a crianças que não geraram.

O que defende nosso Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que esse ano completa sua maioridade, é que crianças e adolescentes são responsabilidade não só da família, mas também da sociedade e do Estado. Todos devem trabalhar para que eles cresçam em segurança, garantindo felicidade e condições para uma vida digna, em todas as dimensões do ser. A palavra chave que define a Lei é prioridade, preferência absoluta para pessoas em formação.

Além das muitas histórias, até mesmo os dados comprovam que a sociedade civil assumiu direitinho seu papel nessa engrenagem. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE em 2005, no Brasil existem mais de 25 mil entidades que se dedicam à educação e à defesa de direitos de grupos e minorias, que incluem crianças e adolescentes. Quem move essas entidades são pessoas solidárias impulsionadas pelo amor.

Conheça a história de quatro mulheres que enxergaram o potencial dos nossos pequenos cidadãos:

Vanessa Melo, voluntária da Abrace.

Mariane Moreira, criadora do projeto Ame uma Criança.

Eliena de Barros, coordenadora do projeto Giração.

Glaucia Gomes, presidente da Ampare.

### **Surpreendente e contagiante**

Algumas pessoas enxergam valor onde a maioria vê apenas um ponto final. Conheça histórias de voluntários que reintegraram excluídos sociais

No Brasil existem 8,9 milhões de pessoas que vivem com uma renda domiciliar inferior a US\$ 1,25 por dia . Uma pesquisa da Universidade de Brasília concluiu que só no Distrito

Federal 2,5 mil pessoas moram na rua. A OMS divulgou que quase um milhão de pessoas põe fim à própria vida todos os anos. Isso é mais do que o número de mortos em assassinatos ou vítimas de guerra no mundo . Segundo o Instituto Nacional do Câncer , a maioria dos homens e mulheres acometidos por algum tipo de câncer no DF tem entre 15 e 19 anos.

O sofrimento está por toda parte. A sociedade teria muitas causas a se engajar, não fosse o pensamento comum de que nada pode ser feito quanto a essas questões. Outro argumento é o de que os grandes problemas sociais são responsabilidade do Estado, afinal, uma andorinha só não faz verão.

Gelson Leite, editor da revista Logos 3, sobre ética e empreendedorismo social, defende que existem dois extremos: delegar tudo ao governo e culpá-lo de todos os problemas, ou a sociedade civil começar a fazer aquilo que é de competência inicial do Estado. “Os programas e as ações de responsabilidade social, não podem nem devem substituir as políticas públicas, é preciso integrar forças e saber que todos somos responsáveis”.

Apostando em pessoas irrecuperáveis e causas perdidas, muitos atores sociais têm assumido a responsabilidade por grupos e minorias excluídas. A colheita tem sido resultados surpreendentes. Conheça a história de pessoas que doaram amor e daquelas que foram contagiadas por ele:

Freqüentadores do Setor Comercial Sul e a aceitação de Bernardo Fusco.

Usuários de álcool e drogas e a disciplina de Domingos Alves.

Deprimidos e os conselhos de Eduardo Ossege.

Mulheres com câncer e o consolo de Vera Bezerra.

### **Razões para não ficar**

Ações humanitárias internacionais sempre se fizeram com a força de trabalho dos jovens. Entenda porque muitos vão longe para encontrar o próximo

O que interessa os jovens? A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, realizada em 2003 pela Criterium Assessoria em Pesquisas com mais de três mil jovens de todo país, concluiu que os seguintes temas estão em ordem de prioridade em suas vidas: educação, futuro profissional, cultura e lazer, esportes, relacionamentos amorosos, família e saúde.

Segundo o Dossiê Universo Jovem, encomendado pela MTV, o que mais os preocupa “em todas as idades e cidades observadas é a violência”. Os comentários aparecem sempre voltados ao temor em relação à segurança pessoal durante baladas e trajetos do dia-a-dia.

As grandes lutas políticas e ideológicas, que sempre marcaram a identidade dos jovens, mudaram de cara. Se por um lado, a maneira de se relacionar mudou, a consciência de responsabilidade social também tomou novos contornos. Tudo junto e misturado em uma complexa convergência entre interesses pessoais e o eterno desejo revolucionário de mudar o mundo.

À moda antiga, colocando a mão na massa, alguns jovens ultrapassam fronteiras físicas, culturais e emocionais, enfrentam a resistência da família e as críticas para se engajarem em ajudas internacionais ou em outros estados do país. Conheça a história desses voluntários ao redor do mundo:

Fabício Marra e os órfãos de guerra no Quênia e Sudão

Olavo Bandeira e os refugiados das enchentes do Rio de Janeiro

Maiara Dornelles e os atingidos por um terremoto no Peru

### **Mesmas lutas, novas formas**

A internet criou novas causas? Ou foram os usuários que criaram novas formas de se engajar? Veja como militantes conectados alcançam o mundo offline

Movimentos sociais que usaram a força da rede sacudiram o mundo neste ano. A derrubada do poder de ditadores como Hosni Mubarak, no Egito, deve-se em grande parte à mobilização popular promovida por mídias digitais. Será que as lutas sociais estão mudando? Será que a internet transformou a forma de se fazer política, exercer cidadania, voluntariar e ajudar as pessoas?

Diego Iraheta, 27, acredita que não – as mudanças sociais dependem de outros fatores. Mestrando em mídias sociais pela Universidade de Sussex, na Inglaterra, ele diz que não se pode colocar tudo na conta da internet. “A gente nunca pode ser determinista, dizer que a tecnologia mudou tudo. Não foi a tecnologia que determinou o fim da ditadura presidencial lá no Egito, por exemplo. A ferramenta foi utilizada, mas a pressão social já existia”.



Para o jornalista, as redes são um facilitador para a ação política e ajudam, principalmente, a se exterminar a visão idealista da coisa. “Muitos acham que ser político ou ter uma voz é você ir pra movimentos sociais, ir protestar ou se reunir em partido político. Mas sempre foi uma minoria que fez isso! Na Grécia, os filósofos ficavam horas discutindo política porque eles não trabalhavam. O jovem de hoje não pode fazer isso”, afirma.

Ele explica que a modernidade tem levado as pessoas a estarem cada vez mais ocupadas e o online, por estar diluído em nossas vidas, viabiliza a participação de todos no debate público. “Mobilizar-se na internet já é, sim, muita coisa. Agora, há vários tipos de mobilização”. Uma coisa é simplesmente retwitter alguém no twitter ou apertar um like no facebook uma vez na vida. Outra é ter uma frequência na exposição de opiniões em prol de uma causa.

Bons cidadãos existiam antes da internet e vão continuar existindo, assim como os maus, acredita. Dessa forma, não foi a mudança tecnológica que alterou o comportamento das pessoas para pior. “Não é o online que enfraquece a capacidade de ajudar o outro. Cada um sabe como pode se envolver. Vejo que ele faz é trazer novos meios de ajudar”.

Conheça pessoas que descobriram caminhos através da internet para alcançar e incluir outras pessoas:

Daniela Santos, voluntária online

Juliana Mendes, participante de mobilizações programadas na web.

### **Missão Cristã Mundial**

A primeira vez que fui à sede da Missão Cristã Mundial, em Trindade (GO), foi para ficar morando lá por um mês, para fazer um intensivo de missões que acontece duas vezes por ano. Antes disso já havia escutado falar do projeto das Meninas dos Olhos de Deus, que ficou muito conhecido no meio evangélico brasileiro. As histórias de como surgiu a organização e sobre o trabalho que realizam continuam me emocionando da mesma forma como quando as ouvi pela primeira vez.

Em 1999, o presidente da MCM, pastor José Rodrigues, visitou o oriente em uma de suas viagens evangelísticas. Certo dia, enquanto andava por Varanassi, na Índia, viu um corpo estendido nas ruas e correu para socorrer a criança. O intérprete o impediu – ela era uma escrava prostituta, impura, e não podia ser tocada. Logo o caminhão de lixo passaria para levá-la ao aterro, pois era considerada indigna de ter um funeral nos padrões do Hinduísmo. O

médico chorou muito diante do corpo. Naquela dia, surgia em seu coração o projeto de resgate de crianças vítimas do tráfico sexual.

Pesquisando a rede de exploração, José Rodrigues descobriu que a maioria das meninas prostitutas na Índia eram trazidas de países vizinhos, principalmente o Nepal. Em uma de suas cartas a igrejas brasileiras escreveu: “eu daria a minha vida para ver uma só dessas meninas recuperada e apresentá-la ao Senhor Jesus dizendo: aqui está, Senhor, é tua noiva. Plano: comprar uma chácara aqui em Varanasi, levar as meninas pra lá, cuidar delas e dar-lhes uma profissão. Orem sobre isso, depois falaremos mais sobre o assunto”.

A primeira casa, porém, foi aberta mesmo no Nepal, em 2000. Eles repatriam crianças, adotam e as abrigam em casa lares, que hoje são comandadas pelas primeiras meninas e meninos dos olhos de Deus, que já estão adultos. São cinco casas naquele país, além de uma escola e vários programas de prevenção ao tráfico sexual nas aldeias. O projeto também está no Camboja, Moçambique e várias regiões do Brasil.

Recentemente, a MCM criou o projeto Herdeiros de Deus para socorrer crianças em todo o mundo que vivem em situações de risco, sejam elas órfãs de guerras, vítimas de desastres ou pertencentes a minorias segregadas. O programa abriu casas de acolhimento e escolas, além de dar atendimento básico à saúde e doar bolsas que cobrem gastos com mensalidade, uniforme e material escolar para crianças do Sudão, Quênia, Índia, Guiné-Bissau, Haiti, Moçambique e Afeganistão.

A organização também possui escolas de treinamento para missionários e funciona como uma rede para unir várias igrejas evangélicas ao redor do país. Seu trabalho de implantação de igrejas no meio de povos onde o cristianismo não é amplamente divulgado está em 22 países, entre eles Coréia do Norte, Arábia Saudita e Afeganistão. “O maior objetivo da MCM é levar o nome de Jesus aos povos não alcançados. Deus prometeu abençoar cada tribo, língua, povo e nação através do Filho de Abraão. As últimas palavras de Jesus antes de subir ao Céu foram: ‘confins da Terra’”.

Conheça o canal da MCM no youtube e veja vídeos sobre o trabalho dos missionários:  
<http://www.youtube.com/user/McmPovosTv>

Serviço

Os interessados podem doar de maneira geral para a MCM, ou especificamente para algum projeto. Acesse <http://www.mcmpovos.com.br/site/Portugues/Pagina001.aspx?cod=99> e conheça várias formas de participar.

Para doar aos programas Meninas dos Olhos de Deus e Herdeiros de Deus, acesse o site <http://www.mobilizacaomundial.com.br/site/index>.

Para falar com a MCM, entre em contato em um dos telefones: (062) 3505-7872 (escritório), 3505-2690, 3505-1715 (escola), 3505-6253 (revista).

### **Missão Mãos na Obra**

Há cinco anos toda quinta-feira é dia de sopa. São quatro panelas, de 22 litros cada, que rendem quase 500 copos e levam feijão, carne moída, legumes e verduras com um pãozinho para acompanhar. Um grupo de dez voluntários se encarrega de fazer a comida e a distribuir para moradores e freqüentadores do Setor Comercial Sul, Hospital de Base e Hospital Regional da Asa Norte, Brasília. Eles são evangélicos, fiéis de igrejas diferentes, mas principalmente do Ministério Mundial de Unidade Cristã, que é liderado pelo idealizador do projeto, Bernardo Fusco.

O custo semanal é de aproximadamente R\$ 80,00, que saem do bolso de Bernardo e alguns colaboradores da igreja. Na Kombi do projeto, o pastor leva também representantes de três entidades parceiras de recuperação de usuários de álcool e drogas, que já encaminham os atendidos para internação caso eles desejem.

Bernardo conta que começou o trabalho por perceber que as igrejas não estavam interessadas nesse público, “porque pensam que dá muito trabalho”, e nem mesmo o governo conseguia suprir a necessidade de ajuda a todos os moradores de rua – “a Igreja, a sociedade organizada tem a responsabilidade de fazer alguma coisa”, acredita.

Ele diz que a sopa é apenas uma isca para se aproximar das pessoas, levar conforto, colocar fé nos corações e pregar a Palavra de Deus. “A Igreja deve levar os dois: o alimento espiritual e o natural. Há pessoas aqui que apenas uma palavra já as reanima”.

Além disso, a sopa, que é orientada por nutricionistas, fortalece pessoas cuja única refeição do dia é aquela. E não foi preciso me contarem para eu logo perceber isso. Em frente ao Hospital de Base, a cena de um morador de rua devorando quatro ou cinco copos de sopa me emocionou. Quase não deu para segurar o medo de caminhar entre usuários de crack ou o

preconceito que queria aflorar ao conversar com travestis profissionais do sexo. Percebi que não havia perigo maior que o que eles passavam.

Ao ver uma mãe desesperada à procura de um filho viciado no Setor Comercial Sul concluí que a experiência já havia tomado meus sentimentos e eu era muito mais coração do que gravador naquele momento. Se chocar com a realidade é natural para todos os que visitam a ação, a grande diferença dos integrantes do Mãos na Obra é abraçá-la toda semana.

#### Serviço

Para entrar em contato com a equipe, ligue para (61) 3367-6472.

Veja aqui reportagem produzida pela Band sobre o projeto.

#### **Missão Vida**

Na sede da instituição, em Anápolis (GO), existem fotos dos meus pais participando da criação da ONG. Penduradas no mural de memórias estão também lembranças dos meus tios, que já moraram nos fundos da casa que recebia usuários de álcool e drogas e ajudavam no trabalho. As histórias sobre a transformação na vida de moradores de rua povoavam o meu imaginário infantil. Conviver com aqueles homens, caminhar pelo quintal com eles, era coisa natural para mim. Na Missão Vida, ainda me sinto em casa.

Na única vez que visitei a igreja fundada para receber os internos do centro de recuperação, agora já adulta, observei longamente os murais de vidro com a imagem de Cristo lavando os pés dos discípulos durante a última ceia. A imagem expressa bem o espírito da obra realizada ali. Despir as vestes do preconceito e lavar os pés de quem se sujou caminhando mundo afora – serviço, humildade, amor.

Durante o levantamento de pautas para esse trabalho, a Missão Vida veio ao meu encontro novamente. Tinha disparado uma série de emails perguntando sobre histórias de amor ao próximo para meus contatos. Recebo, surpresa, a resposta do Reverendo Wildo Gomes, presidente e fundador da MV, com trechos de um de seus livros e a autorização para publicá-los (leia aqui).

Com apenas 13 anos, Wildo sentiu-se tocado pela situação de moradores de rua que encontrava no caminho para o trabalho. A amizade inocente com um mendigo o levou a começar um trabalho de distribuição de sopa. Achou que o que estava fazendo era muito

pouco e começou a procurar casas que os recebessem. Na década de 1970 não havia instituições que trabalhassem especificamente com mendigos no país. Ele, então, pagava com seu salário quartos de pensões para abrigá-los.

Anos depois, a iniciativa culminou na fundação da instituição que, apenas em 2009, devolveu à sociedade 358 ex-mendigos formados em seu programa de reintegração. O primeiro centro de recuperação de mendigos do Brasil foi inaugurado em setembro de 1983 e hoje conta sete unidades, em vários estados.

Ali, eles acolhem, tratam e profissionalizam usuários de álcool e drogas em situação de mendicância. Os centros de triagem só recebem homens, com mais de 25 anos, que efetivamente morem nas ruas. Além disso, a ONG tem uma escola para crianças pobres de Anápolis e duas clínicas médica para atender internos e comunidade.

A Missão Vida é mantida por meio de doações mensais de colaboradores que, em sua maioria, repassam R\$ 12 ou R\$ 15. Seu programa de recuperação dura de oito meses a um ano e está dividido em triagem, recuperação e reintegração. O primeiro passo dura dois meses e consiste em terapias ocupacionais, atendimentos médicos e psicológicos e uma rotina apertada de atividades que solidificam a intenção do interno em se manter longe do vício e começar uma nova vida.

Na segunda parte, que acontece em uma chácara em Cocalzinho (GO), o interno desenvolve durante cinco meses, no mínimo, atividades profissionais e reaprende a viver em comunidade. Neste período, normalmente, os rapazes já estão recuperados de debilidades físicas e psíquicas causadas pela ausência da droga. Se optar por seguir com o programa, o ex-mendigo é enviado para Anápolis para ser reinserido na sociedade e no mercado de trabalho, afim de que consiga manter-se sozinho com o fim do tratamento.

Práticas como oração, cultos e leitura da Bíblia estão incluídas na rotina dos moradores dos abrigos. Um grupo de parceiros tem a missão de orar diariamente, todas as manhãs, pela recuperação dos internos, pelos núcleos, mantenedores, obreiros e pastores e, também, pelos pedidos que chegam à instituição por e-mail ou carta. Os cuidadores que supervisionam o trabalho são obreiros cristãos e pastores que vivem dentro dos centros de recuperação.

#### Serviço

Interessados em doar financeiramente para a instituição podem cadastrar seus cartões de crédito para débito automático, fazer o pagamento via boleto ou depósito na seguinte conta

corrente: Banco Bradesco, Ag.: 0240-2, C.C.: 0055578-9. Para mais informações, acesse <http://mvida.org.br/como-ajudar/>

Para entrar em contato com o escritório da Missão Vida e ter mais informações sobre o programa de voluntariado, ligue: (62) 3318-1985/2085.

Contato do centro de triagem em Brasília, DF: (61) 3487-2194/8146-7375, ou pelos emails [domingos.mvida@gmail.com](mailto:domingos.mvida@gmail.com); [mvidadf.mvidadf@gmail.com](mailto:mvidadf.mvidadf@gmail.com).

### **O limite é amar sem limites**

Olavo Cesar Bandeira Filho, 22, estava em casa assistindo TV com o pai quando viu no jornal os desastres causados pelas chuvas no Rio de Janeiro, no início deste ano. Pensou em o quanto aquela situação era triste, orou pelas pessoas e foi dormir. No dia seguinte, nova reportagem. Uma cena o marcou muito. “Na hora, Deus falou: vai lá! Senti uma paz muito forte. Mas não sabia como, não tinha dinheiro e pensei ‘porque ir?’”, lembra.

Ligou para um amigo da Aeronáutica para tentar conseguir um voo da FAB até o local. Não deu certo, então comprou a passagem com o dinheiro que tinha. “Só avisei: tô indo mãe, tô indo pai...”. Ao chegar lá encontrou a resposta inicial. Havia ido com o propósito de apoiar os que estavam feridos – nada de pregação, só expressar o amor de Deus, sem palavras. Levou na mala mil reais de doações que arrecadou somados à economias pessoais.

Ele não tinha contato algum com trabalhos que já estavam sendo realizados. Colocou no Google catástrofe Rio ajuda e encontrou o site da Igreja Batista da Tijuca, que estava recebendo doações. Ligou para o pastor e se ofereceu para ajudar. No primeiro dia, ficou na igreja separando os doativos.

Na manhã seguinte saiu com Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar para Nova Friburgo e Teresópolis. Alguns lugares estavam inalcançados. “Vimos um cenário pior do que eu imaginei. A mídia estava contabilizando uns 700 mortos, mas tinha uns dez mil, muitos ainda estavam soterrados e não identificados. As cidades cheiravam cadáver, tudo completamente destruído”.

Olavo conta que um dos bairros que visitou em Teresópolis, que tinha cerca de dois mil habitantes, havia perdido 90% de sua população. “A cena era muito forte. Até os profissionais estavam despreparados pra aquilo. Vi militares, psicólogos, enfermeiros que iam pra ajudar e começavam a chorar”.

O jovem chorou com os que choravam, como manda a Bíblia. Não tinha muito que falar, então só emprestava os ouvidos. “Falar o que? Só chegava, já dava um abraço. As pessoas na verdade nos procuravam pra falar”. Ele conta que ficou muito triste mas também positivamente surpreso.

Após uma semana na cidade, voltou impactado com a maneira como os cariocas encararam a tragédia: “Vi um povo com muita fé, agradeciam a Deus simplesmente por não terem perdido a vida. Esperava que eles condenassem a Deus diante disso, mas vi muito amor, solidariedade”. Nessas horas, o que leva alguém a ajudar, para ele, é o coração disposto das pessoas e também Deus. “Aí você fala, ah! Mas eles não acreditam em Deus. Mas a natureza de Deus está em todos”.

Muito antes disso

A decisão inusitada de Olavo em ajudar as vítimas do Rio vem de uma escolha anterior. Criado em um lar evangélico, durante a adolescência teve contato com o trabalho da Missão Cristã Mundial. A partir daí a vontade de virar missionário invadiu seus pensamentos. Seu desejo era largar tudo e ir imediatamente para a escola de missões da organização. Encontrou muitas críticas e zuações dos colegas da escola e da parte dos pais, algumas restrições.

Terminou inquieto o Ensino Médio. Olavo só falava disso. Falou tanto que convenceu a todos. Com 18 anos, partiu para Trindade, no interior de Goiás, para fazer o curso levando a bênção do pai, que se converteu ao cristianismo no mesmo ano.

Após um ano de aulas, foi para seu estágio transcultural entre os ribeirinhos do Amazonas, onde ficou por seis meses. Implantou sete igrejas, distribuiu escovas de dente, construiu casas. Em um culto no município de Apolinário, Olavo presenciou algo sobrenatural. “Uma senhora de 63 anos já tinha perdido os movimentos e a sensibilidade das pernas por causa da diabete. No final, eu orei pela cura dela e logo fomos embora. No outro dia à noite estávamos realizando um dos nossos cultos quando entra pela porta andando a irmã Nazaré, totalmente curada! Mas o milagre maior ainda estava por acontecer, quando eu fiz o apelo e ela aceitou a Jesus como seu Salvador e Deus”, conta.

“Já escutei muito: ‘porque você vai pra fora? Tem muito pobre aqui’. Se as pessoas que se opõem ao trabalho em outras nações realmente amassem o Brasil, o país seria diferente”. Para ele, amar um povo é entender a outra cultura com os olhos da compaixão – não implantar sua

cultura, mas a de Deus “que é o Seu Reino. Justiça, paz e alegria”. Olavo agia como eles agiam, comia o que eles comiam, falava como eles falavam. “Decidi ser um com eles”.

Ele acredita que apesar de qualquer pessoa ter a capacidade de conhecer e viver o amor, existe um tipo de expressão que vem somente de Deus – aquele amor que não espera nada em troca, ilimitado, que não depende de uma resposta positiva em contra-partida. “Se eu gosto de uma menina, eu converso, dou presentes, esperando um relacionamento com ela. No amor de Deus o limite é amar sem limites”.

Há poucos meses o missionário casou-se com Anne, mineira, filha de pastores, que conheceu na escola da MCM. No tempo de transcultural eles ficaram separados por uma longa distância, pois a moça também estava em campo, no Peru. Hoje, os dois moram em Brasília e recebem como obreiros pela igreja de Olavo, Batista Atos de Vida. O próximo passo é o Camboja, talvez norte da África, quem sabe América Latina. Ainda não está decidido, mas eles vão.

Conheça o projeto Revolução do Amor, criado por Olavo Bandeira: <http://revolucaoamor.wordpress.com/>

Leia depoimentos de seu diário de bordo no ribeirinhos: <http://www.olavomcm.blogspot.com/>

### **Pisco Sin Fronteras**

Há quase três anos um terremoto de magnitude 8.0, mais forte que o do Haiti em 2010, devastou uma região do Peru. Pisco foi uma das cidades mais atingidas, com mais de 80% de suas casas destruídas. Logo, ONGs de ajuda internacional se mobilizaram para socorrer a população, mas depois de alguns meses o país estava praticamente sozinho em sua missão de recomeçar a vida.

Quando percebeu a diferença que o trabalho dos voluntários, que agora já haviam partido, fez durante os socorros emergenciais, um cidadão local, Harold Zevallos Salas, decidiu criar uma organização peruana para a reconstrução da área que foi devastada. A ideia é que o trabalho contasse com a ajuda de jovens de vários países.

A Pisco Sin Fronteras (PSF) tem o objetivo principal de construir casas e entregá-las à população de baixa renda da região. Os voluntários, 1586 que já passaram pela instituição, de 48 nacionalidades diferentes, participam de todo processo de montagem de moradias de madeira, que são uma solução temporária, ou de earthbag, a grande aposta da ONG.



Earthbags são sacos de plástico que são preenchidos com terra e devem ser empilhados como tijolos e revestidos com o acabamento normal de uma casa. O método foi adotado por ser simples de executar e bastante resistente a terremotos e inundações. Além disso, o custo de construção de uma casa com esse tipo de material é muito baixo.

Os voluntários devem ficar no Peru por no mínimo duas semanas e além do trabalho de construção também podem participar de atividades de recreação com crianças, dar aulas de inglês ou computação, pintar murais de escolas ou ajudar integrantes de um centro comunitário de pescadores. Um projeto de ensino da tecnologia e produção de biodiesel também está em funcionamento e vagas para cargos de direção sempre são abertas a interessados. Desde sua criação, a ONG já realizou mais de 320 trabalhos junto à comunidade.

O contato com a população é bastante incentivado. Nos sábados, pela manhã, a casa da ONG abre as portas para receber moradores e realizar um intercâmbio lingüístico e cultural. Os finais de semana são livres, após as 12h de sábado, e muitos voluntários aproveitam para viajar e fazer turismo nas redondezas da cidade.

Amy Rock, jovem americana, escreveu no blog da organização que “quando reflito sobre o meu tempo antes de vir para cá e meu tempo aqui na PSF, acho que todas essas pessoas que me diziam que era louca por vir é que são loucos por não estarem aqui, não experimentar o que nós, como voluntários experimentamos todos os dias. Após um árduo dia de trabalho podemos sentir que tudo o que fizemos era importante, mesmo que para apenas uma pessoa, para uma família, ou para toda a comunidade de Pisco”.

#### Serviço

Interessados em doar podem conferir ideias da Pisco Sin Fronteras para arrecadação de fundos acessando <http://www.piscosinfronteras.org/fundraising-from-home.html>.

Interessados em trabalho voluntário devem se cadastrar pelo site [www.piscosinfronteras.org](http://www.piscosinfronteras.org). A organização oferece café da manhã, jantar e estadia aos voluntários pelo valor diário de US\$16. Demais custos ficam por conta do interessado.

#### **Rede Feminina de Combate ao Câncer**

A sala da Rede Feminina de Combate ao Câncer em Brasília é muito aconchegante. Objetos de decoração feitos pelas voluntárias decoram todo o espaço; em um canto está uma estante bem grande com muitos livros, novos, que estão à disposição de quem chega. As paredes

brancas trazem um detalhe adesivado da logo da ONG com a seguinte frase de Lisa Genova: quando não há mais certezas possíveis, só o amor sabe o que é verdade. Tudo bem com cara de mulher mesmo.

Dos lugares que visitei, a Rede foi o que mais me impressionou quanto à organização e força do voluntariado. São 80 voluntários, que tem horários e atividades estabelecidas conforme a capacidade de cada um, a maioria mulheres, todas uniformizadas e muito unidas. Parece que o trabalho faz muito bem, primeiramente, a elas. O ambiente me cativou e despertou em mim até a vontade de participar da ONG.

O trabalho começou em São Paulo, em 1947, com a fundadora Carmem Prudente. O trabalho foi estendido a estados por todo Brasil, 23 no total, e foi implantado no Distrito Federal no ano de 1996, pela presidente regional Maria Teresa Simões. O objetivo principal é dar apoio de toda ordem a mulheres que estejam passando pelo tratamento de câncer de mama e útero no Hospital de Base de Brasília.

Para isso, elas contam com 17 projetos, como a doação de cestas básicas e kits de higiene, visitas à ala de internação e cirurgia da oncologia, acompanhamento de pacientes terminais nos hospitais de apoio, acolhimento de pacientes que acabaram de receber o diagnóstico, campanhas de esclarecimento, produção de próteses mamárias móveis, ajuda para passagens e medicação, lanches e o que mais o coração mandar e a necessidade pedir.

Por dia são atendidas cerca de 80 mulheres no acolhimento e quase 300 nos lanches que são oferecidos pela manhã e pela tarde. O recurso vem totalmente de doações. “Não temos parceria governamental nenhuma, só com Deus, que é o nosso grande parceiro”, diz Vera Bezerra, coordenadora da Rede.

Doar amor, enxugar lágrimas, distribuir sorrisos. Esse é o lema da organização. “Temos muitas dificuldades porque lidamos com a morte, mas também, esperança, porque lidamos com a vida”, conta. Ela diz que sentimentos como ansiedade, egoísmo e mediocridade, infelizmente, são naturais do ser-humano.

O trabalho voluntário ajudaria as pessoas a superarem isso: “quem não vive para servir não serve para viver. Temos a obrigação de ajudar uns aos outros porque estamos todos no mesmo caminho - somos todos frágeis e podemos passar pelas mesmas situações”.

Serviço

Interessados em se voluntariar podem entrar em contato com a Rede pelo telefone 3315-1221. A ONG recebe doações pela conta do Banco do Brasil, agência 4595/0, conta corrente 11310-7.

### **Por sentir falta de fazer o bem**

Vanessa Melo, 28, visita uma vez por semana a casa de apoio da Abrace para fazer com crianças portadoras de câncer e hemopatias o que chamou de Dança que eu te conto. A psicóloga, apesar de usar seus conhecimentos para atender os problemas trazidos pelas crianças, não tem como foco ali a atuação profissional. Como voluntária, ela dança, conta histórias e faz atividades manuais com crianças de outros estados que estão fazendo tratamento em Brasília.

As crianças nem sempre estão muito dispostas ou alegres, mas ainda assim demonstram gostar da atividade. É só a “tia Vanessa” chegar que o grupo se forma, fielmente. A brincadeira preferida, segunda elas? Pintar. Nenhuma conseguiu se lembrar de outro voluntário que venha à casa somente para brincar.

Idaleça Simão, 28, é mãe de Beatriz, de seis anos. Ela está há um ano e meio na casa, entre idas e vindas à sua cidade natal em Roraima, para tratar uma leucemia. A mãe conta que a quimioterapia abate a menina e as atividades do Dança que eu te conto a ajudaram bastante a se socializar e espantar a tristeza. “Da última vez que viemos ela ficou mais no quarto, não queria sair. Com a voluntária ela acostumou mais rápido com a casa”.

Vanessa conta que no começo desse ano assumiu o desafio pessoal de trabalhar com crianças com câncer. “Sentia a falta de fazer o bem”. Ela foi para ficar seis meses na Abrace e quando avisou, as funcionárias da direção se assustaram. Normalmente as pessoas não realizam por tanto tempo uma atividade voluntária.

Tudo misturado

Porque ela faz o que faz? “Eu adoro trabalhar com crianças porque elas são muito verdadeiras em tudo. Você sente transparência, simplicidade. Gosto do contato com as crianças e gosto do impacto que tem. É muito bom saber que posso fazê-las mais felizes naquele momento”. Desde que começou o trabalho voluntário já passou pela perda de uma menina, por várias internações e pelo processo de adaptação de crianças que tiveram membros amputados.

Em um dos dias de atividade, recebeu críticas desmedidas de uma mãe que havia sido recebida por um dia na casa. A mulher se chateou quando Vanessa não recebeu o desenho de uma das crianças que participavam da brincadeira. A voluntária escutou a bronca e continuou com o trabalho. “Acho que meu foco me motiva, porque você só persiste em algo se ama o que está fazendo ou as pessoas. Mas, se o contexto fosse totalmente negativo, se nem a Abrece me apoiasse, eu pararia. O voluntário tem suas motivações internas, mas precisa do apoio da instituição, senão fica difícil”, diz.

Vanessa acredita que essas motivações pessoais para uma boa ação estão ligadas normalmente a duas coisas: “às vezes as pessoas ajudam muito por conta da religião e dos valores que ela está seguindo, ou então pela experiência de vida, ela se sente na responsabilidade de ajudar o outro pelo que passou”. No seu caso, foi a primeira opção: vinda de uma família cristã e influenciada por sua mãe que sempre foi muito envolvida nos trabalhos da igreja que freqüentavam, Vanessa trabalhou com dança para crianças e jovens por muitos anos ali.

Anos mais tarde, acabou ficando sem ter onde desenvolver sua paixão. Foi então que encontrou no voluntariado um meio de suprir a falta daquilo que transformou em um estilo de vida: a ajuda ao próximo. Para ela, suas atitudes estão misturadas de modo natural com sua criação, a expressão da sua personalidade e valores que a impellem a “passar por cima de coisas aversivas por amor”.

Até mesmo sua família não entendeu a necessidade de encaixar mais um compromisso em sua agenda lotada, mas ela explica: “tenho objetivos que desejo alcançar”. Fazer o bem faz mesmo falta em sua vida.

Veja um vídeo da Vanessa em atividade com as crianças aqui.

### **O que faz bem pra alma**

Dia cheio na Rede Feminina de Combate ao Câncer. Na sala administrativa, voluntárias enchem potinhos de shampoo, condicionador e hidratante que serão entregues junto com uma cesta básica a mulheres que estão internadas no corredor da oncologia. Quem chega, logo é convidado para se unir ao trabalho. Sentada, trabalhando, está Rosa. Parece voluntária, mas é uma paciente do hospital. “Estou esperando a Verinha. Quero ver com ela uma ajuda”. A senhora de uns 50 anos, que está com um câncer de mama e desempregada, se sente bem no ambiente e sabe que ali pode encontrar ajuda.

Vera Lucia Bezerra, 44, chega. “Vou já te atender”, diz. A sala continua a maior correria. Todas param para cumprimentar carinhosamente a coordenadora da Rede. Depois de providenciar uma cesta básica para Rosa, Verinha ainda tem muitas demandas para resolver. Ela está envolvida em todo trabalho realizado ali. Faz visitas nos quartos, ajuda no bazar, decora a ala do hospital com bandeirinhas de festa junina, tudo que for preciso para “ajudar a paciente a se reerguer. Fico 24h ligada na rede, meu celular não pára. Ando o hospital inteiro, onde tiver um paciente precisando, eu vou”.

Verinha é como é conhecida no Hospital de Base de Brasília. E muito conhecida. Ela é a chefe das voluntárias que são chamadas de anjos cor de rosa (conheça Conceição Mafra), cor do jaleco que usam nos atendimentos. Está entre os poucos profissionais contratados pela Rede, juntamente com um secretário e uma psicóloga. Trabalhou sem remuneração por muito tempo, ao lado da mãe, uma das primeiras voluntárias da ONG.

“Meu emprego era na antiga Codhab, mas sabia que não era aquilo que eu queria fazer”, conta. Ali, sua vontade era ajudar todos que chegavam, formalizando os processos para a entrega de lotes. Era chamada de Madre Teresa de Calcutá pelos colegas e sua fama foi só se espalhando. “Até que eu chutei o balde e decidi fazer o que ia servir o próximo, o que ia fazer bem para minha alma”. Vera desistiu do emprego com um bom salário para assumir o cargo na rede, ganhando na época aproximadamente R\$ 100.

Segundo ela, o trabalho a fez mesmo muito bem. “Foi um casamento perfeito, a Rede é minha casa”. Antes de se decidir, Vera ficava pensando: “será que o problema do outro não é mesmo problema meu?”. Descobriu que se envolver e se doar é mais que uma responsabilidade interpessoal, “é maravilhoso”. Mesmo no mundo egoísta em que vivemos, defende, ainda é possível lutar pelos próprios sonhos sem, contudo, viver o tempo todo fechado em sua individualidade.

Sonho mesmo para ela é que as empresas brasileiras adotem a prática de abrir, ao menos, duas vagas para pessoas curadas do câncer, fazendo-os voltar para o mercado de trabalho. “Quando olhamos um paciente não enxergamos a doença, mas alguém que está passando por ela, por uma fase difícil”.

E o que é dito às atendidas é, sempre, que essa fase vai passar. Junto com as voluntárias, mulheres em tratamento repetem a frase: “eu quero, eu posso, eu consigo!”, e seguem ordenando que não estão presas àquela situação. “Dentro do nosso universo, falo que a principal força que faz as coisas mudarem é Deus. A fé é capaz de mudar qualquer situação na

sua vida”, acredita. A coordenadora defende que o amor indiscriminado de Deus nunca distribui às pessoas doença alguma. “Eu acho que o câncer é causado pela depressão, mágoa, ódio, os quais todos estamos expostos”.

### Trabalhando pessoas

A família Bezerra nunca teve ninguém com câncer. Mas já passaram por muitas dificuldades. Esse é um dos motivos que levou mãe, irmãos, filhos e sobrinhos de Vera a se envolverem com o trabalho voluntário. Ela se emociona ao se lembrar da pobreza que viveu na infância. “Ficava me perguntado: meu Deus! Porque a gente tem que vir para escola pra comer? Mas meus pais ensinaram sempre a dividir. Se alguém tinha um par de chinelos, ficava usando um pé e emprestava o outro. Queria uma vida melhor não só pra mim, fui criada pra doar”.

É por isso que hoje, para entrar na Rede Feminina o requisito básico é ter amor para dar. Para permanecer trabalhando, amor para persistir. E adivinha qual o tratamento dado aos voluntários? Amor. “Muitas pessoas chegam aqui fechadas, não sabem como expressar afetividade. Alguns chegam com problemas emocionais. Começamos a trabalhar a pessoa, abraçamos, beijamos e daqui a pouco elas estão melhores”, explica Vera.

O ambiente é diariamente preservado, para se manter sempre positivo. “Aqui é proibido se apegar. Quando perco uma paciente que gosto muito, entro pra um quarto e choro tudo que tenho pra chorar, mas nunca cheguei nessa sala com o coração fechado”. Ela diz que o objetivo da Rede ao trabalhar com pacientes terminais é fazer do tempo que a pessoa vai ficar um tempo precioso. Em casos de perda, juntas as voluntárias fazem uma oração e se lembram dos bons momentos vividos.

Bola para frente! Verinha pensa que enquanto há vida, há esperança. “Não sou eu que dou nem tiro a vida de ninguém, então eu somente vivo ao lado”. Ao lado de quem? De quem precisar. “Devemos ajudar todas as pessoas, não só as que tem problemas. Todos merecem ser cuidados e meu papel não é nunca culpar ou julgar, mas fazer o que está ao meu alcance. O próximo é qualquer um que está por perto”.

### Voluntários Online

O Instituto Voluntários em Ação nasceu em 1998 por uma iniciativa da sociedade civil de Santa Catarina. Era mais um dos centros de voluntariado incentivados pelo programa Comunidade Solidária, da então primeira-dama do Brasil, Ruth Cardoso, fazendo parte da

Rede Brasil Voluntário. Servia como elo entre quem queria ajudar e quem precisava de ajuda. Dessa forma, manteve sua atuação restrita à sensibilização e à mobilização da comunidade e empresas catarinenses.

Porém, após uma década, o centro estava se esvaziando e o trabalho não apresentava mais tantos resultados. Uma visita da direção do Instituto a centros de voluntariado americanos abriu novas perspectivas. Sites ao redor do mundo inteiro, inclusive o portal UN Volunteer, mantido pela ONU, estavam captando um grande número de pessoas para a causa do voluntariado, facilitando os contatos e divulgando ações.

Foi assim que surgiu o portal Voluntários Online, que hoje, após quase três anos de funcionamento, tem atuação mundial. “Podemos dizer que nós quem sistematizamos o voluntariado online no Brasil, tanto é, que temos a chancela das nações unidas para trabalhar essa modalidade aqui”, explica Vanessa Aguiar de Jesus, 30, consultora de mídias sociais da instituição.

Eles contam com aproximadamente 34 mil pessoas cadastradas. Dessas, a metade efetivamente atua como voluntário. Dez mil atividades voluntárias já foram realizadas exclusivamente pela internet. Alguns cadastrados usam o site para encontrar ONGs próximas, onde possam realizar trabalhos presenciais, mas a maioria faz tudo sem sair de casa.

Minha primeira impressão ao descobrir a novidade não foi positiva. Logo julguei a iniciativa como mais um produto da geração fast food em que vivemos, que quer conseguir resultados sem grandes esforços. Naquele dia, pensei que um bom slogan para o trabalho seria “limpe sua consciência sem suor”. Mas uma única resposta de Vanessa já me fez mudar de ideia. “Esse tipo de voluntariado só é positivo, porque trabalha o que as organizações mais precisam: questões ligadas à gestão”.

Ela explica que faltam profissionais competentes na administração das ONGs e os voluntários online, em sua maioria com nível superior, suprem essa carência de maneira satisfatória. “Não achamos que a internet tira a pessoalidade da ação porque para esse tipo de trabalho os meios de comunicação e tecnologia conseguem resolver bem o contato”.

Eles são jovens, normalmente de 18 a 35 anos, advogados, administradores, nutricionistas, pedagogos, contadores, publicitários, designers, tradutores... Normalmente com uma atuação ligada ao seu ramo de atuação profissional, dedicam parte do tempo para continuarem trabalhando, só que de graça, em favor da sociedade.

Vanessa acredita que essa modalidade de voluntariado não irá substituir a velha e tradicional visita a creches e asilos. “Uma coisa nunca exclui a outra. Sempre vamos ter voluntários presenciais, que é uma coisa que existe desde que o mundo é mundo. O voluntariado online inaugura uma opção para aquelas pessoas que querem ajudar com o que tem de melhor, que são suas habilidades profissionais, e não sabem como ou não tem tempo”. Ela conta que muitos parceiros do portal acabam fazendo as duas coisas, ajudam pela internet e também visitam presencialmente a ONG.

A maior dificuldade da organização é mesmo o outro lado: quem recebe os voluntários cibernéticos. Muitas instituições não estão preparadas para se incluírem tecnologicamente e, nem ao menos, sabem como fazer buscas para encontrar voluntários cadastrados com o perfil desejado. São 500 entidades cadastradas, mas somente uns 30% efetivamente utiliza o trabalho. Por isso, no banco do Voluntários Online tem muito mais gente esperando para ajudar do que precisando de ajuda.

“Eu tenho certeza que a maioria dos voluntários online procuram porque querem ajudar e não só por uma experiência profissional. As pessoas cada vez mais são conscientes do papel delas como cidadão e querem exercer essa cidadania de forma plena”, defende a jornalista.

Segundo ela, assim como a internet se tornou um meio de busca de informações para outros fins, quem quer ajudar, usa a internet. “Eu creio que o ser-humano tem essa vontade de ajudar, de transformar. O que tem acontecido agora é que as pessoas têm mais facilidade de se articular. Hoje em dia o que a gente vê é que existem várias formas de se ajudar, que são formas fragmentadas”, diz.

Veja trecho da entrevista com Vanessa, aqui.

Serviço

Para conhecer mais do trabalho do portal e se cadastrar, acesse o site [www.voluntariosonline.org.br](http://www.voluntariosonline.org.br)

### **Editorial do amor**

Parece que, atualmente, as pessoas não vêem ligação entre justiça social e amor. Igualdade de direitos e solidariedade. O professor e teólogo João Pedro Gonçalves me disse, apropriadamente, que “nosso mundo acredita que os valores sociais como igualdade e direitos



humanos são da competência de legislações feitas por homens especialmente constituídos para esse fim. Nas sociedades modernas, as coisas já não são determinadas por questões emocionais ou religiosas como os conceitos de amor e solidariedade”.

É por isso que, facilmente, encontramos pessoas que apreciam o conceito de amor incondicional, mas não acham que isso tenha algo a ver com sua condição ou qualidade de vida ou com a miséria que está ao seu redor. Faço parte desse grupo, todos fazemos. O pensamento desse mundo é que somos todos iguais – mas nada de colocar o amor no meio, afinal isso é um sistema capitalista e é assim que funciona.

Posso, sinceramente, ter o amor como valor fundamental da minha existência e nunca pensar que isto está, de alguma forma, ligado ao meu dinheiro, à forma como gasto meu tempo, aos sacrifícios que faço. Posso muito bem amar e pensar que nada tenho a ver com as favelas que se amontoam pelos cantos da cidade, ou com moradores de rua que ameaçam nossa segurança.

Claro que posso! Cada um sabe a dor que carrega, tantos problemas pessoais, tantos afazeres, cada um sabe como ajudar. Não despreze uma família que saiba conviver amorosamente e pense que isso é suficiente. Todos sabemos o quanto isso, somente isso, já é raro. O que dizer, então, quanto aquelas pessoas que ajudam o vizinho, os amigos, os seus “pares”? Isso é maravilhoso! Enxergar o parceiro de jornada, em tempos de esgoísmo absoluto, já pode ser considerado uma visão além do alcance.

Acredito profundamente no valor do amor como base para todos os relacionamentos que construímos. Mas será que os próximos – a quem devemos amar – são somente aqueles que são parecidos conosco? Vejo amor nas paradas gays, onde os manifestantes se defendem uns aos outros com unhas e dentes. Mas existe ali amor para a discordância? Existe amor para brancos nos movimentos negros? Existe amor para gente diferenciada na elite paulista? Existe amor onde deveria haver amor? Nas igrejas, nos casamentos, nos corações?

Sei o quanto é difícil falar de injustiça sem falar de política, falar de melhoria social sem parecer panfletária ou socialista, mas meu interesse nunca foi nada disso, nem neste projeto nem na minha vida. Meu interesse é sempre pelo amor. O que é? Como se manifesta? Como vivê-lo? Até onde vai? O que tem a ver com tudo isso? O amor me angustia. O amor me tira de dentro de mim mesma. Me faz querer achar um caminho, me faz querer ir um pouco mais além. Me faz querer conhecê-lo, entendê-lo e acima de tudo, vivê-lo.

Será que nasci assim? Será que todos temos esse amor dentro de nós e precisamos apenas ouvir a sua voz? Acho que sim e também que não. Sei que existe dentro de nós algo divino – logo, algo amoroso, gracioso, altruísta. Essa seria minha explicação para o fato de que sempre esperamos que uma mãe seja protetora ou que as juras de amor sejam sinceras. Esse seria o amor que está em nós e precisamos ouvir atentamente, se quisermos ser pessoas que ajudam nossos pares, como disse acima.

Mas por outro lado, paradoxalmente, sei que amar incondicionalmente, sem medidas, como a mim mesma, além dos limites das minhas forças, não é nada natural. É louco e totalmente contrário à nossa natureza. É até feio em algumas situações. Esse amor eu aprendi. Com meus pais, com muitas pessoas, com a bíblia, com Cristo. Sua validade pode ser questionada, claro. Tudo pode. Questione minha fé, que eu te mostro minhas obras.

O teólogo João Pedro me explicou: “de alguma forma, a questão do profissionalismo - a pessoa está ali para aquilo - faz com que alguns ajam em favor de outros. Outras vezes, a questão não tem conotações religiosas, mas ideológicas - esse era o caso do socialismo clássico, onde todos trabalhariam em função de todos e a questão religiosa seria, inclusive, abominada. Quando a questão envolve a religião, também varia. Um espírita, por exemplo, entende que as boas obras fazem parte do seu chamado como homem. Para o católico, as boas obras ajudam no seu processo de salvação. Para o protestante típico - histórico - as boas obras não são tão necessárias. Para ele, a igreja é espiritual, ela promove as boas ações por levar Cristo e a salvação para as pessoas”.

Como protestante, não faço obras para ser salva ou para encontrar paz interior. Tenho o fim claro de usar as obras como isca. Quero fisgar corações para o evangelho. E onde estaria o amor nisso? Pela minha fé, o amor está em compartilhar o bem maior que tenho, a salvação. É por meio dela que quero mudar o meu mundo e o de outras pessoas. É este amor que está por trás de mim e do que escrevo. Descobrir o que, semelhantemente, está por trás das pessoas é minha maior xeretice de repórter, sempre.

Nesse blog teve espaço pra amar o diferente. Queria pessoas e suas atitudes. As motivações alheias às minhas não foram deixadas de fora. Abro meu tesouro aqui, as pessoas entrevistadas abrem um pouco do seu nas matérias, compartilhe também! Quem foi que disse que não podemos discutir o amor? Quem foi que disse que não podemos, antes, vivê-lo?

## CRONOGRAMA

- Realização das pautas e desenvolvimento do blog:

Semana 27-02 abril	Entrevista CVV.
Semana 03-09 abril	Entrevista Giração.
Semana 10-16 abril	Entrevista Ame uma criança. Entrevista Abrece. Entrevista Ampare.
Semana 17-23 abril	Entrevista Rede Feminina.
Semana 24-30 abril	Entrevista MCM.
Semana 01-07 maio	Entrevista Rede Anjos do Amanhã. Primeira versão do blog no ar.
Semana 08-14 maio	Entrevista Maiara Dornelles. Entrevista Diego Iraheta.
Semana 15-21 maio	Entrevista Voluntários Online. Entrevista Missão Vida. Redação textos do primeiro eixo.
Semana 22-28 maio	Entrevista Daniela Santos. Revisão textos do primeiro eixo.
Semana 29-04 junho	Redação textos do segundo eixo.
Semana 05-11 junho	Entrevista Giuliano Ferreira. Redação textos do segundo eixo. Redação textos do terceiro eixo.
Semana 12-18 junho	Entrevista Conceição Mafra Redação textos do quarto eixo. Redação da memória do projeto. Segunda versão do blog no ar.
Semana 19-25 junho	Publicação das editorias “Palpite” e “#ficaadica”.